

**Celestino Domingos Tavares Silva**

**O antigo Campo de Concentração do Tarrafal**  
**Da opressão à valorização cultural**

Orientador: Professor Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes

Coorientador: Arquiteto Nuno Bernardo Griff

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Lisboa

2018

**Celestino Domingos Tavares Silva**

**O antigo Campo de Concentração do Tarrafal  
Da opressão à valorização cultural**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 26 de setembro de 2018, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Lusófona de Humanidades e Nomeação nº: 258/2018, de 17 de Julho de 2018, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Carlos Bobone Ressano Garcia. [ULHT]

Arguente: Prof. <sup>a</sup> Doutora Filipa Alexandra Gomes da Silva Oliveira Antunes. [ULHT]

Orientador: Prof. Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes. [ULHT]

Coorientador: Arquiteto Nuno Bernardo Griff. [ULHT]

Vogal: Prof. Doutor António José Marques Vieira de Santa-Rita. [ULHT]

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Lisboa  
2018

## **Epígrafe**

“Proteger, reabilitar e integrar o Campo Concentração Tarrafal de Santiago”.

## **Dedicatória**

*Aos meus filhos, Elcemir Silva e Elcediane Silva. À minha esposa, por educar os meus filhos durante a minha ausência, criando as condições para que eu, longe de casa, pudesse realizar este trabalho. Aos meus pais e aos meus irmãos, em particular ao Danilson Silva. A todos os familiares, por acreditarem e apoiaram a minha motivação.*

## **Agradecimentos**

*Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Flávio Lopes e ao meu Coorientador Arquiteto Nuno Grift, a disponibilidade e tempo que dedicaram a este trabalho, orientando as pesquisas e fazendo todas as correções e críticas para o seu enriquecimento.*

*Aos meus professores João Borges da Cunha, Maria Rita Pais, pelo apoio que me prestaram. Ao Instituto do Património Cultural de Cabo Verde, ao Arquivo Histórico de Cabo Verde e à Câmara Municipal do Tarrafal de Santiago, pela documentação disponibilizada e pela simpatia e incentivo que demonstraram perante a temática a desenvolver.*

*Aos colegas do curso que me acompanharam nesta caminhada, por terem partilhado conhecimentos e momentos únicos que nunca esquecerei.*

*Um muito obrigado direcionado para o meu irmão Danilson Tavares Silva, que participou desde o início neste projeto colocando à minha disposição os meios técnicos da sua empresa Topdrones para a obtenção de imagens aéreas do Tarrafal.*

*Agradeço ainda aos meus clientes fiéis, os quais me possibilitaram, durante o curso de Arquitetura, uma prática direta com projetos e obras.*

*A todos os que de alguma forma me apoiaram, o meu MUITO OBRIGADO!*

---

## Índice

<b>EPÍGRAFE</b>	<b>3</b>
<b>DEDICATÓRIA</b>	<b>3</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>3</b>
<b>ÍNDICE</b>	<b>4</b>
<b>ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES</b>	<b>7</b>
<b>RESUMO</b>	<b>12</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>13</b>
<b>ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<b>17</b>
<b>ESTADO DA ARTE</b>	<b>17</b>
<b>METODOLOGIA E ETAPAS DO ESTUDO</b>	<b>21</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>22</b>
<b><u>CAPÍTULO 1</u> DESCRIÇÃO FÍSICA</b>	<b><u>23</u></b>
<b>1.1 1. IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA DO ESTUDO</b>	<b>23</b>
1.1.1 CABO VERDE	23
1.1.2 ILHA DE SANTIAGO	24
1.1.3 CONCELHO DO TARRAFAL	25
<b>1.2 O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL</b>	<b>28</b>
<b>1.3 A RELAÇÃO COM A PAISAGEM ENVOLVENTE</b>	<b>29</b>
<b>1.4 DESCRIÇÃO FÍSICA DOS ESPAÇOS E DOS EDIFÍCIOS</b>	<b>30</b>
1.4.1 SITUAÇÃO ATUAL – DESCRIÇÃO GERAL	30
1.4.2 SITUAÇÃO ATUAL – DESCRIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES	33
<b>1.5 ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFICADO</b>	<b>50</b>
<b><u>CAPÍTULO 2</u> DESCRIÇÃO HISTÓRICA</b>	<b><u>52</u></b>
<b>2.1 A FUNDAÇÃO DO CAMPO CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL</b>	<b>52</b>
<b>2.2 EVOLUÇÃO E ALTERAÇÕES FÍSICAS</b>	<b>56</b>
<b>2.3 O USO ORIGINAL DOS EDIFÍCIOS</b>	<b>65</b>
<b>2.4 O SISTEMA DE SEGURANÇA</b>	<b>67</b>
<b><u>CAPÍTULO 3</u> O SIGNIFICADO CULTURAL</b>	<b><u>70</u></b>



<b>3.1</b>	<b>O VALOR DE MEMÓRIA</b>	<b>70</b>
<b>3.2</b>	<b>A MÚSICA COMO FATOR DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA</b>	<b>71</b>
<b>3.3</b>	<b>O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NA LITERATURA E NA POESIA</b>	<b>74</b>
<b>3.4</b>	<b>A IMPORTÂNCIA INTERNACIONAL</b>	<b>76</b>
<b>3.5</b>	<b>TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO</b>	<b>77</b>
<b>3.6</b>	<b>O TURISMO E AS VANTAGENS ECONÓMICA DO PATRIMÓNIO</b>	<b>78</b>
<b>3.7</b>	<b>ARQUITETURA PRISIONAL: ESTUDO COMPARATIVO DE INICIATIVAS DE MUSEALIZAÇÃO</b>	<b>79</b>
3.7.1	FORTE DE PENICHE – PORTUGAL	79
3.7.2	CAMPO DE CONCENTRAÇÃO E EXTERMINAÇÃO NAZI DE AUSCHWITZ, NA POLÓNIA	84
<b>3.8</b>	<b>CONCLUSÕES: VALORES A PROTEGER</b>	<b>89</b>
<b><u>CAPÍTULO 4 ESTRATÉGIA DE CONSERVAÇÃO / IDENTIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS</u></b>		<b>90</b>
<b>4.1</b>	<b>CONSERVAÇÃO FÍSICA</b>	<b>90</b>
<b>4.2</b>	<b>PATOLOGIAS DAS ESTRUTURAS EDIFICADAS</b>	<b>91</b>
4.2.1	ESTRUTURAS	91
4.2.2	FACHADAS E INTERIORES	91
4.2.3	COBERTURAS	92
<b>4.3</b>	<b>AÇÕES DE MANUTENÇÃO NECESSÁRIAS</b>	<b>92</b>
4.3.1	ESTRUTURAS	92
4.3.2	COBERTURAS	93
4.3.3	FACHADAS E INTERIORES	93
4.3.4	CONDIÇÕES DE USO (REDE DE INSTALAÇÃO TÉCNICA)	93
<b>4.4</b>	<b>RELAÇÃO COM A ENVOLVENTE: NECESSIDADE DE UM REGULAMENTO</b>	<b>95</b>
4.4.1	MODIFICAÇÃO DA ENVOLVENTE	95
<b>4.5</b>	<b>RELAÇÃO COM A COMUNIDADE – CONGREGAÇÃO DOS VALORES</b>	<b>98</b>
4.5.1	RELAÇÃO COM A POPULAÇÃO	98
4.5.2	RELAÇÃO COM AS ESCOLAS	98
4.5.3	VISITAS	99
4.5.4	ACONTECIMENTOS	99
<b><u>CAPÍTULO 5 ESTRATÉGIA DE CONSERVAÇÃO A LONGO PRAZO</u></b>		<b>101</b>
<b>5.1</b>	<b>INVENTARIAÇÃO E INVESTIGAÇÃO</b>	<b>101</b>
<b>5.2</b>	<b>PLANO DE GESTÃO</b>	<b>104</b>

5.2.1	PLANO DE OBRAS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO	104
5.2.2	PLANO DE OBRA DE REABILITAÇÃO FUNCIONAL	105
5.2.3	CRIAÇÃO DE CONDIÇÕES PARA A VISITA E PARA USOS ESPECÍFICOS	107
5.2.4	ESPAÇO DE VENDA	108
5.2.5	RESTAURANTE	108
5.2.6	RENTABILIZAÇÃO DE SERVIÇOS	109
<b>5.3</b>	<b>ESTRATÉGICA DE DIVULGAÇÃO</b>	<b>109</b>
5.3.1	ORÇAMENTO PARA A COMUNICAÇÃO E CANAIS DE COMUNICAÇÃO A SER ESCOLHIDO	109
<b>BIBLIOGRAFIA</b>		<b>111</b>
<b>APÊNDICE - FICHAS DE RESUMO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFICADO</b>		<b>115</b>
	<b>CENTRAL ELÉTRICA</b>	116
	<b>MORADIA DE ENCARREGADO DE CENTRAL</b>	117
	<b>MORADIAS DOS ENFERMEIROS</b>	118
	<b>MORADIA DE TRÊS GUARDAS DE PSP DE CABO VERDE</b>	119
	<b>MORADIAS DOS MOTORISTAS</b>	120
	<b>MORADIAS DE TRÊS GUARDA DA PSP DE ANGOLA</b>	121
	<b>CASERNA DOS SOLDADOS</b>	123
	<b>REFEITÓRIO E SALAS DOS SOLDADOS</b>	124
	<b>COZINHA</b>	125
	<b>PARQUE DE VIATURA MILITARES</b>	126
	<b>CAMARATAS DOS SARGENTOS E GUARDAS DOS OFICIAIS</b>	127
	<b>MORADIA DE TRÊS GUARDA DO PSP DE CABO VERDE</b>	129
	<b>PAIOL</b>	131
	<b>CASAS DE GUARDA</b>	132
	<b>CELAS DOS PRESOS POLÍTICOS ANGOLANOS</b>	135
	<b>CELAS DOS PRESOS DE DELITO COMUM</b>	136
	<b>ENFERMARIA</b>	137
	<b>SALA DE LEITURA</b>	139
	<b>LAVANDARIA</b>	140
	<b>COZINHA E “HOLANDINHA”</b>	144
<b>ANEXO</b>		<b>145</b>

## Índice de ilustrações

Figura 1. Localização de Cabo Verde em relação ao Continente Africano.....	24
Figura 2. Localização da ilha de Santiago no arquipélago de Cabo Verde. Fonte: P.D.M.T.S.....	25
Figura 3. Mapa do concelho do Tarrafal e da sua divisão administrativa. Fonte: P.D.M.T.S.....	27
Figura 4. Enquadramento geográfico do Campo Concentração do Tarrafal. ....	29
Figura 5. Foto aérea da cidade do Tarrafal. ....	30
Figura 6. Vista aérea da antiga Colónia Penal do Tarrafal. Vista aérea, vendo-se a avenida que dá acesso ao complexo prisional. ....	31
Figura 7. Relação do Campo agrícola (colonato) com o ex-Campo de Concentração. ....	32
Figura 8: Conjunto arquitetónico.....	33
Figura 9. Muralha pelo interior e exterior. Fonte: CMT, acedida em 17-05-2018.....	35
Figura 10. Central elétrica .....	35
Figura 11. Quatro habitações destinadas ao encarregado da central elétrica, a um guarda da PSP de Angola e a um subchefe da PSP de Angola. ....	36
Figura 12. Moradias dos enfermeiros .....	36
Figura 13 Três moradias destinadas a três guardas da PSP de Cabo Verde .....	37
Figura 14. Moradias dos motoristas.....	37
Figura 15. Moradias de três guarda da PSP de Angola. ....	38
Figura 16. Aspeto das arrecadações.....	38
Figura 17. Caserna dos soldados .....	39
Figura 18. Refeitório e salas dos soldados.....	39
Figura 19. Cozinha.....	40
Figura 20. Parque de viatura militares. ....	40
Figura 21. Camaratas dos sargentos e guardas dos oficiais. ....	41
Figura 22. Secretaria. ....	41
Figura 23. Moradia de três guarda do PSP de Cabo Verde. ....	42
Figura 24. Aquartelamento dos guardas auxiliares e antigo padaria. ....	42
Figura 25. Paiol.....	43

Figura 26. Casas dos guardas.....	43
Figura 27. Quarto de visita e logística. ....	44
Figura 28.. Aspetos da alameda central, com os pavilhões onde se situavam as celas dos presos. ....	44
Figura 29. Celas dos presos políticos Angolanos e Guineenses. ....	45
Figura 30. Celas dos presos de delito comum .....	45
Figura 31. Enfermaria. ....	46
Figura 32. Pavilhão de múltiplas funções.....	46
Figura 33. Sala de leitura. ....	47
Figura 34. Lavandaria. ....	47
Figura 35. Latrinas. ....	48
Figura 36. Segundo pavilhão de múltiplas funções. ....	49
Figura 37. Latrina. ....	49
Figura 38. Cozinha e “holandinha” .....	50
Figura 39. Campo Concentração – 2014. Fonte: Fotografia da CMT .....	52
Figura 40. Seminário/Liceu em 1897 e uma parte da povoação da Ribeira Brava. Fonte: imagem do livro “O Seminário-Liceu de São Nicolau - Contributo para a História do Ensino em Cabo Verde” .....	54
Figura 41. Planta do Campo de Concentração de Cabo Verde na ilha do São Nicolau-Tarrafal. Fonte: Revista do “Simpósio Internacional sobre memória do Campo de Concentração do Tarrafal” – 2009.....	55
Figura 42. Estudo da localização da colónia Penal. Fonte: Revista do “Simpósio Internacional sobre memória do Campo de Concentração do Tarrafal” – 2009. ....	55
Figura 43. Projeto 2ª fase. Fonte: Imagem “Arquivo Histórico Nacional Cabo Verde”. .....	58
Figura 44. Imagem da 2ª fase, durante a construção. Fonte: Imagem “Arquivo Histórico Nacional Cabo Verde” .....	58
Figura 45. Enquadramento da Frigideira. Fonte: Imagem da revista “Memória do Campo de Concentração do Tarrafal, pag. 28 e 29” .....	59
Figura 46. Frigideira. Fonte: imagem do livro “Tarrafal Testemunhos, pag. 13” .....	59
Figura 47. Planta conjunto de ampliação do Campo 1965. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175.....	60

---

Figura 48. Planta conjunto de ampliação do Campo 1967. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175.....	61
Figura 49. Planta conjunto de ampliação do Campo após 1967. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96 .....	61
Figura 50. Planta parcial de ampliação do Campo 1965 - edifício nº 256 1 (deposito de lenha). Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96.....	62
Figura 51. Planta parcial ampliação do Campo 1965 – Edifício nº 256 2 e 256 3 (celas). Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96 .....	62
Figura 52. Planta parcial de ampliação do Campo 1965 – Edifício nº 256 4 (arquivos). Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96.....	62
Figura 53. Planta parcial de ampliação do Campo 1965 – Edifício nº 256 5 (deposito de pólvora). Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96.....	63
Figura 54. Plantas remodelação edifício nº 256-M (Aquartelamento dos guardas auxiliares) 1966. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175 .....	63
Figura 55. Plantas remodelação edifício nº 256-X (Moradia de um guarda da PSP de Angola) 1966. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175.....	64
Figura 56. Plantas de remodelação do edifício nº 256-Z (Moradia do enfermeiro) 1966. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175 .....	64
Figura 57. Plantas remodelação edifício nº 256-Z” (Moradia 3 guardas da PSP/Cabo Verde) 1966. Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x1175 .....	65
Figura 58. Organização das barracas. Fonte: <a href="https://desenvolturasedesacatos.blogspot.com/2017/02/tarrafal-campo-da-morte-lenta.html">https://desenvolturasedesacatos.blogspot.com/2017/02/tarrafal-campo-da-morte-lenta.html</a> , acesso em 15-06-2018 .....	66
Figura 59. Exterior das barracas. Fonte: desenho de Rogério Amaral - “Tarrafal Testemunhos, pag. 11” .....	66
Figura 60. Organização das camas. Fonte: desenho de Rogério Amaral - “Tarrafal Testemunhos, pag. 12” .....	67
Figura 61. Pormenor de fortificação de Forte 1967. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x1175.....	68
Figura 62. Pormenor de entrada e vala da fortificação de Forte 1968. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x1175. ....	69

---

Figura 63. Capa do disco “Música cabo-verdiana” – protesto e luta, editado na Holanda pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde PAIGC (serviços culturais), em 1970. Inclui o tema Seis anos no Tarrafal, cantado por Nho Balta (Baltazar Lima Barros).....	72
Figura 64. Capa do disco “Sodade – Instrumental” de Humbertona, de 1973. Neste disco Humbertona (Humberto Bettencourt dos Santos) e Toy Ramos tocam o tema Seis One na Tarrafal.....	73
Figura 65. Capa do disco Pépé Lopi do Conjunto “Os Tubarões”, de 1976, período logo à seguir à independência.....	73
Figura 66. Capa do primeiro disco da cantora Jacqueline Fortes, em LP (1980) e em CD (1993). O título do disco é alterado para dar destaque à canção “Seis anos no Tarrafal”.	74
Figura 67. Capa de uma das edições da “Revista Claridade”.....	74
Figura 68. Alguns exemplos de influências e condicionantes que o património enfrenta. Fonte: UNESCO.....	77
Figura 69. Freguesias do concelho de Peniche, posterior a reorganização administrativa de 2013. Fonte: <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Peniche">https://pt.wikipedia.org/wiki/Peniche</a> - acesso em 07-05-2018. .....	80
Figura 70. Peniche 1939, com destacando forte e muralhas. Fonte: apresentação do grupo consultivo – DAF- cultural.....	82
Figura 71. Peniche 1940, com um troço oeste já construído. Fonte: Peniche 100 anos através de fotografia, pag. 141.....	83
Figura 72. Fortaleza 1892. Fonte: Peniche 100 anos através de fotografia, pag. 47. ...	83
Figura 73. Fortaleza até 2017: Polo Museológico. Fonte: apresentação do grupo consultivo – DAF- cultural.....	84
Figura 74. Sachsenhausen 2005. Fonte: Luana Alves .....	85
Figura 75. Buchenwald 1999. Fonte: Buchenwald memorial .....	85
Figura 76. Buna-Monowitz (Auschwitz III) – 1945. Vista geral do campo de trabalho escravo denominado de Buna-Monowitz (Auschwitz III) .....	86
Figura 77. Um dos primeiros planos do campo principal de Auschwitz em meados dos anos 1940. Fonte: site oficial Auschwitz – acesso 14-05-2018.....	87
Figura 78. Lugares e edifícios mais importante do campo de Auschwitz II. Fonte: “Contai aos vossos filhos” – Um livro sobre o Holocausto na Europa, 1933-1945.....	88

---

Figura 79. Planta de expansão sucessiva de Tarrafal e Chão bom. Fonte: P.D.M.T.S.	96
Figura 80. Apontamento de delimitação da área de proteção do Campo. Fonte: P.D.M.T.S.	96
Figura 81. Alunos das escolas locais visitando uma exposição no Campo do Tarrafal. 2009.	99
Figura 82. Imagem da assistência no Simpósio Internacional sobre o Campo de Concentração do Tarrafal, em 2009.	100
Figura 83. Sessão Solene da Assembleia Municipal em comemoração aos 101 anos da criação do Município, em 2018. Fonte: Site oficial Câmara Municipal Tarrafal de Santiago.	100
Figura 84. Exposição na cela dos presos políticos angolanos	102
Figura 85. Exposição na cela dos presos políticos guineense	103
Figura 86. Exposição na enfermaria	103
Figura 87. <i>Ficha 4 Moradia de três guardas de PSP de Cabo Verde</i>	119

## **Resumo**

Pretende-se com o presente trabalho estudar, debater e propor uma estratégia de conservação a longo prazo das estruturas edificadas do antigo Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, tendo presente o seu valor histórico e de memória reconhecido pelo governo cabo-verdiano através da classificação como bem integrante do património cultural do País.

Este espaço prisional, que esteve ativo entre 1936 e 1974, foi criado pelo governo de Salazar, no sentido de suprimir fisicamente os antifascistas mais combativos e para, ao mesmo tempo, atemorizar todos os que queriam a liberdade. Por isso, o espaço deixou a marca da violência e da repressão que atingiu portugueses, cabo-verdianos, guineenses e angolanos.

O espaço prisional foi criado com a designação de *Colónia Penal* e mais tarde de *Campo de Trabalho*. Porém, a extensa bibliografia consultada refere-o como *Campo de Concentração* do Tarrafal, *Campo da Morte Lenta* ou *Pântano da Morte*.

Na presente dissertação é realizada uma apreciação da arquitetura prisional e utilitária do *Campo de Concentração* (expressão que assumimos como a mais consensual entre os estudiosos do assunto), pois esses edifícios constituem o principal suporte da memória. Julgamos que será através da preservação da arquitetura original de todo o conjunto edificado, e não apenas de uma parte, que se conseguirá resgatar ao conhecimento dos mais novos o passado de sofrimento que existiu nesse recinto.

Propomos que o recinto assuma a sua vocação cultural direcionado ao conhecimento.

### **Palavras chave:**

Património arquitetónico; Tarrafal; Arquitetura prisional; Campo de concentração, Preservação da memória; Campo cultural; Musealização do património.



**Abstract**

The aim of this paper is to study, discuss and propose a strategy for the long-term conservation of the built structures of the former Tarrafal Concentration Camp in Cape Verde, bearing in mind its historical and memory value recognized by the Cape Verdean government through of classification as an integral part of the country's cultural heritage.

This prison space, which was active between 1936 and 1974, was created by the government of Salazar, in order to physically suppress the most combative antifascists and, at the same time, to frighten all those who wanted freedom. Therefore, the space left the mark of the violence and repression that hit Portuguese, Cape Verdeans, Guineans and Angolans.

The prison space was created with the designation of Penal Colony and later of Labor Field. However, the extensive bibliography referred to refers to it as the Tarrafal Concentration Camp, the Slow Death Camp or the Death Swamp.

In the present dissertation an appreciation of the prison and utilitarian architecture of the Concentration Camp (expression that we assume as the most consensual among the scholars of the subject) is realized, since these buildings constitute the main support of the memory. We believe that it will be through the preservation of the original architecture of the entire edifice, not only of a part, that we will be able to rescue to the knowledge of the younger ones the past of suffering that existed in that enclosure.

We propose that the campus assumes its cultural vocation directed to knowledge.

**Key-words:**

Architectural heritage; Tarrafal; Prison architecture; Concentration camp, memory preservation; Cultural field; Musealization of heritage.

**Abreviaturas e símbolos**

CMT	Camara Municipal Tarrafal
c.x.	Caixa
D.	Dom
DAF	Apresentação do grupo consultivo criado pelo Ministério da Cultura de Portugal para elaboração do programa museológico da Fortaleza de Peniche.
DG	Direção Geral
EBI	Ensino Básico Integrado
ECATI	Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Esc.	Escala
GNR	Guarda Nacional Republicana
ha	Hectare
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IG	Interessen-Gemeinschaft
IPC	Instituto Património Cultural
kg	Quilograma
km	Quilometro
km <sup>2</sup>	Quilometro ao quadrado
m	Metro
m <sup>2</sup>	Metro ao quadrado
MIT	Ministério de Infraestrutura e Transporte
N	Norte
n <sup>o</sup>	Numero
PAIGC	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PDM TS	Plano Diretor Municipal Tarrafal Santiago
PSP	Polícia de Segurança Publica
PVDE	Polícia de Vigilância e Defesa do Estado
RTP1	Radio e Televisão de Portugal um
S. Nicolau	São Nicolau
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

V	Vê
1 <sup>a</sup>	Primeira
2 <sup>a</sup>	Segunda
2 <sup>o</sup>	Segundo
3 <sup>o</sup>	Terceiro
11 <sup>o</sup>	Decimo primeiro
I	Um romano
II	Dois romano
III	Três romano
IV	Quatro romano
V	Cinco romano
XIX	Dezanove romano
XX	Vinte romano
&	E

### **Estrutura da Dissertação**

Este trabalho divide-se em cinco capítulos:

No primeiro capítulo – apresenta-se uma **descrição física** do antigo Campo de Concentração do Tarrafal, situando-o no seu espaço geográfico e caracterizando os vários edifícios que constituem o conjunto edificado;

No segundo capítulo – Aborda-se a **história do local**, incluindo a sua fundação, alterações ao longo do tempo e evolução dos usos, bem como os aspetos do antigo sistema de segurança;

No terceiro capítulo – Debate-se o atual **significado cultural** deste antigo conjunto prisional, nomeadamente a sua importância nacional e internacional, como testemunho de acontecimentos históricos, com valor de memória. Para melhor compreender o interesse cultural do local, estabelecemos paralelismos com outros presídios, nomeadamente com o Forte de Peniche (em Portugal) e o Campo de Concentração de Auschwitz (na Polónia);

No quarto capítulo – Identificam-se os **atuais problemas** relativos à conservação física das estruturas edificadas, suas condições de uso, relação com o envolvente e relação com a comunidade local;

No quinto e último capítulo – **estabelece-se uma estratégia de conservação**, com o objetivo de preservar as estruturas arquitetónicas existentes e a memória do lugar, para criar condições de uma utilização digna, levando em conta os principais critérios e normas internacionais de proteção do património cultural.

## Objetivos

Os trabalhos de investigação realizados tiveram presente a necessidade de:

- Conhecer a história do local, para identificar os valores a preservar;
- Proceder a uma análise pormenorizada das edificações, suas características e estado de conservação, para poder estabelecer uma estratégia de conservação a longo prazo;
- Conhecer outras experiências de preservação de outras estruturas prisionais para melhor poder estabelecer um programa de valorização cultural do local;

Em resultado das análises realizadas propõe-se uma estratégia de musealização das instalações do antigo Campo de Concentração do Tarrafal, a qual terá que ser realizada por etapas que:

- Evitem o abandono das edificações e iniciem um processo faseado de restauro e conservação;
- Delimitem as áreas a proteger e estabeleçam as normas urbanísticas apropriadas, as quais poderão ser criadas através da figura do Plano de Salvaguarda;
- Iniciem um processo de musealização e de criação de estruturas de apoio aos visitantes que possam trazer benefícios económicos à população.

## Estado da arte

As fontes e referências utilizadas nesta investigação apoiam-se:

- Na bibliografia que aborda alguns aspetos históricos do Campo de Concentração do Tarrafal;
- Em documentação técnica relacionada com a reabilitação arquitetónica e musealização de espaços;
- Em recomendações internacionais sobre a salvaguarda do património arquitetónico.

São no entanto poucas as fontes que relacionam os aspetos acima referidos.

---

De entre a bibliografia disponível sobre os aspetos históricos, técnicos e conceptuais, destaco as que mais contribuíram para o entendimento do significado cultural do antigo presídio.

A dissertação de Mestrado de Kleidy Simone da Moura Landim (2016), intitulada *Sentir o Espaço, contar a história*, aborda os aspetos da arquitetura como testemunho de transmissão da memória através da fenomenologia e da interação do espaço com o utilizador usando o estímulo sensorial e a análise das memórias dos antigos presos - combatentes que tudo deram por um futuro melhor para os seus países.

O trabalho elaborado por Conceição Trigueiros (2011), denominado *Panótico – As Ordens da Vigilância – uma arquitetura moralista*, refere-se à arquitetura prisional ao serviço da moral. Foi possível através desse trabalho compreender os conceitos e os modelos de Arquitetura Prisional.

O livro elaborado por Flávio Lopes e Miguel Brito Correia (2014) – *Património Cultural – Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, propõe compreender os critérios e as normas internacionais no sentido de podermos intervir no Património Cultural.

A publicação do Professor João Appleton, datado de 2011, intitulada *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e tecnologias de Intervenção*, mostra-nos como os edifícios antigos apresentam um interesse crescente, dada a evidente importância que tem vindo a ser atribuída à conservação do património construído, entendido de forma muito mais geral do que a simples visão conservacionista de monumentos e edifícios públicos de grande importância. Nessa linha de pensamento sobre a conservação do património, preservação da memória arquitetónica, integração urbanística e social e reconversão de usos, esta obra foi relevante para essa dissertação, na orientação dos processos de levantamento do edificado, na caracterização construtiva, apreciação das anomalias dos edifícios, critérios para a resolução das patologias construtivas e técnicas de reabilitação.

A obra *Cadeia do Forte de Peniche-Como foi vivida*, da autoria de Carlos Brito, datada de 2016, mostra o simbolismo do Forte de Peniche na atualidade, estrutura que serviu como cadeia durante os governos ditatoriais de meados do século XX em Portugal, e aborda linhas para o futuro.

Para compreender como preservar a memória dos presos político que passaram pelo Tarrafal obtivemos apoio no trabalho elaborado por três autores, Fernanda Mota Alves, Luísa Afonso Soares e Cristina Vasconcelos Rodrigues, intitulado *Estudo de Memória-Teoria e*

---

*Análise Cultural*, datado de 2016. Este trabalho aflora a questão da necessidade de recuperar a memória como instrumento de análise cultural com preocupações éticas. O estudo refere que, devido ao lento desaparecimento das testemunhas e vítimas do Holocausto, tornou-se necessário a registar a sua recordação, trazendo consigo o interesse crescente e generalizado pelo papel da memória na cultura. Aborda ainda o conceito da memória coletiva, através de numerosos exemplos. O problema da relação entre a memória e a História e a forma de organizar e registar as recordações que o tempo se encarrega de apagar, é igualmente importante neste estudo.

Resta ainda salientar a bibliografia completar e transversal, usada para justificar aspetos ao longo deste trabalho.

A dissertação de Mestrado de José Soares (2006), intitulada *O Campo de Concentração de Tarrafal (1936-1954): A Origem e o Quotidiano* aborda as razões da construção do Campo de Concentração e a escolha do lugar no Tarrafal. Indica quantos reclusos foram deportados para ali; quais eram as origens e os motivos das suas prisões. Relata como era o quotidiano dos reclusos dentro dessa prisão e transmite a ideia segundo a qual o Concelho de Tarrafal não foi aquilo que foi divulgado pelos antigos presos que passaram pelo Campo de Concentração, como sendo o pior dos piores sítios de Cabo Verde. Este estudo contribuiu para a elaboração do enquadramento histórico do objeto de estudo e também para cruzar informações com os depoimentos dos antigos presos do Campo.

O estudo elaborado por Paulo Lima (2010) – *Reconversão da Penitenciária e a sua Reinserção Urbana – Museu de Resistência*, na Universidade de Coimbra, propõe um processo de reconversão de uso do Campo de Concentração do Tarrafal, nesse caso para um museu. segundo Paulo Lima, essa intervenção deveria acontecer aproveitando o corredor central do interior da muralha como peça principal.

A dissertação de licenciatura, na área científica da arquitetura (projeto), da autoria de Luís Gomes Semedo (2011) – *Reabilitação Urbana*, na universidade Jean Piaget de Cabo Verde, tomou Campo de concentração do Tarrafal como objeto do estudo. Propõe potenciar o espaço e dar um novo uso para que seja possível a integração urbana, através da sua reabilitação. Tudo isso deveria acontecer através do aproveitamento do construído tanto no interior da muralha como no exterior da mesma.

O *Relatório do Plano Diretor Municipal Tarrafal Santiago* (PDM TS) – *Caraterização e Diagnóstico* (2011), que visa estabelecer e definir as Linhas Orientadoras e

Estratégicas de intervenção para o concelho foi importante para melhor conhecer as comunidades locais e as suas necessidades básicas e determinar a melhor forma de intervenção.

Foi igualmente importante conhecer o *Perfil Urbano da Cidade do Tarrafal, na Ilha de Santiago* (2012), estudo que traça o perfil da Cidade do Tarrafal. Este perfil do sector urbano foi inserido num conjunto de estudos similares referentes a outros centros urbanos do país. Esse trabalho contribuiu para a compreensão do desenvolvimento de políticas de redução da pobreza urbana na cidade do Tarrafal e em Cabo Verde no geral. Ao longo deste trabalho é notória a abordagem dos seguintes temas: Governação urbana e desenvolvimento económico; Alojamento e condições de vida nos bairros espontâneos; Segurança urbana; Serviços urbanos de base e Ambiente e riscos urbanos.

Outra dissertação de mestrado, da autoria de Cláudio Borges (2014) – *Uma Proposta de Valorização para o Museu da Resistência do Tarrafal – Santiago de Cabo Verde*, realizada na Universidade Évora, tomou como objeto do estudo o Campo de concentração do Tarrafal, propondo o desenvolvimento de um projeto de recuperação patrimonial e museográfico que possibilite a preservação do espaço e das memórias dos presos que por lá passaram. Tudo isso deveria acontecer através da proposta de um museu como um espaço das memórias, de educação e transmissão de valores e como um espaço de vivência e convivências das pessoas nacionais e internacionais.

O filme da autoria da Diana Andringa, produzido pela RTP (Portugal), intitulado *Tarrafal - Memórias do Campo da Morte Lenta*, contextualizou o ocorrido durante o regime Salazarista, durante o período de 1936 a 1974, em Cabo Verde. O filme aborda: O que era o campo concentração; o que aconteceu e como acabou.

Michel Foucault, com a obra intitulada *Viajar e Punir – Nascimento da prisão*, no capítulo III, nas páginas 162 a 187, abordou a Arquitetura Prisional, espaços fechados, recortados, vigiados em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados e onde todos os acontecimentos são registados.

O artigo do jornalista Silvino Évora e do historiador José Tavares, ambos cidadãos da Cidade do Tarrafal, publicado no jornal Nós Media (Cabo Verde) - *Campo de Concentração do Tarrafal: a verdade dos factos* e publicado em 2006, faz uma resenha da história do Campo de Concentração, a escolha do sitio, a vivência no interior e exterior,



porque foi apelidado de Campo de Morte Lenta, e explica como era o castigo máximo no interior da “frigideira”.

O artigo, da autoria de Damiano Gallinaro, publicado nas Atas do I seminário de investigação em museologia dos países de língua portuguesa e espanhola, volume 3, pp 114-123 - *O papel do museu da resistência de Chão Bom no desenvolvimento turístico da Vila do Tarrafal – Cabo Verde*, publicado em 2010, serviu para a perceção do papel de um museu no desenvolvimento do turismo desta região. Aborda a perceção dos moradores do Tarrafal sobre o Campo de Concentração, as estratégias de desenvolvimento e implementação de um futuro museu.

José Pedro Castanheira, jornalista do jornal Expresso (Portugal) publica em 2010 um artigo intitulado *Tarrafal: Verdade e mentiras do Campo do Trabalho de Chão Bom*, o qual revela as fases do funcionamento do Campo de Concentração e o respetivo contexto político.

Um novo artigo, da autoria de José Pedro Castanheira, no jornal Expresso em 2016, intitulado *Campo de Concentração do Tarrafal, 80 anos* serviu para a perceção do papel de um museu no desenvolvimento do turismo dessa região.

### **Metodologia e etapas do estudo**

O presente trabalho de investigação foi desenvolvido de acordo com as seguintes etapas:

- Escolha de um tema de extrema importância para a continuidade do desenvolvimento da Cidade do Tarrafal, tendo por base os estudos urbanísticos e as recomendações do Plano Diretor Municipal do Tarrafal;
- Análise física do local, nomeadamente geográfica e demográfica e identificação dos equipamentos escolares e equipamentos de serviços;
- Análise do objeto de estudo, com consequentemente enquadramento histórico e levantamento situação existentes através de trabalho de campo (sendo realizados registos fotográficos, e verificados os levantamentos topográfico);
- Recolha da documentação histórica disponível no Arquivo Histórico da cidade da Praia e no Instituto de Património Cultural de Cabo Verde;
- Elaboração de fichas com o estado de conservação do edificado;
- Pesquisa bibliográfica para o enquadramento teórico, sobre a preservação da memória;

- Análise de outros presídios que já foram musealizados ou estão em processo de musealização;
- Elaboração da proposta de estratégia de intervenção.

## **Introdução**

### Apresentação e Justificação do Tema

Esta dissertação é realizada no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura, que decorreu no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da ULTH Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, sob a orientação do Professor Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes e coorientação do Arquiteto Nuno Griff.

O título do trabalho, *O antigo Campo de Concentração do Tarrafal*, identifica o objeto de estudo, um dos mais importantes elementos do património cultural de Cabo Verde, que funcionou como presídio político português entre 1936 e 1976.

O subtítulo escolhido, *Da opressão à valorização cultural*, indica a preocupação pela utilização condigna dos espaços, pela integração urbana e social e pela proteção da memória. Mostra também o desejo de contribuir para a uma nova forma de abordagem no património cultural, criando uma sintonia entre as edificações outrora usadas para a função prisional e as novas edificações na envolvente, melhorando o processo de valorização e perceção dos seus valores materiais e imateriais e o espírito do lugar.

O Campo de Concentração do Tarrafal, integra atualmente o Património Cultural cabo-verdiano e nele está instalado o Museu da Resistência, o único museu a nível nacional com esta característica peculiar que transporta o visitante para um passado muito triste e recente. A sensação que transmite o antigo presídio é muito desagradável, com o seu imponente muro de basalto negro, cercado de arame farpado, com as pequenas celas onde os presos passavam todo o tipo de sofrimento físico e psicológico, dos objetos expostos no improvisado museu em memória das vítimas do regime ditatorial português e de um autêntico silêncio que paira no rosto dos visitantes ao pensar em todos aqueles que ali perderam as suas vidas e aqueles que sobreviveram e que foram obrigado a conviver com esse trauma até à morte.

# Capítulo 1 DESCRIÇÃO FÍSICA

## 1.1 1. Identificação da área do estudo

### 1.1.1 *Cabo Verde*

Cabo Verde é um país insular, dos mais pequenos do mundo, com uma superfície de 4033 Km<sup>2</sup>, distribuído por dez ilhas vulcânicas e treze ilhéus, na região central do Oceano Atlântico, na costa ocidental da África. O tamanho das ilhas varia de 991 Km<sup>2</sup> em Santiago e 35 Km<sup>2</sup> em Santa Luzia.

A descoberta das ilhas de Cabo Verde aconteceu por volta de 1460, no âmbito da expansão Portuguesa. Nessa época os europeus tinham pouco conhecimento do mundo, desconhecendo boa parte dos continentes africano e asiático e não sabiam da existência do continente americano, da Austrália e das ilhas do pacífico.

A primeira ilha descoberta foi a de Santiago, onde se localiza a cidade da Praia, atual capital do país. Os navios portugueses eram comandados pelo navegador Diogo Gomes (1420-1485), no reinado de D. Henrique (1393-1460).

Depois da descoberta as ilhas de Cabo Verde foram, moderadamente povoadas, tendo servido de entreposto de escravos e de mercadorias.

Desde a segunda metade do século XIX duas ilhas emergiram como as mais importantes no contexto nacional: a ilha de Santiago, polarizada na sua cidade mais importante e capital do país, a cidade da Praia, e São Vicente onde se situa a cidade do Mindelo. Na consciência coletiva do cabo-verdiano essa bipolarização é uma realidade, gerando espaços sociopolíticos diversos.

Atualmente o país encontra-se dividido em duas regiões: Sotavento, com sede na ilha de Santiago e Barlavento, com sede na ilha São Vicente.

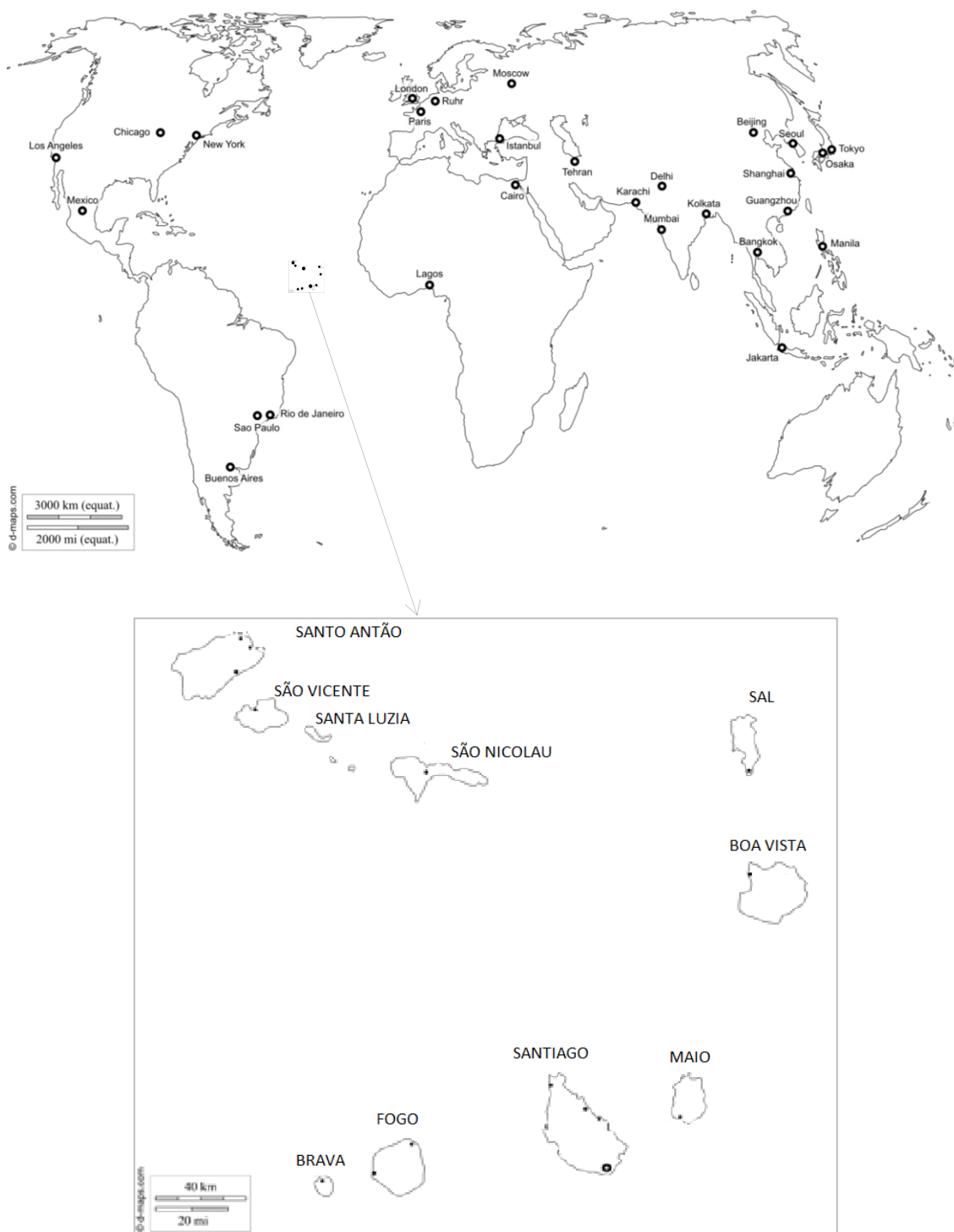


Figura 1. Localização de Cabo Verde em relação ao Continente Africano

### 1.1.2 Ilha de Santiago

A ilha de Santiago é a maior ilha do arquipélago de Cabo Verde, com cerca de 75 km de comprimento, no sentido norte-sul e cerca de 35 km de largura, no sentido leste-oeste. As

ilhas mais próximas são o Fogo, a uma distancia de cerca de 50 km, a oeste, e a ilha de Maio, localizada a 25 km a leste.

Administrativamente, a ilha de Santiago está dividida em nove concelhos. A cidade da Praia é ao mesmo tempo a capital do país e sua cidade mais populosa, tendo registado um extraordinário desenvolvimento desde a independência do país em 1975, tendo a sua população duplicado nesse período.

Após a descoberta da ilha, e para uma boa exploração e governação, a mesma foi dividida em duas capitánias, a do Sul, com sede na Ribeira Grande e a Norte, com sede em Alcatrazes.

Ribeira Grande de Santiago, antes Cidade Velha, foi a primeira capital de Cabo Verde e localiza-se a 15 km a oeste da cidade da Praia, na costa. A Cidade Velha é o único bem (conjunto arquitetónico) cabo-verdiano incluído na Lista do Património Mundial da UNESCO desde 2009.

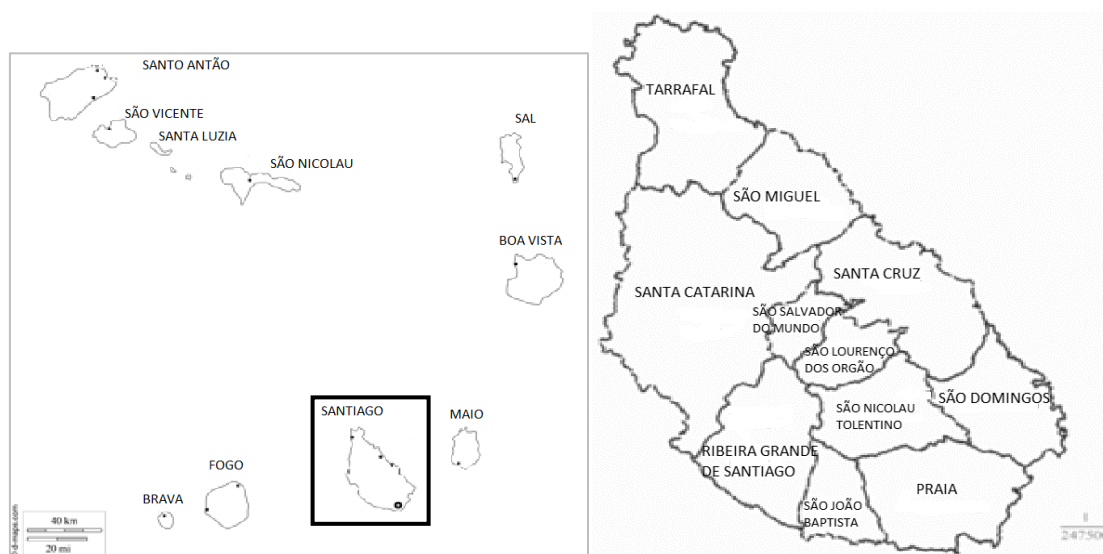


Figura 2. Localização da ilha de Santiago no arquipélago de Cabo Verde. Fonte: P.D.M.T.S.

### 1.1.3 *Concelho do Tarrafal*

O Concelho do Tarrafal, na ilha de Santiago, foi criado no ano de 1917, através do Decreto-lei nº 3108 – B de 25 de Abril, publicado no 3º suplemento do Boletim Oficial nº 25/1917, por desintegração do Concelho de Santa Catarina que já tivera a sua sede na antiga Vila do Tarrafal em 1912 (Gomes, 1989).

A sede do concelho, a cidade do Tarrafal, situa-se a norte da ilha de Santiago, a cerca de 75 km da cidade da Praia. Possui praia de areias claras e palmeiras, com alguma estrutura turística.

É no concelho do Tarrafal que se localiza o antigo Campo de Concentração criado pelo Governo português ao abrigo do Decreto-Lei n.º 26 539, de 23 de abril de 1936, que constitui o nosso objeto do estudo. Neste trabalho usaremos outras expressões para designar o local tais como Colónia Penal, Campo de Trabalho ou simplesmente Presídio do Tarrafal.

Com uma superfície de 112,4 Km<sup>2</sup>, o concelho do Tarrafal tinha em meados do ano de 2010 uma população de 18 565 habitantes, correspondente a 3,8% da população do país.

Segundo o Plano Diretor Municipal do Tarrafal, o concelho apresenta pouca diversidade no quadro de atividade económicas, sendo a agricultura de sequeiro dominante. Algum regadio, a pecuária, a pesca tradicional, o comércio, a construção e os trabalhos públicos constituem os principais meios de subsistência da sua população.

A cidade do Tarrafal evoluiu a partir de uma aldeia portuária que teria assumido as funções de capitalidade do concelho de Santa Catarina nos finais do século XIX. A área urbana limitava-se à antiga vila colonial, residência de quadros administrativos e comerciantes no entorno da praça municipal, onde se situavam a igreja e a escola principal. Nos bairros pobres residiam os pescadores e trabalhadores ocasionais.

A expansão da Vila, que agora é cidade deve-se, em grande parte, à emigração para a Europa. Estes emigrantes começaram a instalar as suas famílias nos centros urbanos, pelas vantagens de acesso rodoviário e de telecomunicações.

O abandono das aldeias rurais remotas causado pela persistência da seca constitui outra causa, pois as populações pobres excedentárias da atividade agrícola, migraram para a cidade da Praia, mas também para as sedes concelhias residindo nas proximidades das autoridades administrativas. Assim, houve uma disparidade de tipos de construções. Enquanto os emigrantes construía moradias grandes e confortáveis, os mais pobres construíram habitações mais modestas, muitas vezes casas inacabadas com menos divisões, em bairros pobres ou em terrenos marginais.

A carência de infraestruturas e equipamentos urbanos constitui o maior estrangulamento dos centros urbanos da ilha de Santiago e principalmente na cidade do

Tarrafal, com maior incidência nos bairros espontâneos. No entanto, tem havido notáveis melhorias nos últimos anos.

No plano económico a migração das aldeias remotas para a cidade gerou a concentração do desemprego na área urbana onde, entretanto, as atividades informais de sobrevivência apresentam um maior leque de alternativas.

No ano 2010, através da Câmara Municipal, foram desenvolvidas ações que têm como objetivo, reduzir o fosso de desenvolvimento entre o meio rural e o meio urbano, no sentido de travar o êxodo rural e fazer o aproveitamento mais adequado do território, em toda a sua extensão, enquanto fator de desenvolvimento. Essas ações incluíram nomeadamente: a construção de redes viárias urbanas e rurais; a prossecução dos trabalhos de eletrificação, de adução e abastecimento da água; a reabilitação e manutenção das estradas municipais; as obras de reabilitação e equipamento do mercado de Chão Bom; a construção de recintos polidesportivos nas zonas rurais; a construção de centros comunitários nas zonas rurais; a reparação de centros comunitários, jardins infantis e polidesportivos.

A elaboração do Plano Diretor Municipal, complementada com a elaboração do Plano de Desenvolvimento Urbano e dos Planos Urbanísticos Detalhados dos principais aglomerados populacionais deixou o município dotado dos principais instrumentos de gestão do solo.



Figura 3. Mapa do concelho do Tarrafal e da sua divisão administrativa. Fonte: P.D.M.T.S.

## 1.2 O Campo de Concentração do Tarrafal

O campo de concentração do Tarrafal está implantado numa planície que o mar limita pelo poente e os montes por norte, sul e nascente. Fica três quilómetros do centro da Cidade do Tarrafal, e a um quilómetro do centro da povoação de Chão Bom.

As instalações do antigo presídio dividem-se em duas partes:

- A parte destinada aos presos, cercada por um muro com 200 metros de comprimentos por 150 de largura, seguido de ;
- Várias estruturas de suporte destinadas aos guardas, à administração e a toda a logística de apoio ao presídio, no exterior

Na parte destinada aos presos ainda são reconhecíveis as várias funções das construções, nomeadamente: casas dos guardas; pavilhões destinados aos reclusos; enfermaria; lavandaria; cozinha e latrinas.

No interior do antigo campo de concentração existe uma vala em forma de V, de quatro metros de largura e três de profundidade, que acompanha todo o perímetro interior do muro de vedação. Depois das valas existe um talude de basalto que se eleva três metros de altura acima do nível do terreno. A cada canto e no meio dos dois taludes de maior dimensão, existem pontos de vigia, em forma de torres e no mesmo talude há uma plataforma por onde se deslocavam as sentinelas.

Na parte exterior ao recinto muralhado ainda se mantêm as seguintes estruturas edificadas: central eléctrica; moradias dos encarregados e do pessoal, incluindo as casas do enfermeiro, do motorista e dos guardas; refeitórios; cozinha; garagem para viaturas e o paiol.

Com o boletim oficial da I série – nº 25 de 14 de agosto de 2016, através do artigo 1<sup>a</sup>, o governo de Cabo Verde, reconheceu o antigo Campo de Concentração do Tarrafal de Santiago e as suas dependências como Património Nacional da República de Cabo Verde e com o 2º artigo, em homenagem à luta e à resistência antifascista em Cabo Verde, foi consagrado o 29 de outubro como dia da Resistência antifascista.





Figura 4. Enquadramento geográfico do Campo Concentração do Tarrafal.

### 1.3 A relação com a paisagem envolvente

A paisagem envolvente é montanhosa. Levanta-se a norte o escuro perfil do Monte da Graciosa, por ser constituído de basalto, e apresentar poucas árvores. Este monte eleva-se de repente, muito perto do oceano, desce suavemente quase na horizontal, para novamente se levantar pela segunda vez e depois vem cair numa planície, à qual se segue uma praia de areia.

A leste, levanta-se outro monte, coberto de acácias, com uma inclinação suave até atingir o mar. Nessa parte o litoral é rochoso e com praias de areia negra.

De sul para oeste, a linha do horizonte é o oceano, de cor azul e clara.

No extremo sul da baía encontra-se a povoação da Ribeira da Prata, de onde vinham as águas que abasteciam os povoados e o ex-Campo de Concentração, com uma praia de areia negra, com coqueiros.

A norte localiza-se a sede do concelho, antiga Vila do Tarrafal, hoje Cidade do Tarrafal, que começa junto ao mar e se alonga pelo sopé da montanha do Monte Graciosa. Afundada entre montes e rodeada por dunas perto da costa, há uma pequena planície com aproximadamente três quilómetros de comprimento e um de largura, limitada a norte pela Cidade do Tarrafal e a sul pela Ribeira de Chão Bom. Segundo descrição de Cândido de

Oliveira, esta zona apresentava, no passado, um clima pior, por causa de uma má combinação de chuva, vento, calor, pântanos e mosquitos.

À volta do Campo, segundo a descrição do livro *Tarrafal Testemunhos*, coordenado por Franco de Sousa, não se avistava nenhuma casa, apenas barracas que serviam de dormitório aos guardas e, um pouco mais afastadas, as casernas dos militares no exterior do Campo. Mas atualmente os edifícios habitacionais estão a invadir o espaço envolvente ao antigo presídio, de tal forma que põem em risco o único bem da cidade, classificado como Património Nacional.



Figura 5. Foto aérea da cidade do Tarrafal.

## 1.4 Descrição física dos espaços e dos edifícios

### 1.4.1 Situação atual – descrição geral

A Colónia Penal do Tarrafal foi estruturada da seguinte forma: os edifícios exteriores à muralha eram destinados à habitação dos guardas e funcionamento administrativo e logístico. A parte interior constituía o presídio.

O acesso à antiga Colónia Penal faz-se através de uma estrada, de seis metros de largura, piso de seixo, lateral ainda com vestígios de arame farpado, apelidada à época de “Avenida de Chão Bom”.



Figura 6. Vista aérea da antiga Colónia Penal do Tarrafal. Vista aérea, vendo-se a avenida que dá acesso ao complexo prisional.

A poucos metros da Colónia Penal existiam poços de captação de água que abasteciam o presídio e a população vizinha: os circulares mediam dois metros de raio por quatro de profundidade e os quadrados quatro de comprimentos por quatro de profundidades e todos era construído de xisto.



Figura 7. Relação do Campo agrícola (colonato) com o ex-Campo de Concentração.

### 1.4.2 Situação atual – descrição das construções

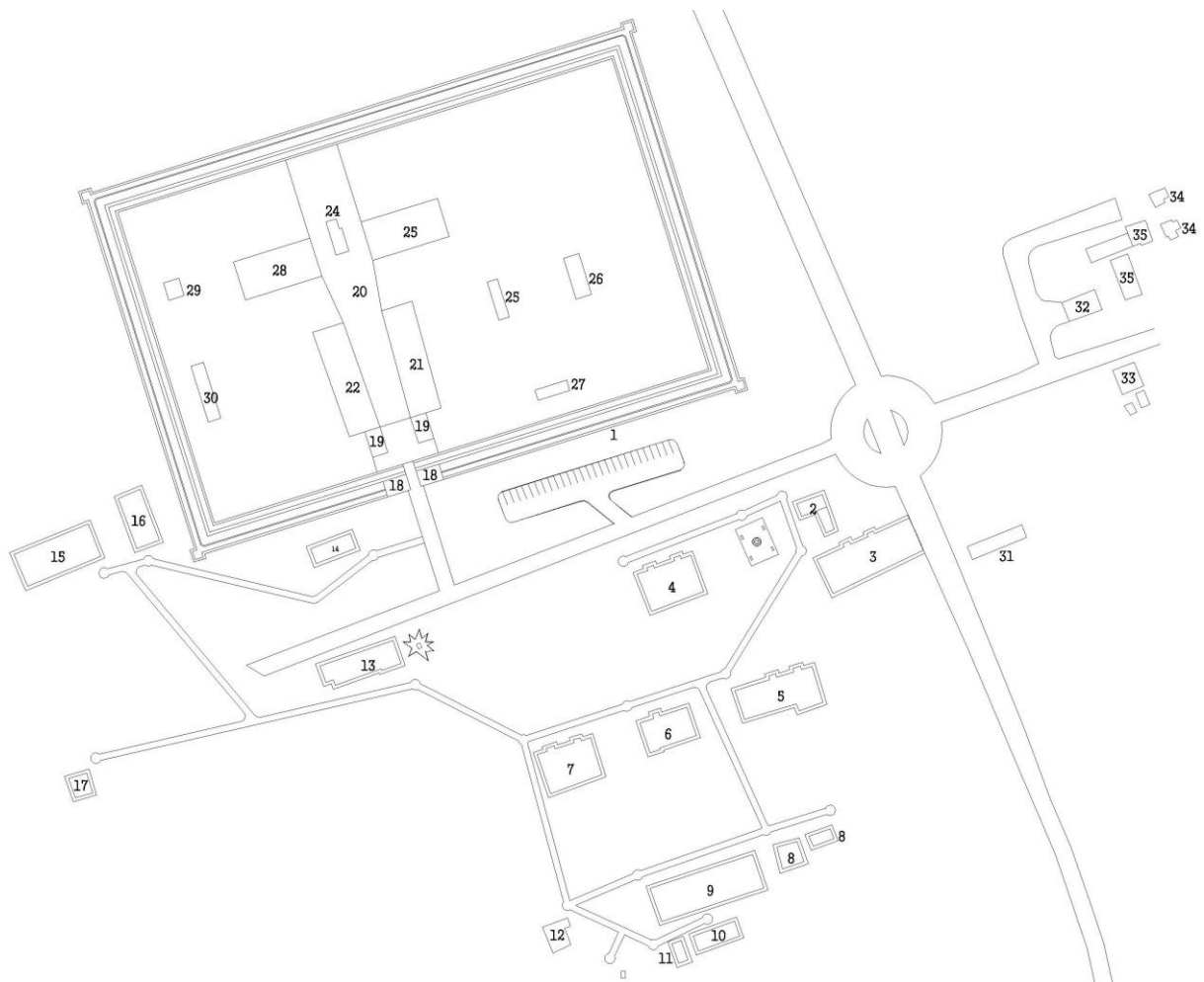


Figura 8: Conjunto arquitetónico

- 1- Muralha envolvente
- 2- Central elétrica
- 3- Moradia de encarregado de central elétrica, moradia de um guarda da PSP de Angola e moradia do subchefe da PSP de Angola
- 4- Moradias dos enfermeiros
- 5- Moradia de três guardas de PSP de Cabo Verde
- 6- Moradias dos motoristas
- 7- Moradias de três guarda da PSP de Angola
- 8- Arrecadações
- 9- Caserna dos soldados
- 10- Refeitório e salas dos soldados

- 11- Cozinha
- 12- Parque de viatura militares
- 13- Camaratas dos sargentos e guardas dos oficiais
- 14- Secretaria
- 15- Moradia de três guarda do PSP de cabo verde
- 16- Aquartelamento dos guardas auxiliares padaria
- 17- Paiol
- 18- Casas de guarda
- 19- Salas de visita e logística/celas normais e disciplinares
- 20- Corredor central
- 21- Celas dos presos políticos angolanos e guineenses
- 22- Celas dos presos de delito comum
- 23- Enfermaria
- 24- Pavilhão multiuso
- 25- Sala de leitura
- 26- Lavandaria
- 27- Latrina
- 28- Pavilhão multiuso
- 29- Latrina
- 30- Cozinha e “Holandinha”
- 31- Moradia do chefe dos guardas e ecónomo
- 32- Garagem
- 33- Moradia do chefe de secretaria
- 34- Edifício anexo a moradia do diretor do campo
- 35- Moradia do diretor do campo

### **(1) Muro envolvente do presídio**

A muralha que envolve o presídio tem duzentos metros de comprimento por cento e cinquenta de largo. Eleva-se três metros acima do nível do terreno, de basalto preto e cinza, assente com argamassa de areia e cimento e sem nenhum revestimento, (figura 9).





Figura 9. Muralha pelo interior e exterior. Fonte: CMT, acedida em 17-05-2018.

## (2) Central elétrica

A central elétrica apresenta planta retangular com 9,36m por 4,36m. As paredes são em alvenaria de pedra local, revestida no exterior com argamassa de cimento e areia: No interior são revestidas com o mesmo material apresentando lambril de azulejo de cor branca com 1,5m de altura. A coberta é de duas águas com telha de fibrocimento e estrutura de madeira de pinho. Os vãos eram protegidos por grades de ferro, (figura 10).



Figura 10. Central elétrica

## (3) Moradia de encarregado de central elétrica, moradia de um guarda da PSP de Angola e moradia do subchefe da PSP de Angola

Este pavilhão de planta retangular, com 37,45m por 12,64m, está dividido em quatro habitações destinadas ao encarregado da central elétrica, a um guarda da PSP de Angola e a um subchefe da PSP de Angola.

As paredes são em alvenarias de pedra local, todas revestidas com argamassa de cimento e areia. O pavimento é no mesmo material: A cobertura é de duas águas com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira. As fachadas apresentam-se pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 11).



Figura 11. Quatro habitações destinadas ao encarregado da central elétrica, a um guarda da PSP de Angola e a um subchefe da PSP de Angola.

#### **(4) Moradias dos enfermeiros**

As duas habitações destinadas aos enfermeiros, com planta retangular com 20,99m por 14,52m, apresentam paredes em alvenarias de pedra local, todas revestidas com argamassa de cimento e areia e pavimento no mesmo material. A cobertura é de duas águas revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são em madeira e as fachadas são pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 12).



Figura 12. Moradias dos enfermeiros



### **(5) Moradia de três guardas de PSP de Cabo Verde**

Estas três moradias eram destinadas a três guardas da PSP de Cabo Verde implantam-se num retângulo de 31,25m por 13,25m. As paredes são em alvenaria de pedra local todas revestidas com argamassa de cimento e areia e pavimento no mesmo material. A cobertura é de duas águas revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são em madeira e as fachadas pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 12).



Figura 13. Três moradias destinadas a três guardas da PSP de Cabo Verde

### **(6) Moradias dos motoristas**

As moradias dos motoristas posicionam-se do lado do mar. Implantam-se num retângulo de 19,45m por 11,10. As paredes são em alvenarias de pedra local, todas revestidos com argamassa de cimento e areia, o mesmo material que reveste o pavimento. A cobertura é de duas águas revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira e as fachadas pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 14).



Figura 14. Moradias dos motoristas.

### (7) Moradias de três guarda da PSP de Angola

Estas duas moradias eram destinadas a três guarda da PSP de Angola. Implantam-se num retângulo de 20,99m por 14,52m. As paredes são em alvenarias de pedra local, todas revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o mesmo material usado no pavimento. A cobertura é de duas águas revestidas a telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira e as fachadas estão pintadas com tinta de água de cor creme, (figura 15).



Figura 15. Moradias de três guarda da PSP de Angola.

### (8) Arrecadações

As duas arrecadações dos diversos, com implantação retangular, apresentam a primeira 9,28m por 4,13m e a segunda 8,39m por 9,12m. As alvenarias são de pedra local revestida com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura é de duas águas, sendo uma revestida a telha marselha de cor vermelha e a outra de telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira ou chapa galvanizado e as fachadas pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 16).



Figura 16. Aspeto das arrecadações.

### **(9) Caserna dos soldados**

A caserna dos soldados apresenta implantação retangular com 39,64m por 12,56m. As paredes são de alvenaria de pedra local todas revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura é de duas águas revestida a telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira e as fachadas pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 17).



Figura 17. Caserna dos soldados

### **(10) Refeitório e salas dos soldados**

O Refeitório e as salas dos soldados implantam-se num retângulo de 15,85m por 6,38m. As paredes são em alvenaria de pedra local todas revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo os pavimentos no mesmo material. A cobertura apresenta duas águas com revestimento de telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira e as fachadas pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 18).



Figura 18. Refeitório e salas dos soldados

### **(11) Cozinha**

A Cozinha tem uma área de implantação retangular com 8,23m por 4,14m. As paredes são em alvenaria de pedra local todas revestidas com argamassa de cimento e areia,



sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura é de duas águas revestida com telha marselha de cor vermelha e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira e chapa metálica galvanizada. As fachadas estão pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 19).



Figura 19. Cozinha.

### **Capela**

A Capela implanta-se num retângulo de 8,23m por 4,14m. Apresenta paredes de alvenaria de pedra local, todas revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento do mesmo material. Cobertura de duas águas revestida com colmo e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira e chapa metálica galvanizada. As fachadas estão pintadas a tinta de água de cor creme.

### **(12) Parking de viatura militares**

O parque de viatura militares é uma construção singela com uma implantação equivalente a dois retângulos geminados, sendo um de 10,21m por 5,40m e o outro de 7,28m por 4,09m. As paredes perimetrais são em alvenaria de pedra local, todas revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. Atualmente já não apresenta cobertura nem vãos. As fachadas estão pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 20).



Figura 20. Parque de viatura militares.



Figura 21. Camaratas dos sargentos e guardas dos oficiais.



Figura 22. Secretaria.

### **(15) Moradia de três guarda do PSP de cabo verde**

Estas três moradias eram destinadas a três guardas da PSP de Cabo Verde implantam-se num retângulo de 37,45m por 12,64m. As paredes são em alvenaria de pedra local todas revestidas com argamassa de cimento e areia e pavimento no mesmo material. A cobertura é de duas águas revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são em madeira e as fachadas pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 23).



Figura 23. Moradia de três guarda do PSP de Cabo Verde.

### **(16) Aquartelamento dos guardas auxiliares e antigo padaria**

O aquartelamento dos guardas auxiliares e a antiga padaria, implantam-se num retângulo de 27,45m por 8,10m. As paredes são em alvenaria de pedra local todas revestidas com argamassa de cimento e areia e pavimento no mesmo material. A cobertura é de duas águas revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são em madeira e as fachadas pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 24).



Figura 24. Aquartelamento dos guardas auxiliares e antigo padaria.

### **(17) Paiol**

A pequena construção destinada a paiol, onde eram guardadas as armas e as munições, implanta-se num retângulo de 8,61m por 4,88m. As paredes são em alvenaria de pedra local todas revestidas com argamassa de cimento e areia e pavimento no mesmo material. A cobertura é de quatro águas revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são em madeira e as fachadas pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 25).



Figura 25. Paíol

### **(18) Casas dos guardas, no presídio**

As Casas de guarda, apresentam implantação simétrica, com 10,00m por 5,75m, estão separadas por um arco romano através do qual se processa a entrada no recinto prisional. As paredes são em alvenaria de pedra local, revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura é em betão armado, afim de servir como plataforma de vigias. Os vãos são de madeira com grades de ferro, as fachadas pintadas a tinta de água de cor creme e um metro de lambril feito de argamassa de areia e jorra. No pavimento da zona da entrada no recinto muralhado ainda restam vestígios da linha férrea para transporte de vagões com água e os produtos necessários à vida da prisão, (figura 26).



Figura 26. Casas dos guardas.

### **(19) Sala de visita e logística**

A sala de visita e a zona destinada à logística ocupam posições simétricas, com 7,50m por 10,25m, separadas por um corredor central. As paredes são em alvenaria de pedra local, todos revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura é de duas águas revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de



madeira de pinho. Os vãos são de madeira com grades de ferro. As fachadas são pintadas a tinta de água de cor creme, (figura 27).



Figura 27. Quarto de visita e logística.

### **(21e 22) Celas dos presos**

As celas dos presos, de planta retangular implantam-se de forma a criar uma alameda central que divide visualmente o Campo em dois. Esta alameda apresenta piso revestido com basalto, (figura 28).



Figura 28.. Aspectos da alameda central, com os pavilhões onde se situavam as celas dos presos.

As celas dos presos políticos Angolanos e Guineenses localizavam-se num pavilhão retangular dividido em duas partes na longitudinal, com 40,50m por 12,30m. As paredes são em alvenaria de pedra local revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento do mesmo material. A cobertura é de duas águas revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de ferro. Os vãos apresentam grades de ferro fundido. As fachadas poente e sul estão pintadas a tinta de água de cor creme e as fachadas nascente e norte com tinta de água branca e lambril de tinta de água de cor creme. O interior está pintado com cal hidráulica, (figura 29).





Figura 29. Celas dos presos políticos Angolanos e Guineenses.

A celas dos presos de delito comum localizavam-se num pavilhão retangular dividido em duas partes na longitudinal de 40,50m por 12,30m. As paredes desse pavilhão são em alvenaria de pedra local revestida com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento do mesmo material. A cobertura é em duas águas revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de ferro. Os vãos apresentam grades de ferro fundido. As fachadas a nascente e sul estão pintadas a tinta de água de cor creme e as fachadas poente e norte de cor branca, com lambril pintado com tinta de água de cor creme. O interior está pintado com cal hidráulica, (figura 30).



Figura 30. Celas dos presos de delito comum

### **(23) Enfermaria**

A Enfermaria apresenta uma implantação retangular, dividida em duas partes na transversal, com 5,55m por 9,10m. As paredes são em alvenaria de pedra local revestida com argamassa de cimento e areia, sendo pavimento no mesmo material. A cobertura apresenta duas águas com revestimento a telha marselha de cor vermelha e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira e vidro. As fachadas estão pintadas com de tinta de água de cor

creme, com um metro de lambril de tinta de água de cor cinzenta. No interior, as paredes são pintadas com cal hidráulica e tinta de óleo de cor branca, (figura 31).



Figura 31. Enfermaria.

#### **(24) Pavilhão de múltiplas funções**

No pavilhão de múltiplas funções funcionava a cozinha, o refeitório, a oficina, e celas disciplinares. A sua área de implantação é retangular, dividida em cinco partes na transversal. Apresenta 29,20m por 13,80m. As paredes são em alvenaria de pedra local revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura tem duas águas e é revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de ferro. Os vãos são de madeira com grades de ferro fundido e as fachadas são pintadas com tinta de água de cor branca, com lambril pintado com tinta de água de cor creme. No interior, as paredes são pintadas com cal hidráulica, (figura 32).



Figura 32. Pavilhão de múltiplas funções

### **(25) Sala de leitura**

A construção destinada a sala de leitura tem planta retangular, dividida em duas partes na transversal. Apresenta 15,25m por 5,25m.

As paredes são em alvenaria de pedra local revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura tem duas águas e é revestida com telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira de pinho. Os vãos são de madeira e vidro e as fachadas são pintadas com tinta de água de cor creme, com lambril pintado com tinta de água de cor cinzenta. No interior, as paredes são pintadas com tinta de óleo de cor creme, (figura 33).



Figura 33. Sala de leitura.

### **(26) Lavandaria**

A construção outrora destinada a lavandaria, tem uma implantação retangular, dividida em duas partes na transversal. Apresenta 15,30m por 5,30m. As paredes são em alvenaria de pedra local revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo pavimento no mesmo material. Atualmente não apresenta cobertura nem vãos. Os revestimentos e pinturas a tinta de água no exterior e tinta de óleo de cor creme com um metro de lambril de tinta de água de cor cinzenta estão muito degradados, (figura 34).



Figura 34. Lavandaria.

**(27) Latrinas**

O espaço das latrinas, tem uma forma retangular, com 9,00m por 4,10m.

As paredes são em alvenaria de pedra local revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo pavimento no mesmo material. Atualmente não apresenta cobertura nem vãos. Os revestimentos e pinturas a tinta de óleo de cor creme estão muito degradados, (figura 35).



Figura 35. Latrinas.

**(28) Segundo pavilhão de múltiplas funções**

Este segundo pavilhão de múltiplas funções onde funcionava a lavandaria, cela disciplinar, oficina, refeitório e celas de presos políticos Cabo-Verdianos, tem uma implantação retangular dividida em cinco partes na transversal. Apresenta 29,20m por 13,80m. As paredes são em alvenaria de pedra local todas revestidas com argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura apresenta duas águas com revestimento a telha de fibrocimento de cor branca e estrutura de ferro. Os vãos são de madeira com grades de ferro fundido. As fachadas estão pintadas com tinta de água de cor branca, com lambril pintado com tinta de água de cor creme. No interior, as paredes são pintadas com cal hidráulica, (figura 36).





Figura 36. Segundo pavilhão de múltiplas funções.

### (29) Segunda latrina

A segunda latrina, tem uma implantação com forma retangular, com 6,20m por 7,30m, com um reservatório em anexo. As paredes são em alvenaria de pedra local revestidas de argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura é revestida a telha marselha sobre estrutura de madeira. Os vãos são de madeira de pinho com grades de ferro. As fachadas e o interior estão pintados com tinta de óleo de cor creme, (figura 37).



Figura 37. Latrina.

### (30) Cozinha e “holandinha”

A “holandinha” era uma cela disciplinar destinada a punir os presos mais rebeldes. A designação é uma metáfora, já que associa esse espaço minúsculo com a Holanda, destino de imigração de muitos cabo-verdianos.

A construção destinada a cozinha onde ficava o espaço denominado “holandinha” pelos prisioneiros, apresenta implantação de forma retangular com 22,24m por 4,97m, com uma chaminé e um alpendre em anexo. As paredes são em alvenaria de pedra local revestidas de argamassa de cimento e areia, sendo o pavimento no mesmo material. A cobertura

apresenta uma só água revestida a telha de fibrocimento sobre estrutura de madeira. Os vãos são de madeira de pinho com grades de ferro. As fachadas estão pintadas a tinta de óleo de cor creme, (figura 38).



Figura 38. Cozinha e “holandinha”

### 1.5 Estado de conservação do edificado

A antiga Colónia Penal do Tarrafal, encontra-se dividida em duas partes, uma parte no exterior da muralha e outra no interior do mesmo que era instalação do próprio presídio em si.

Na parte externa os edifícios encontram-se maioritariamente ocupados por habitações. Parte dessas construções encontra-se em estado de pré ruína ou mesmo ruína, excetuando a antiga moradia do chefe dos guardas, que está a ser usada como escola do ensino pré-primário e a antiga casa do diretor do Campo, que está a servir de casa de férias afeta à Presidência da República.

No interior da muralha encontra-se todo o sistema prisional exceto a frigideira, que era no exterior e da qual não restam vestígios.

A muralha está em bom estado de conservação. De entre os edifícios, somente as antigas casas dos guardas se encontram em bom estado de conservação. As restantes construções apresentam-se em mau estado de conservação ou estão mesmo em condições de pré ruína.

No anexo I, são apresentadas fichas de caracterização do estado de conservação de todas as estruturas edificadas. De uma forma global poderemos afirmar que:

- Relativamente às **paredes exteriores das construções** – A maioria é feita de alvenaria mista de pedra basáltica rústicas e argamassa, com reboco simples e caiação ou pintura, exceto o imponente muro que cerca o espaço do campo; a maioria dos espaços físi-

---

cos encontram-se degradados, verificando-se infiltrações da água, erosão e falta de manutenção.

- Os **pavimentos** – Tanto no exterior do complexo prisional como no interior, as pequenas vias de circulação que dão acesso á colónia penal e aos edifícios do complexo prisional são calcetadas ou de terra batida; tanto nas moradias do exterior do complexo prisional como nos edifícios do interior os pavimentos são feitos em pedras e argamassas; o estado de conservação é razoável na maioria dos espaços e bom naqueles que foram reabilitados, verificando-se o natural desgaste natural devido ao uso e falta de conservação, principalmente aqueles que não estão a ser utilizados.
- Os **Vãos** – As portas e as janelas são feitas de madeira, apresentando algumas grades de ferro. No interior do Campo, a maioria das portas e janelas são feitas de ferro, devido à sua função original de prisão, em estado de conservação razoável, verificando-se erosão e envelhecimento natural, provocado pela falta de manutenção, humidade e ação do sol, vento e chuva.
- **Tetos e coberturas** – Os tetos das moradias no exterior do campo e dos compartimentos do complexo prisional são normalmente cobertos com telhas de fibrocimento de cor branca e estrutura de madeira, com exceção de um compartimento coberto de chapa de zinco e ferro, e o teto da “holandinha”, entrada e as antigas casas de guarda, executados em laje de betão armado; o estado de conservação é razoável, verificando-se algumas telhas partidas, facilitando a infiltração da água da chuva, por motivo do desgaste natural e da falta de manutenção.
- **Acabamentos** – A maioria dos acabamentos apresenta um estado de conservação razoável, carecendo no entanto de ações de manutenção preventiva permanente, incluindo reparação de rebocos e renovação das pinturas.

---

## Capítulo 2 DESCRIÇÃO HISTÓRICA

### 2.1 A fundação do Campo Concentração do Tarrafal

O ex-Campo de Concentração do Tarrafal constitui o único bem reconhecido como património cultural no concelho do Tarrafal. Foi criado em 1936, pelo Decreto 26:539 de 23 de abril de 1936, no âmbito da reorganização dos serviços prisionais, e destinava-se aos presos políticos e sociais.

A suposta “Colónia Penal” do Tarrafal, apelidada pelos que lá estiveram presos como Campo de Concentração (por comparação com os campos de concentração nazis), ou “campo da morte lenta”, visava então aniquilar física e psicologicamente os opositores portugueses e africanos à ditadura de Salazar, colocando-os longe dos olhares do Mundo, em condições infra-humanas de cativeiro, maus tratos e insalubridade.



Figura 39. Campo Concentração – 2014. Fonte: Fotografia da CMT

Segundo o Boletim Oficial de 25 de abril de 1936, para instalar a colónia penal foi feita uma análise de um ponto de vista estratégico. O Tarrafal na ilha de Santiago foi escolhido devido a sua localização geográfica. Tinha todas as condições necessárias para o efeito, sobre o ponto de vista higiénico, de capacidade de vigilância e de recursos naturais, situando-se suficientemente distante da cidade da Praia e afastada dos meios de comunicação. Uma localização ideal para que o testemunho dos acontecimentos do Campo não se tornassem públicos a todo o mundo.



A história da “Colónia Penal de Tarrafal” começou verdadeiramente depois de 18 de janeiro de 1934. É nesta data que, com a agudização da luta de contra o regime fascista em Portugal, o governo de Salazar sente a necessidade de uma repressão mais dura sobre os opositores.

É de salientar que o Tarrafal de Santiago não foi o primeiro local a receber os presos políticos portugueses em Cabo Verde. Antes, já existira uma colónia penal na Ilha de S. Nicolau, onde estiveram presos oficiais do exército detidos na designada Revolução da Madeira, de 1931. Segundo José Cabral, foi na ilha de São Nicolau que estiveram os primeiros deportados políticos portugueses em regime fechado, para onde foram, depois, transferidos os presos políticos, alguns até final de 1932. Refira-se que o Seminário-Liceu de S. Nicolau, fundado em 1866, foi encerrado "às pressas" em 1931, para albergar os deportados da metrópole.

Mostra-se importante saber que, de acordo com o jornal *A Semana*, datado de 04 de março de 2015, o edifício do antigo Campo de Concentração do Tarrafal de São Nicolau, que está em ruínas vai ser reconstruído para servir como espaço de cultura, formação e educação. Esta ideia está inscrita no memorando de entendimento assinado entre o Ministério da Cultura, tutelado por Mário Lúcio Sousa, e o presidente da Câmara do Tarrafal de São Nicolau, José Freitas de Brito. O documento abarca também iniciativas de apoio ao Carnaval, Festival da Morna e Centro Cultural Paulino Vieira.

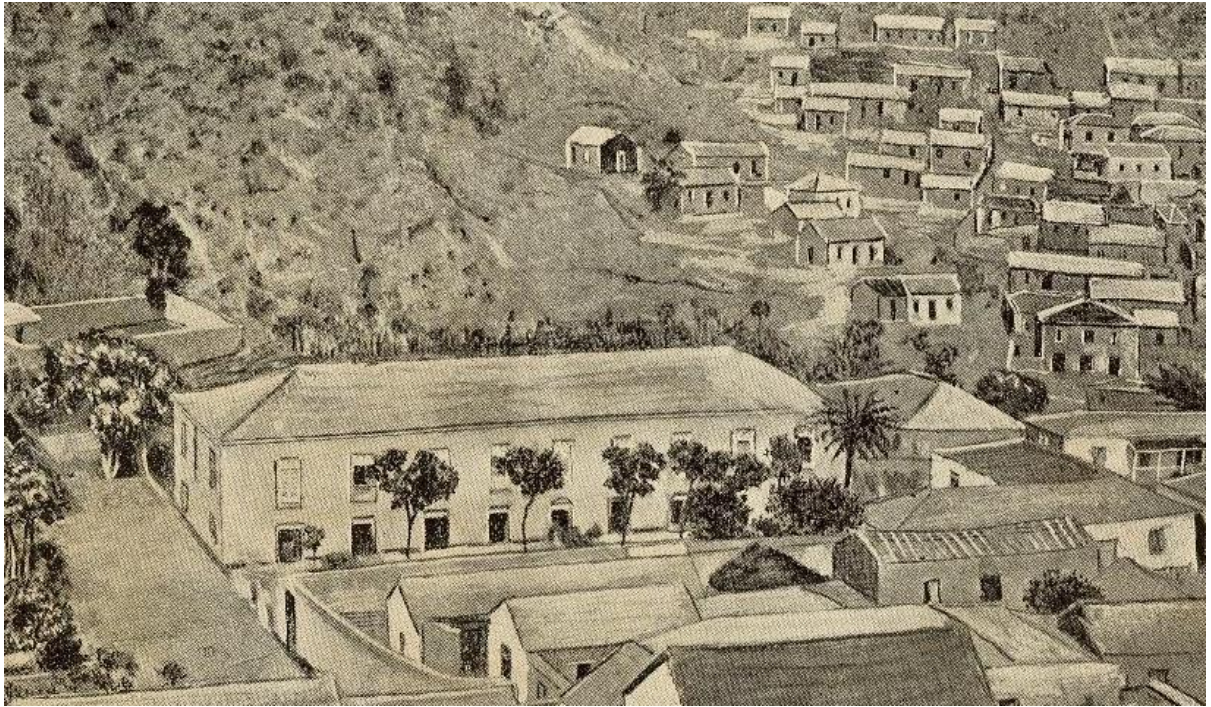


Figura 40. Seminário/Liceu em 1897 e uma parte da povoação da Ribeira Brava. Fonte: imagem do livro “O Seminário-Liceu de São Nicolau - Contributo para a História do Ensino em Cabo Verde”



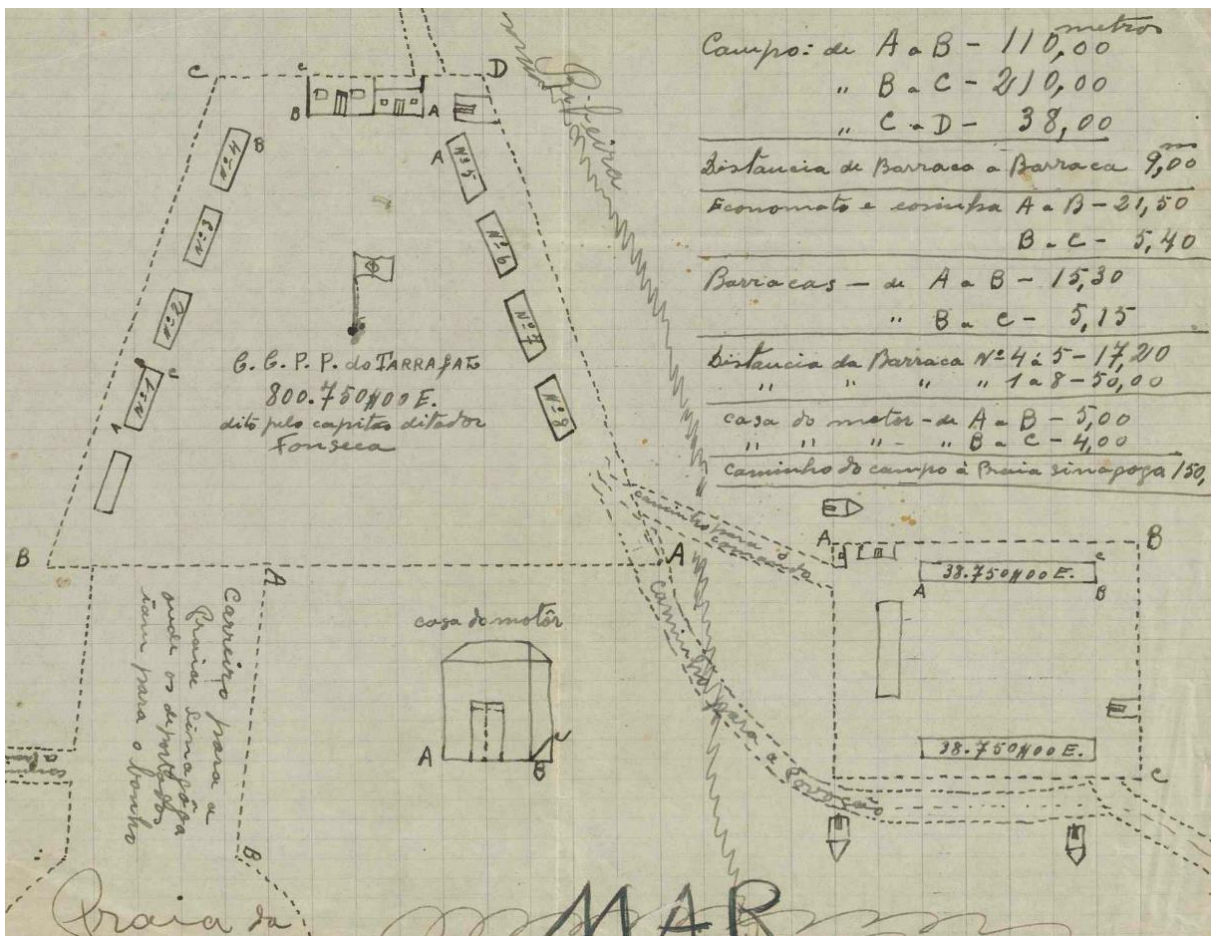


Figura 41. Planta do Campo de Concentração de Cabo Verde na ilha do São Nicolau-Tarrafal. Fonte: Revista do “Simpósio Internacional sobre memória do Campo de Concentração do Tarrafal” – 2009.



Figura 42. Estudo da localização da colónia Penal. Fonte: Revista do “Simpósio Internacional sobre memória do Campo de Concentração do Tarrafal” – 2009.

Relata Damiano Gallinaro, que a construção do Campo foi da inteira responsabilidade do Ministério das Obras Públicas e Telecomunicações.

Segundo Cândido de Oliveira, por receio da reação da opinião pública portuguesa e internacional, não houve uma divulgação dos verdadeiros objetivos da iniciativa. Por isso, as entidades governamentais apelidaram o presídio de “Colónia Penal” e divulgaram a ideia segundo a qual a prisão era instalada num local bem estudado por técnicos competentes e supostamente com boas condições de habitabilidade. Assim, o fim em vista era a criação de um Campo de Concentração, para ali amordaçar quem estivesse contra a Ditadura.

## 2.2 Evolução e alterações físicas

A instalação do Campo de Concentração do Tarrafal foi efetuada em duas fases diferentes:

**A primeira fase** - foi no período de 1936 a 1938, com a chegada dos primeiros cento e cinquenta presos políticos portugueses. Nesta fase as primeiras instalações eram tendas de lona, sem as mínimas condições de habitabilidade. O campo era limitado por arame farpado em toda a sua volta e contornado por uma vala de quatro metros de largura.

De acordo com a descrição de Cândido de Oliveira, o espaço envolvente ao Campo era limitado por arame farpado em toda a sua volta, de modo a impedir qualquer contacto direto com o exterior, mas permitia o contato visual.

Segundo Manuel Francisco Rodrigues, a abertura do talude trouxe grande vantagem para os carcereiros e em contradição roubou o horizonte aos presos, tirando-lhes a vista para fora do retângulo de arame farpado. O talude limitou o espaço e a tortura psicológica ficou maior.

Pedro Soares descreve a primeira fase da instalação do Campo de Concentração de Tarrafal, como sendo um retângulo de arame farpado, exteriormente contornado por uma vala de quatro metros de largura com três de profundidade. Apresentava duzentos metros de comprimento por cento e cinquenta de largo, em zona de planície que o mar limita pelo poente e uma cadeia de montes ao norte, sul e nascente. O único edifício de pedra, nesta primeira fase, era a cozinha que, entretanto, não estava completamente construída. Ainda nesta fase, à esquerda da porta principal da entrada do Campo, ficava a secretaria, um

barracão de madeira onde se tratava de todo o expediente administrativo do Campo. O Armazém constituiu também um dos primeiros edifícios construídos em madeira no Campo e ficava um pouco mais distante do portão principal.

Em janeiro de 1954, o campo foi encerrado, devido à luta das forças antifascistas em Portugal e à pressão internacional, na esteira da vitória aliada na II Guerra Mundial.

**A segunda fase** - corresponde à época das construções dos primeiros pavilhões de pedra e a proteção do campo era feita com um talude retangular (200x150m) em jeito de fortaleza. Nos quatro cantos do talude existiam as guaritas dos guardas auxiliares e dos soldados que faziam a vigilância permanente.

A partir de 14 de abril de 1961, com a portaria nº 18539, através do Ministro do Ultramar Português, reabriu-se o presídio, desta vez com o nome de “Campo de Trabalho de Chão Bom”, destinado a encerrar no seu isolamento os militantes da luta anticolonial de Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

A ampliação e uma nova configuração do Campo tiveram lugar com a reabertura a 17 de junho de 1961. Seguiu-se uma nova intervenção em 1965, altura em que foram construídos novos edifícios. Em 1967 foi elaborado o projeto de construção da muralha para aumentar a segurança.



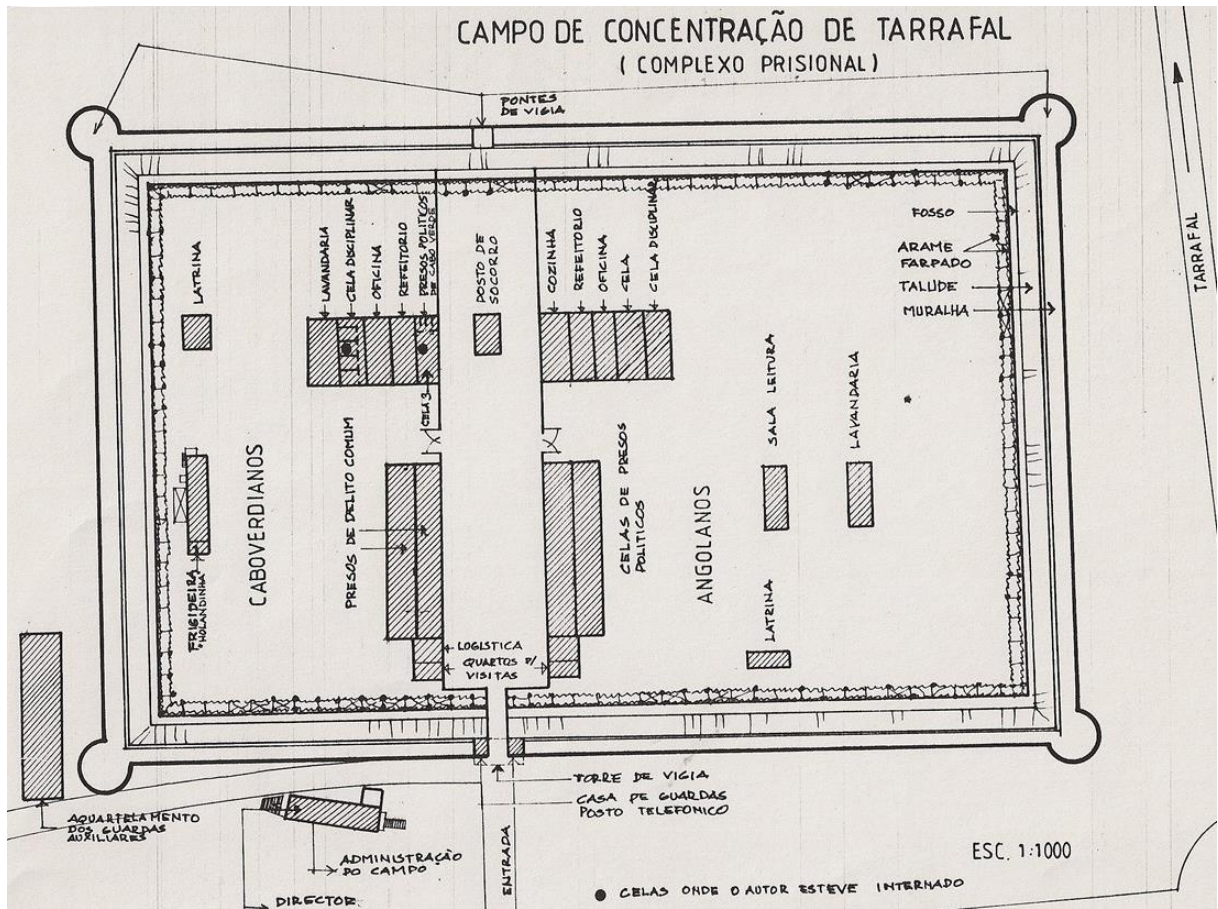


Figura 43. Projeto 2ª fase. Fonte: Imagem “Arquivo Histórico Nacional Cabo Verde”.



Figura 44. Imagem da 2ª fase, durante a construção. Fonte: Imagem “Arquivo Histórico Nacional Cabo Verde”

A “Frigideira”, destinada a punir os prisioneiros que infringissem as regras existentes, era uma pequena construção sem abertura, onde o chão, a parede e o teto eram construídos de betão armado. Tinha uma forma retangular e era dividida ao meio por uma parede que formava duas celas. Tinha uma única porta em ferro. Era exposta à permanente ação do sol. A renovação do ar só era feita quando a porta era aberta nos períodos de entrega

das refeições, de manhã e à tarde. Segundo Damiano Gallinaro, com o fim da Guerra Mundial e as fortes pressões da Comunidade Internacional, foi completamente desmantelada e os seus restos foram enterrados em Ribeira dos Flamengos. Por cima deles foi construída uma escola primária. Contudo, foi construída na área onde se situava uma pequena capela em memória de todos aqueles que sofreram nesse espaço.

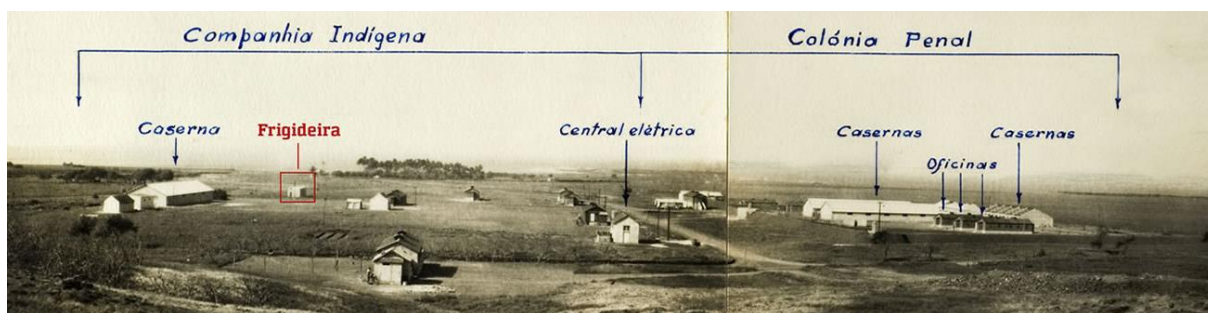


Figura 45. Enquadramento da Frigideira. Fonte: Imagem da revista “Memória do Campo de Concentração do Tarrafal, pag. 28 e 29”



Figura 46. Frigideira. Fonte: imagem do livro “Tarrafal Testemunhos, pag. 13”.

Em 1965 foi elaborado um projeto de ampliação do recinto, tendo sido construídos os seguintes edifícios: Um conjunto de quatro retretes, sendo duas no interior do edifício da prisão dos reclusos da província de Angola (256-A) e duas no interior do edifício da prisão dos reclusos da província de Cabo Verde (256-A`), um depósito de lenha (256-1), celas normais e disciplinares (256-2 e 256-3), arquivos (256-4) e depósito de pólvoras (256-5). Foi ainda elaborado um orçamento, para remodelação de quase todos os edifícios do Campo e de



acordo com o orçamento da Divisão Técnica da Repartição Provincial dos Serviços das Obras Públicas e Transportes na Praia, no valor de 642.510\$00 (seiscentos e quarenta e dois mil e quinhentos e dez escudos).

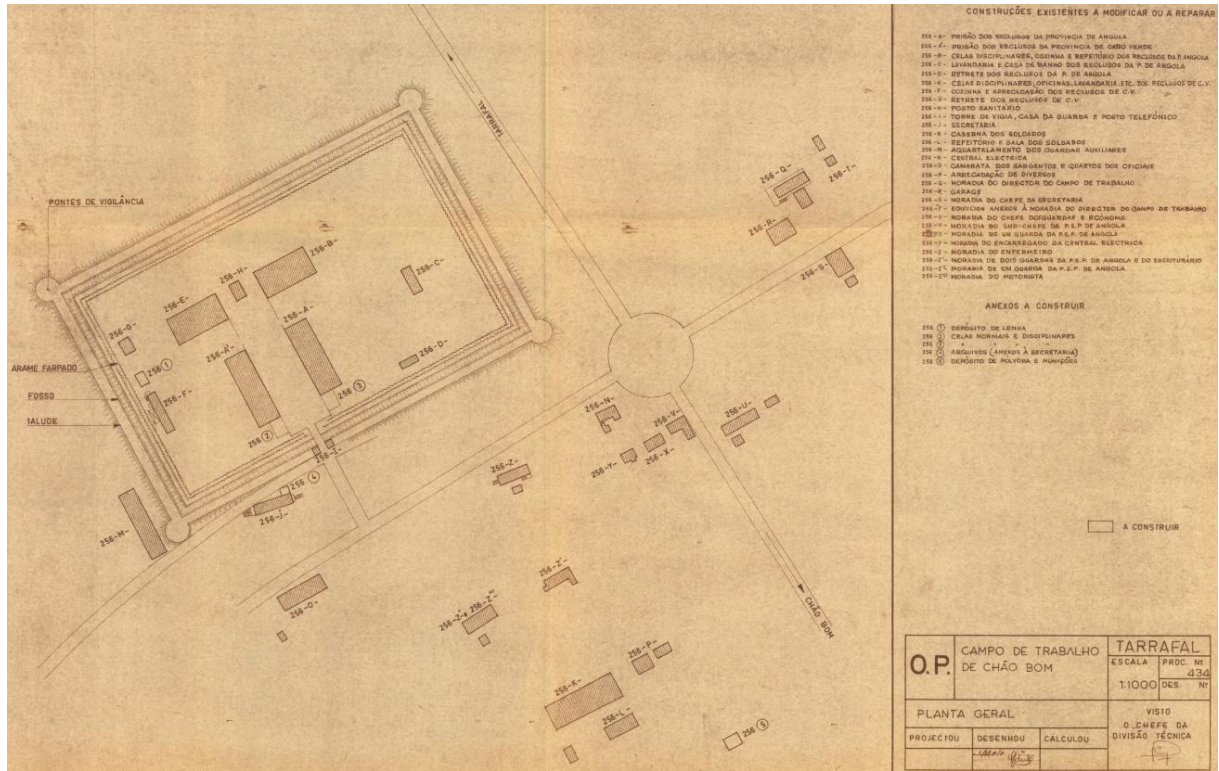


Figura 47. Planta conjunto de ampliação do Campo 1965. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175



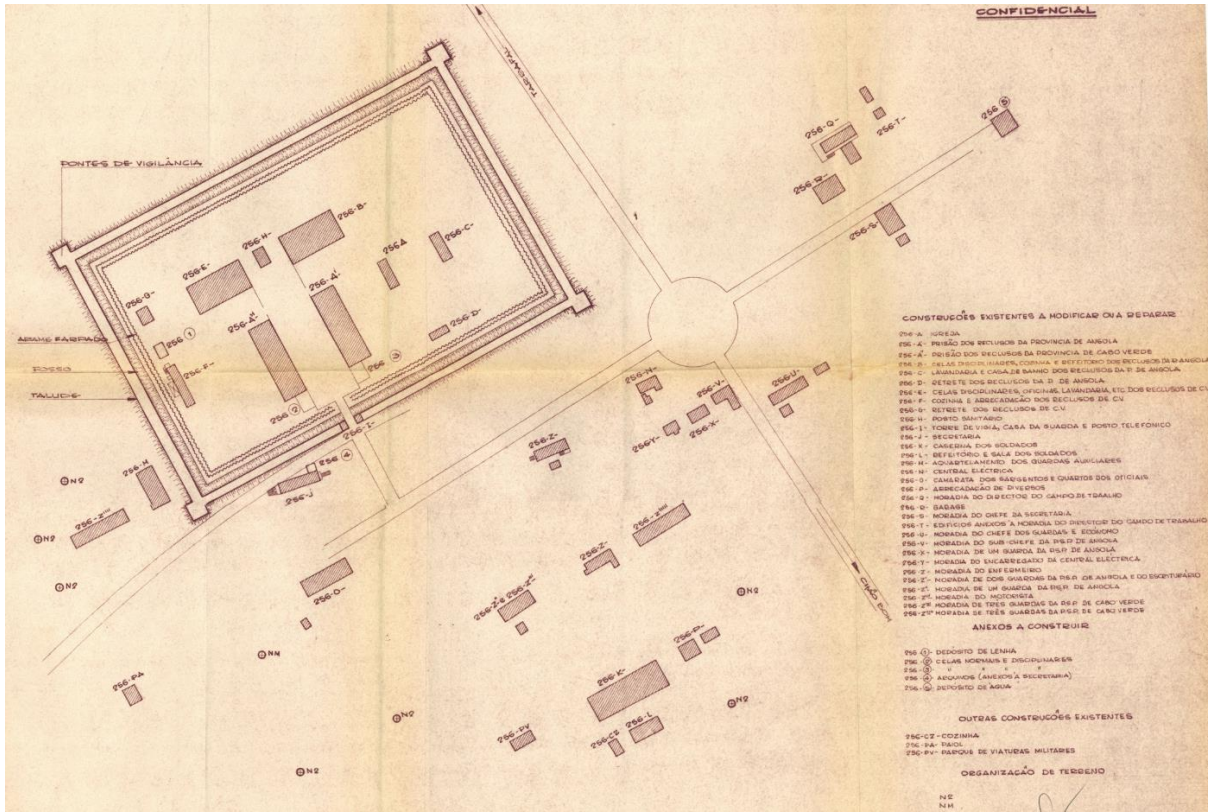


Figura 48. Planta conjunto de ampliação do Campo 1967. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175

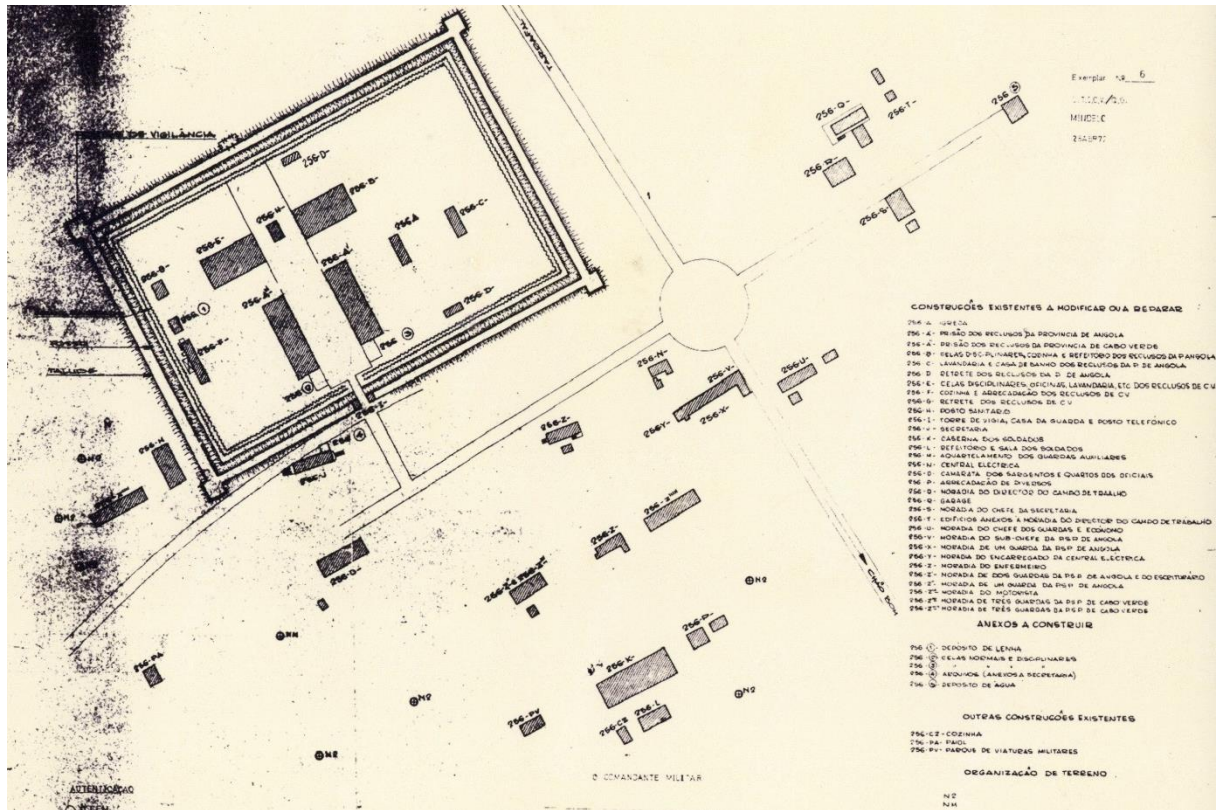


Figura 49. Planta conjunto de ampliação do Campo após 1967. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96



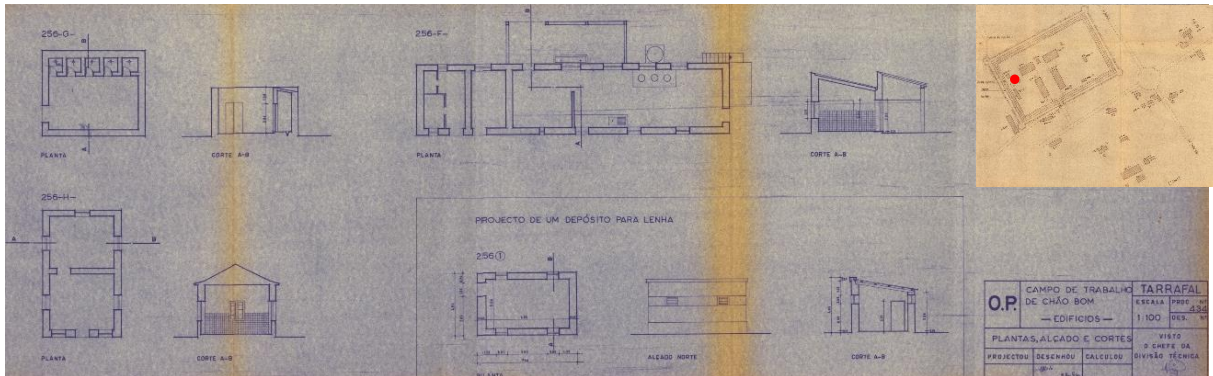


Figura 50. Planta parcial de ampliação do Campo 1965 - edifício nº 256 1 (deposito de lenha). Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96

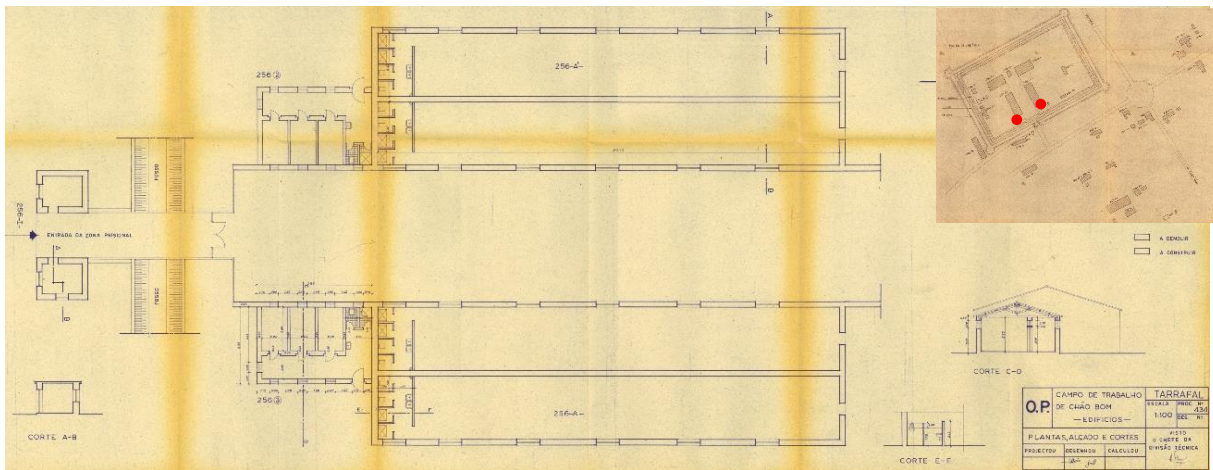


Figura 51. Planta parcial ampliação do Campo 1965 – Edifício nº 256 2 e 256 3 (celas). Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96

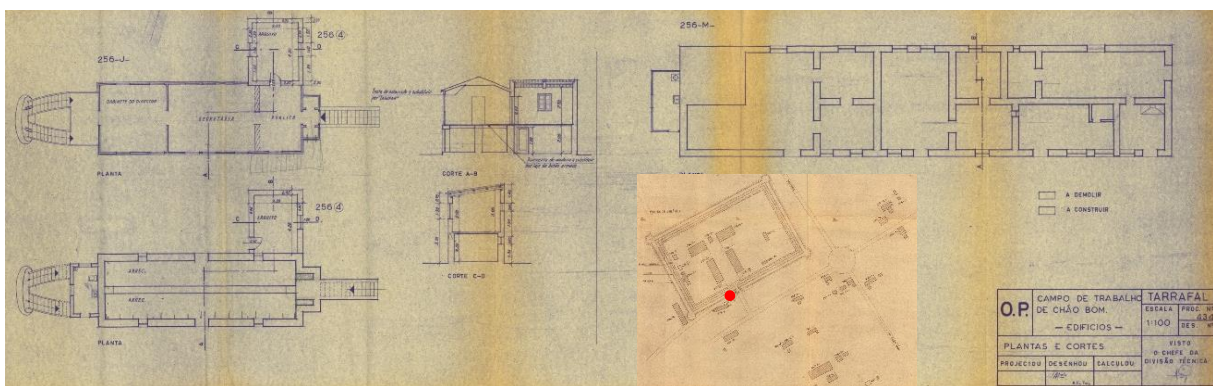


Figura 52. Planta parcial de ampliação do Campo 1965 – Edifício nº 256 4 (arquivos). Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96

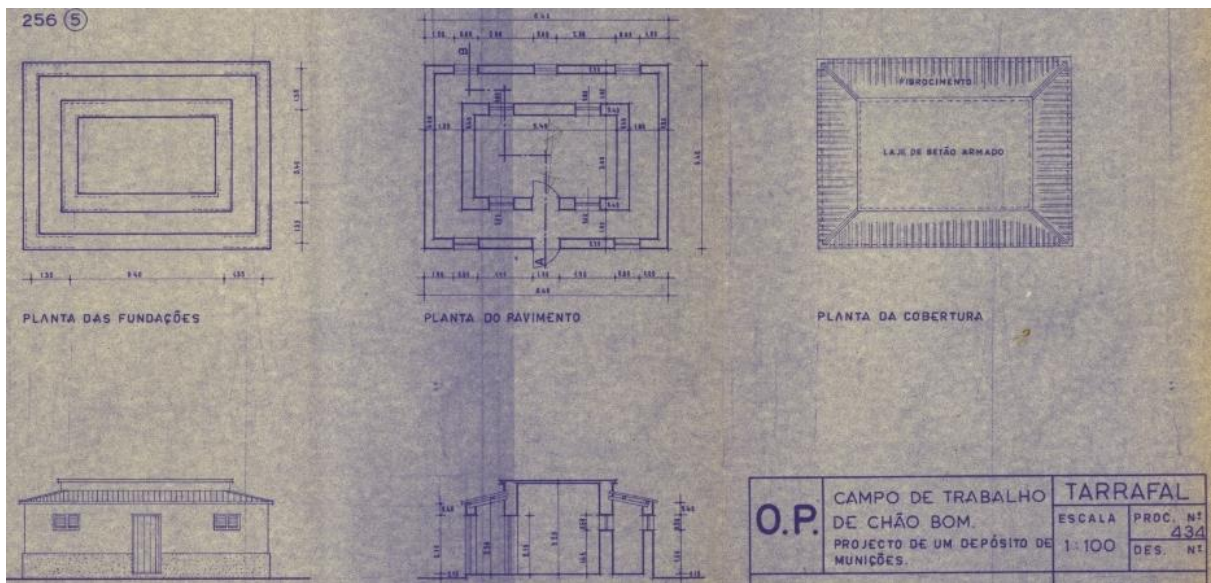


Figura 53. Planta parcial de ampliação do Campo 1965 – Edifício nº 256 5 (deposito de pólvora). Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.96

Em 1966 foi elaborado um outro projeto de remodelação de alguns edifícios, incluindo o aquartelamento dos guardas auxiliares (256-M), uma moradia de um guarda da PSP de Angola (256-X), moradia do enfermeiro (256-Z), moradia de 3 guardas da PSP de Cabo Verde (256-Z), remodelação da cobertura do edifício destinado a prisão dos reclusos da província de Angola (256-A) e remodelação do teto do Posto sanitário (256-H). O orçamento elaborado pela Divisão Técnica da Repartição Provincial dos Serviços das Obras Públicas e Transportes da Praia indicava o valor de 415.500\$00 (quatrocentos e quinze mil e quinhentos escudos).

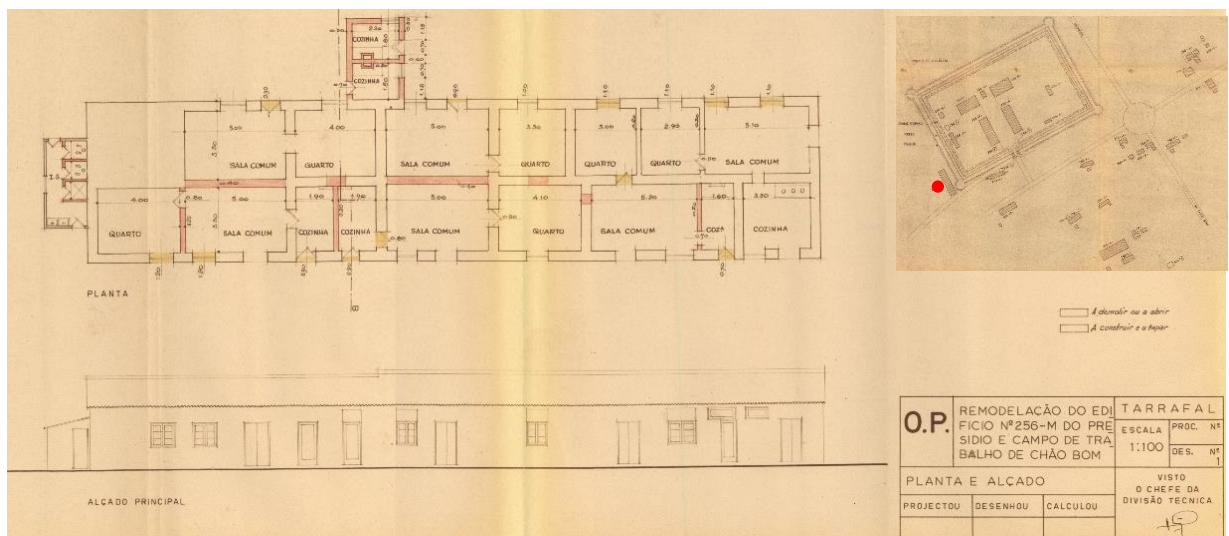


Figura 54. Plantas remodelação edifício nº 256-M (Aquartelamento dos guardas auxiliares) 1966. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175



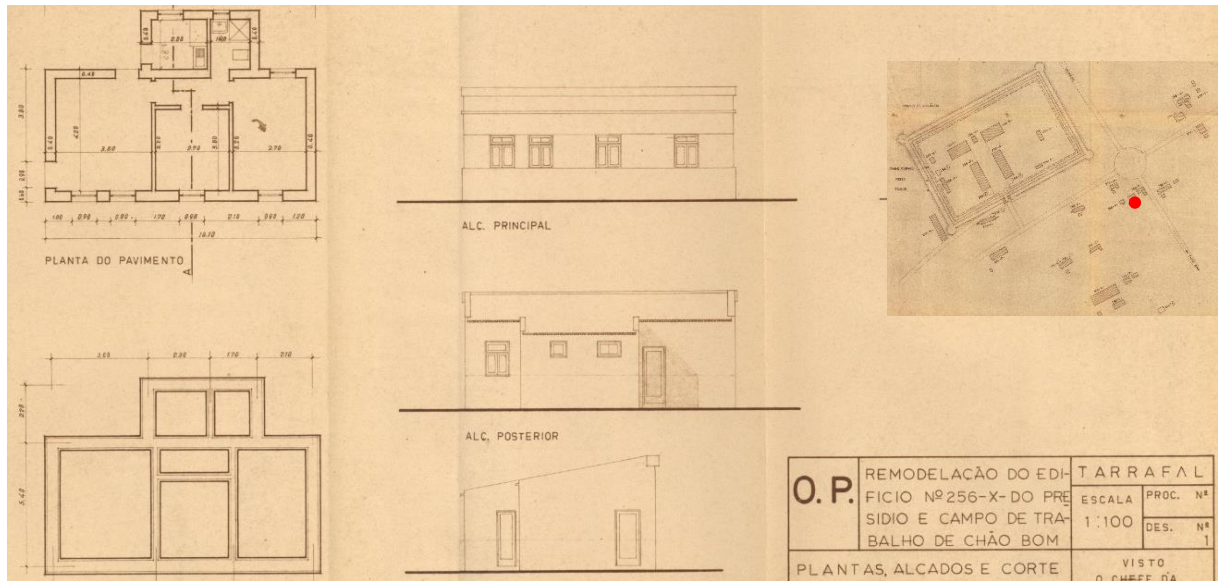


Figura 55. Plantas remodelação edifício nº 256-X (Moradia de um guarda da PSP de Angola) 1966. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175

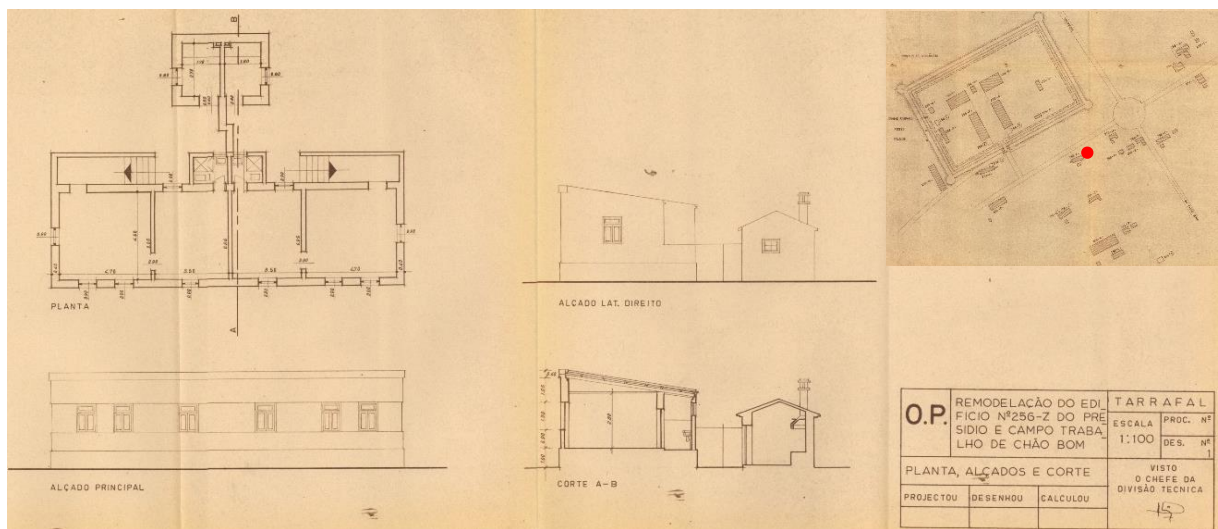


Figura 56. Plantas de remodelação do edifício nº 256-Z (Moradia do enfermeiro) 1966. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x.1175



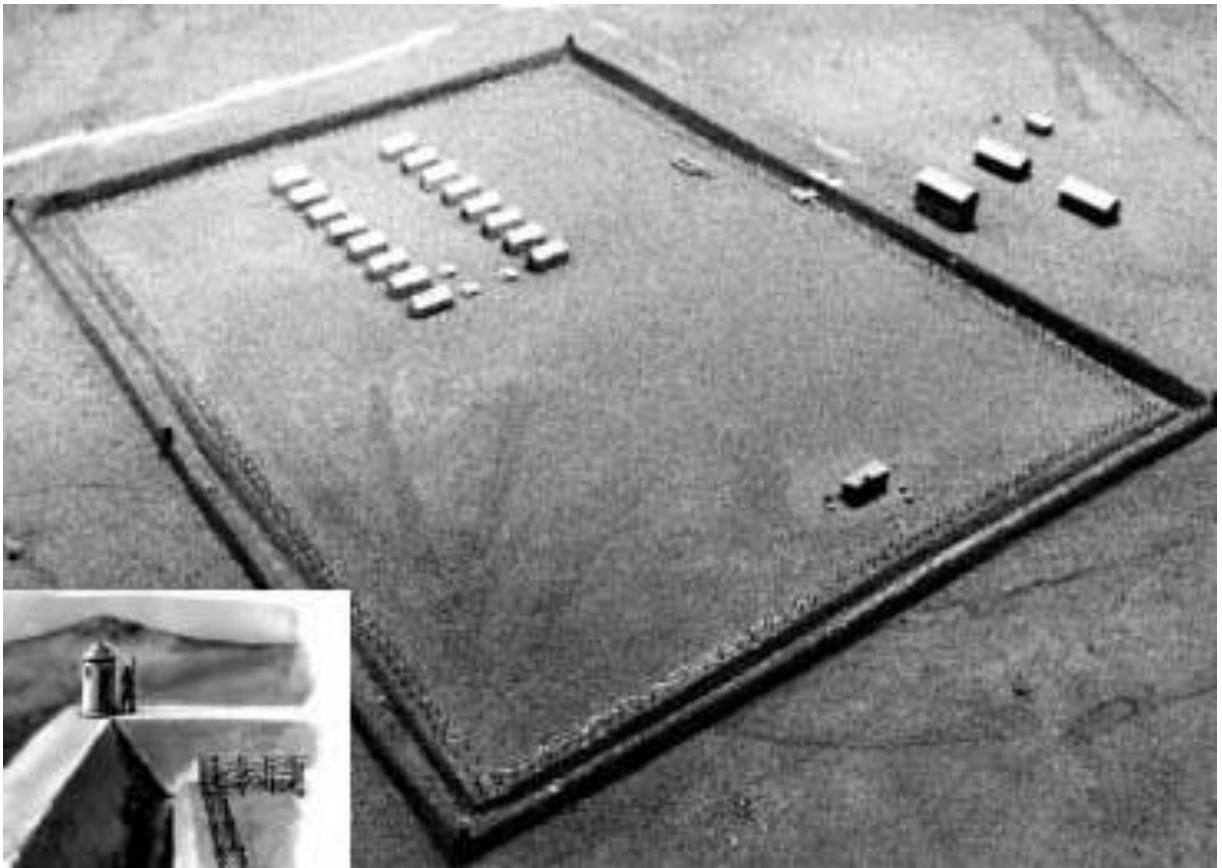


Figura 58. Organização das barracas. Fonte: <https://desenvolturasedesacatos.blogspot.com/2017/02/tarrafal-campo-da-morte-lenta.html>, acesso em 15-06-2018



Figura 59. Exterior das barracas. Fonte: desenho de Rogério Amaral - “Tarrafal Testemunhos, pag. 11”





Figura 60. Organização das camas. Fonte: desenho de Rogério Amaral - “Tarrafal Testemunhos, pag. 12”

O Campo foi definitivamente extinto a 19 de julho de 1975.

Com a Independência de Cabo Verde, o mesmo espaço passou a funcionar, entre 1975- 1985, como centro de recrutamento e quartel militar, albergando as tropas do exército cabo-verdiano. Entretanto, com o encerramento do quartel militar esse espaço ficou completamente abandonado.

Em 2009 o antigo campo de concentração foi transformado num Museu da Resistência, sendo alguns dos pavilhões usados para eventos relacionados com a sua história.

Atualmente está em curso um projeto que visa a sua candidatura à Lista do Património Mundial da UNESCO, através de uma recém-criada comissão para o efeito.

## 2.4 O sistema de segurança

De acordo com o “Dossier do Tarrafal” de Editorial Avante de 2006, em 1937 foi demarcada uma área de dez mil metros quadrados, circundada de linhas tríplices de arame farpado de dois metros de altura, interrompidas por oitos espaçadas varandas sobre-elevadas ao arame farpado, nas quais se encontravam guaritas onde soldados armados permaneciam noite e dia.

Dois postes em cimento armado foram construídos em frente às oito barracas e neles foram colocadas metralhadoras.

A maioria dos guardas era constituída por agentes da PSP ligados à PVDE e á recém-criada Legião Portuguesa.

No percurso que os prisioneiros faziam até ao poço para obterem água, como na extração de pedra, eram escoltados por guardas e polícias vindos de Lisboa e eram sempre acompanhados por guardas armados.

De acordo com a revista do “Simpósio Internacional Sobre a memória do Campo de Concentração do Tarrafal”, de fundação Mário Soares de 2009, o sistema prisional do Tarrafal foi sempre misto, envolvendo, nas suas duas fases, agentes da polícia política (como o agente Seixas), guardas prisionais, força de segurança (GNR e PSP) e forças militares da metrópole e das colónias (as companhias indígenas). Em termos gerais, esse sistema visava, por um lado, controlar os presos que ali se encontravam encarcerados e, por outro lado, garantir a segurança do campo, impedindo eventuais contactos com o exterior e, sobretudo, o desencadeamento de ações que pudessem visar a libertação dos prisioneiros do Campo.

Para reforço do sistema de segurança, foi elaborado pela Divisão Técnica da Repartição Provincial dos Serviços das Obras Públicas e Transportes da Praia, entre 1967 a 1968, um projeto de construção de muralha, torre de vigia e entrada, o qual foi orçamentado em 737.000\$00 (setecentos e trinta e sete mil escudos), tendo o respetivo concurso público sido lançado em 3 de Junho de 1969. Com o referido concurso, foi construído um talude retangular que protege o campo, em jeito de fortaleza, por cima com torreões para a instalação de metralhadoras, nos quatros cantos do retângulo e as guaritas dos soldados.

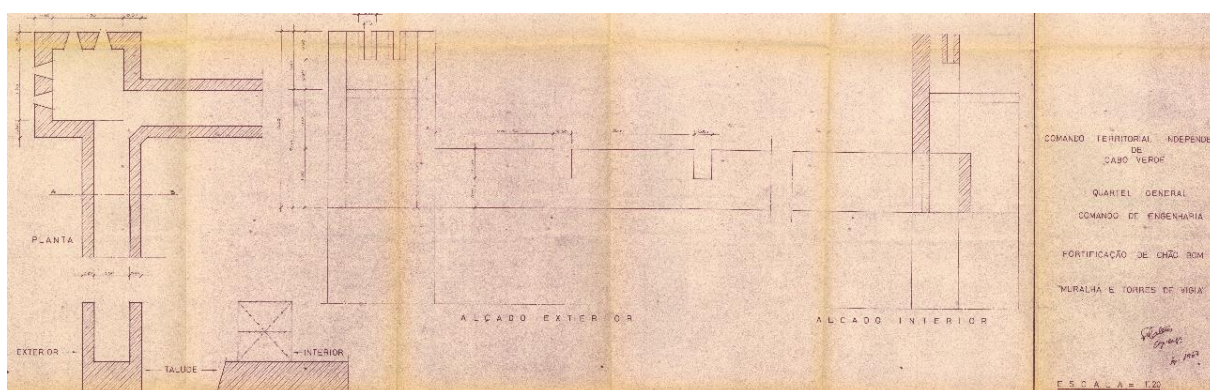


Figura 61. Pormenor de fortificação de Forte 1967. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT/c.x1175.



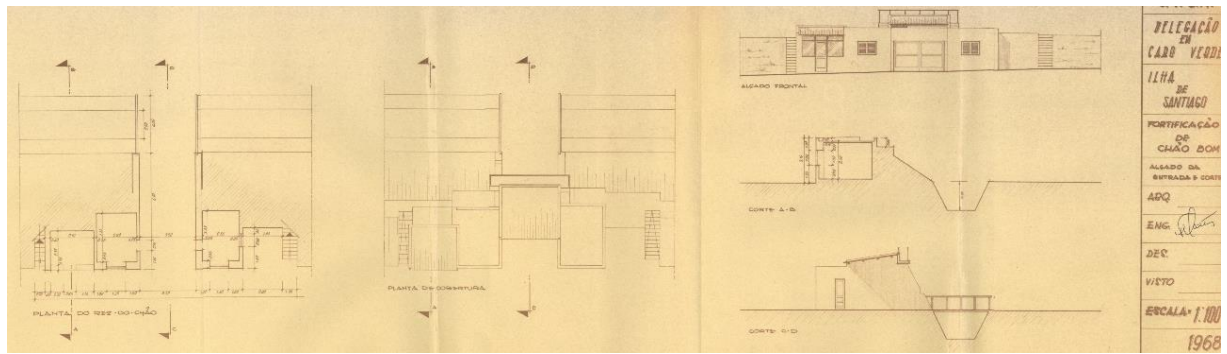


Figura 62. Pormenor de entrada e vala da fortificação de Forte 1968. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde /MIT/ c.x1175.

---

## Capítulo 3 O significado cultural

### 3.1 O valor de memória

A memória que se tem de um local ou de um acontecimento tem sido estudada por vários autores. Ela perdura nas mais diferentes formas, através das artes, da música, poesia, prosa, livros e até em estudos de investigação académica. Transmite-se socialmente e apoia-se nos objetos físicos, arquitetónicos, para se reforçar.

Com este ensaio procura-se perceber a ligação entre o lugar vivido e a forma como se poderão reforçar os valores da memória, para compreender as condicionantes de qualquer ação de conservação arquitetónica do antigo Campo de Concentração do Tarrafal. Com isso, pretende-se estabelecer, a nível formal e conceptual, a forma de preservação transmissão do significado, importância e valor da memória.

Para o arquiteto, Luís Santiago Baptista, “em arquitetura, a questão da memória tem sido resolvida no projeto através do apelo da materialidade. Os arquitetos tendem a relacionar-se com os valores memoriais, tanto preservando os testemunhos ou monumentos do passado, como reinterpretando técnicas ou linguagens históricas”.

Segundo Isabel Lopes Cardoso, através da sua obra *Paisagem Património*, “a conservação e a transmissão dos patrimónios materiais e imateriais passaram a estar associadas às questões da memória e da pertença identitária”. E ainda afirmou que para o historiador francês Pierre Nora, a ruptura definitiva com as antigas tradições rurais e urbanas marcou um ponto de viragem na nossa relação com o conceito de património. O património saiu da sua época histórica para entrar na época memorial e as noções de memória e de identidade passaram a ser indissociáveis do próprio termo património. E ainda sem esquecer o especialista suíço da paisagem Michael Jakob, ao referir que “tudo é património”, em torno da qual se construiu, entretanto, um importante sector da economia baseado no turismo cultural, o que encontra o seu equivalente na “omnipaisagem”. (Lopes Cardoso, 2013)

A memória de um grupo social é não-genética e não-hereditária. Mas evidentemente, o pesadelo do holocausto, da Segunda Guerra Mundial e da violência nazi em geral terá também exigido, após mais de uma década de vergonhoso e envergonhado silêncio, a necessidade de recuperar a memória como instrumento de análise cultural carregada de incontornável

---

preocupação ética. A este facto acresce o lento desaparecimento das testemunhas e vítimas do Holocausto, que tornou a tarefa de registar a sua recordação numa urgência e trouxe consigo o interesse crescente e generalizado pelo papel da memória na cultura. (Mota Alves, Soares, & Rodrigues, 2016)

Auschwitz é um lugar cuja história é inenarrável. Na contemporaneidade esse lugar representa um lugar traumático por excelência e, por isso mesmo, mantém-se indefinível, sendo percebido de formas diferentes de acordo com a perspetiva do observador.

Aleida Assmann, afirma que “os lugares traumáticos resistem às atribuições de sentido simbólico por parte dos sobreviventes, uma vez que estas são suplantadas pela memória de longa duração”.

O filósofo e diplomata francês Henri Bergson, no seu livro *Matéria e Memória*, refere que “a memória está para a percepção, assim como o corpo está para o espírito. Ou seja, a memória constitui a subjetividade, bem como os objetos integrantes do espaço que refletem a ação humana, dando origem à experiência espacial”.

Os arquitetos cabo-verdianos deverão ter a consciência da memória que se apoia nos testemunhos físicos que são as obras arquitetónicas, sempre que se trate de intervir em património, herdado do período colonial. Através da análise desse valor, que por vezes se sobrepõe ao valor arquitetónico, devem ter uma noção clara do âmbito e limites da intervenção, e da complexidade da distinção entre passado e presente. Só assim se poderá conseguir a preservação da memória, do património e da paisagem.

O estudo do passado deve servir-nos para melhor compreender o presente e prever o futuro. No caso do Campo de Concentração do Tarrafal ele serve para ajudar os atuais e os vindouros a não se deixarem iludir e a tomarem medidas no sentido de não permitir que o país volte a viver situações ditatoriais e de opressão.

### **3.2 A Música como fator de preservação da memória**

Cabo Verde viveu um período muito rico com músicas de protesto no período pré independência enquanto decorria a luta de libertação nacional e enquanto o presídio do Tarrafal servia para reprimir os protagonistas dessa luta. No período imediatamente à independência do país, em 1975, seguiu-se um novo período de consolidação das músicas de protesto e de afirmação da identidade cabo-verdiana. Essas músicas transmitiam as mensagens de liberdade e desejo de progresso. Nesse tempo onde a morna e a coladeira

reinavam, havia aqueles que se manifestavam com mensagens subentendidas, mas outros, mais audaciosos, diziam tudo o que lhes vinha à alma, e o recado para o colonialista era bem claro.

Para Carlos Gonçalves, “existem três épocas que devem ser ressaltadas: primeiro, antes da independência do país, onde as composições eram de protesto contra o colono, mas com mensagens muito “camufladas”. Desse período podemos afirmar que havia a música “visível”, tocada pelo conjunto Voz de Cabo Verde, Bana, Humbertona, Chico Serra e outros, nomeadamente algumas cantoras que gravaram na altura. Entre 1965 e 1970 foi sobretudo o período do conjunto Voz de Cabo Verde, com Djosinha e o Bana”, afirmou Carlos Gonçalves.

No segundo período, abrangendo o final da década de 1960 e início da década de 1970, aparece a “chamada música revolucionária”. “Era uma música que já vinha sendo cultivada clandestinamente, mas que até ao momento não tinha visto a luz do dia. Até era uma música que servia de mobilização e que era executada só em meios muito secretos. Foi chamada assim, porque aquelas letras eram contra o regime colonial e engrandeciam a origem e a cultura cabo-verdiana e que não eram, na altura, de bom-tom, e dava à prisão”. Referiu ainda Carlos Gonçalves que essas músicas eram executadas em círculos muito fechados em Lisboa (Portugal) e noutros sítios.



Figura 63. Capa do disco “Música cabo-verdiana” – protesto e luta, editado na Holanda pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde PAIGC (serviços culturais), em 1970. Inclui o tema Seis anos no Tarrafal, cantado por Nho Balta (Baltazar Lima Barros).

O Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) patrocinou, em 1973, um disco produzido na Holanda, que circulou clandestinamente em Portugal, onde um grupo de cabo-verdianos tocava e cantava canções de protesto. De entre essas canções merece

destaque “Seis one na Tarrafal” (Seis anos no Tarrafal) que denuncia a situação vivida no Campo de Concentração do Tarrafal.



Figura 64. Capa do disco “Sodade – Instrumental” de Humbertona, de 1973. Neste disco Humbertona (Humberto Bettencourt dos Santos) e Toy Ramos tocam o tema Seis One na Tarrafal.

A terceira época é depois da independência. “A fase onde a maioria dos compositores só queriam falar mal do colonialismo”.

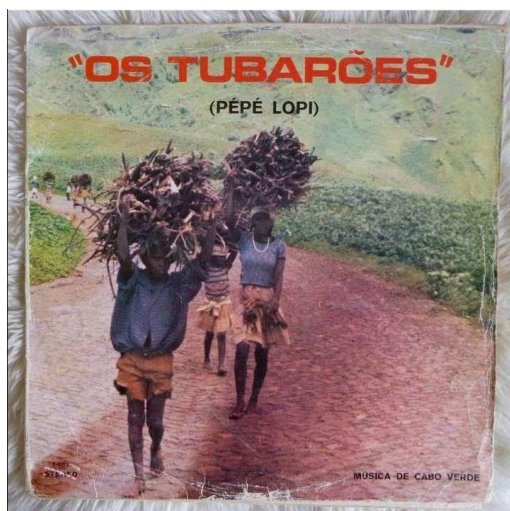


Figura 65. Capa do disco Pépé Lopi do Conjunto “Os Tubarões”, de 1976, período logo à seguir à independência.

A memória do Campo de Concentração do Tarrafal perdura entre os cabo-verdianos. Veja-se que em 1980 Jaqueline Fortes, uma cabo-verdiana que nasceu em Dakar e nunca tinha vivido em Cabo Verde, lança em Lisboa o seu primeiro disco intitulado “Jacqueline”, incluindo o tema Seis One na Tarrafal. Anos mais tarde, em 1993, quando o disco é editado em CD os produtores dão-lhe um novo título em português: Seis Anos no Tarrafal.

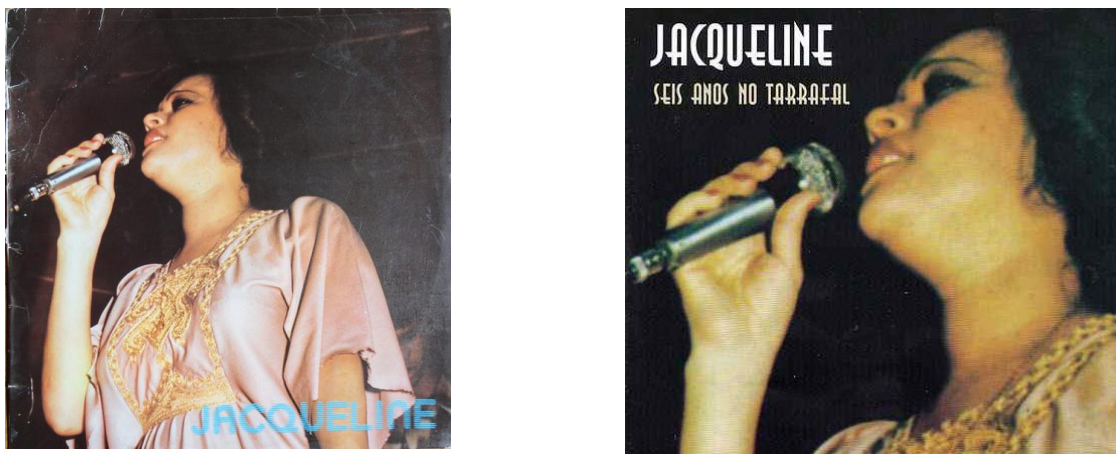


Figura 66. Capa do primeiro disco da cantora Jacqueline Fortes, em LP (1980) e em CD (1993). O título do disco é alterado para dar destaque à canção “Seis anos no Tarrafal”.

### 3.3 O Campo de Concentração na literatura e na poesia

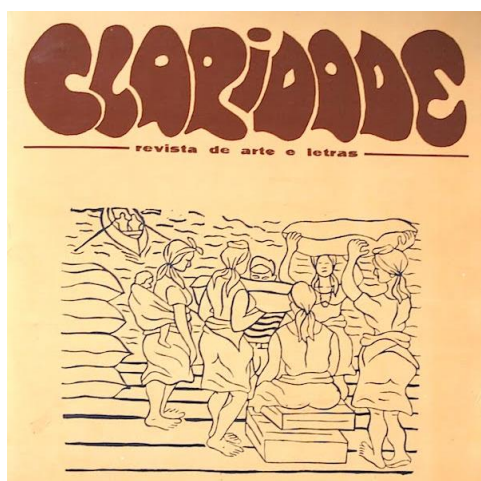


Figura 67. Capa de uma das edições da “Revista Claridade”.

O movimento “Claridoso<sup>1</sup>” surgiu na década de 1930 e marcou o início do modernismo em Cabo Verde. Ao nível político e ideológico, a revista Claridade tinha como objetivo procurar afastar definitivamente os escritores cabo-verdianos do cânone português, procurando refletir a consciência coletiva cabo-verdiana e chamar a atenção para elementos da sua cultura que há muito tinham sido sufocados pelo colonialismo português, como é o exemplo da língua crioula.

<sup>1</sup> Grupos de intelectuais que faziam parte da revista “Claridade”



---

Os poemas de Ovídio Martins, por vezes em “crioulo”, transmitiam mensagens de revolta e contra o regime colonial. Alguns dos seus títulos mostram-nos as temáticas mais abordadas: “Liberdade, Nós morte, Hora nô ta bá junte, Cantá nha pove, Cretcheu, Um spada na mon, Comparaçom, Consciência, Um r'bêra pa mar, Dstine, Ma de canal, Pescador, Cantáme” (Liberdade, A nossa morte, Devemos juntar-nos, Canta meu Povo, Uma espada na mão, Comparação, Consciência, Um rio para o mar, Destino, Pescador, Canta-me).

Abílio Duarte (1931-1996), um dos primeiros militantes do PAIGC e primeiro presidente do parlamento cabo-verdiano, foi o autor de muitos poemas e músicas usadas para divulgar os ideais de independência do país. Na canção *Emigrante*, gravada e editada em 1973 (no mesmo disco que inclui a canção 6 One na Tarrafal - Figura 63) refere

*cabo-verdiano, nha irmon, ka abo esquecê modi no ta tud longe de nós terra, nô ka tivesse tont fome e miséria, (...), ma nô tem k toma nós terra, nô governal nós mess*

(cabo-verdiano, meu irmão, não te esqueças dos motivos que nos levam a estar longe da nossa terra, se não tivéssemos tanta fome e miséria, (...) mas nós temos que tomar a nossa terra e governá-la nós mesmos).

Em Portugal existe abundante literatura referente ao Campo do Tarrafal, incluindo livros com depoimentos de antigos prisioneiros, descrições do local e referências ao ambiente político da época, sempre com o objetivo de manter a memória.

De entre as publicações consultadas destacamos:

- Cândido de Oliveira, Tarrafal-O Pantano da morte, s.d.;
- Comissão de sobrevivente, Tarrafal aldeia da morte, s.d.;
- Comissão de sobrevivente, Tarrafal campo de morte-Fascismo nunca mais, s.d.;
- Franco de Sousa (coord.), Tarrafal-testemunhos, 1938;
- Manuel Francisco Rodrigues, Tarrafal aldeia da morte, 1974;
- Fernando de Abrantes-Ferrão, Francisco Salgado Zenha, Levy Baptista, Manuel João da Palma Carlos, Angolanos no Tarrafal-alguns casos de habeas corpus, 1974;
- Pedro Soares, Tarrafal-campo de morte lenta, 1975;

- Correia Pires, Memórias de um prisioneiro do Tarrafal, 1975;
- Miguel Wagner Russell, Recordações dos tempos difíceis, 1976;
- Acácio Tomas de Aquino, O segredo das prisões atlânticas, 1978;
- Gilberto de Oliveira, Memória viva do Tarrafal, 1987;
- Coleção resistência, Dossier Tarrafal, 2006;
- José Manuel Soares Tavares, O Campo de Concentração do Tarrafal (1936 – 1954)-A Origem e o quotidiano, 2006;
- Nelida Maria Freire Brito, Tarrafal na memória dos prisioneiros, 2006;
- Victor Barros, Campo de Concentração em Cabo Verde, 2009;
- Alfredo Caldeira e Álvaro Dantas Tavares (Coord.), Memória do Campo de Concentração do Tarrafal, 2009;
- Joana Pereira Bastos, Os Últimos Presos de Estado Novo, 2013;
- Joaquim Monteiro Martins, Memória de tortura e resistência, 2013.

### **3.4 A importância internacional**

O património cultural representa a história de vida da sociedade. Ele é fruto das heranças que marcam os lugares, e seu reconhecimento é fundamental para a preservação da narrativa da humanidade.

A importância internacional do Campo de Concentração reside no facto de ele ser o testemunho de um período da história do século XX, de luta dos povos colonizados pela sua independência.

A conservação desta memória interessa em primeiro lugar aos cabo-verdianos, mas também aos guineenses e angolanos, por representar as respetivas lutas pela independência.

Para Portugal, ele representa o testemunho da luta de muitos portugueses contra a ditadura de Salazar.

Esta importância internacional poderá, no futuro servir para criar laços de cooperação e solidariedade entre os povos destas nações para preservarem uma memória que é da humanidade.

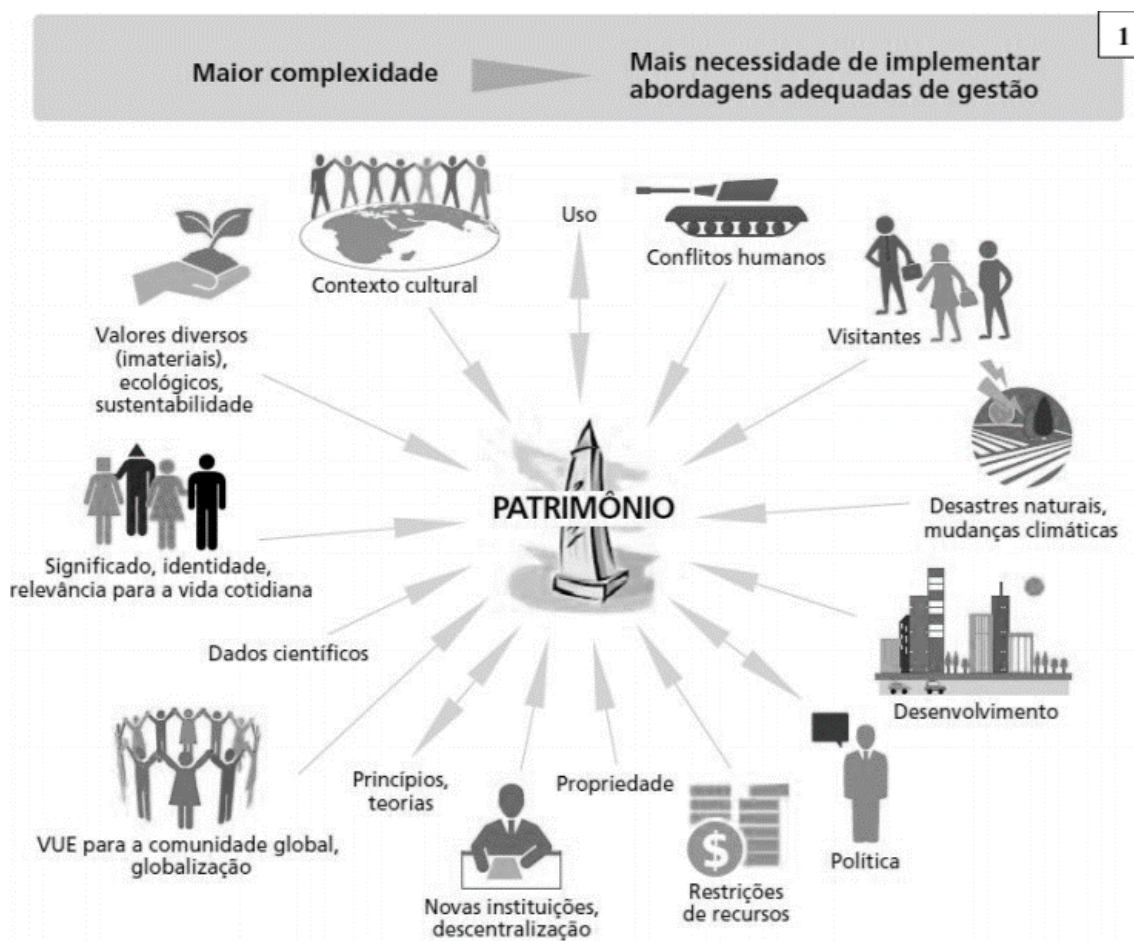


Figura 68. Alguns exemplos de influências e condicionantes que o património enfrenta. Fonte: UNESCO.

### 3.5 Transmissão do conhecimento

O património é uma expressão da história e ajuda-nos a compreender a importância do passado na nossa vida atual.

A presença do passado no património arquitetónico contribui para um ambiente equilibrado e completo, indispensável à vida dos cidadãos. Este património deve ser transmitido às gerações futuras na sua plena autenticidade e em toda a sua variedade como uma parte da consciência do homem sobre a sua própria continuidade.

É um capital de insubstituível valor espiritual, cultural, social e económico. Cada geração interpreta o passado de forma diferente e dele obtém novas inspirações. Qualquer destruição deste capital, construído ao longo de séculos, empobrecer-nos-á. É um capital económico que pode ser utilizado vantajosamente para a comunidade.

O património arquitetónico pode desempenhar um papel importante na educação, visto que proporciona a matéria privilegiada para explicar e comparar as formas e os estilos, e as

suas respectivas aplicações. Atendendo a que, atualmente, a apreciação visual e o contato direto assumem um papel decisivo na educação, é essencial manter vivos os testemunhos de todas as épocas e das suas respectivas realizações.

Os jovens cabo-verdianos, ao aprenderem a história do seu país, deveriam visitar o Campo de Concentração do Tarrafal e ali encontrarem condições para lhes ser explicada a importância simbólica do local.

### **3.6 O Turismo e as vantagens económica do património**

O turismo é um facto irreversível, de natureza social, humana, económica e cultural.

Segundo a Carta Internacional Sobre o Turismo Cultural, “o turismo nacional e internacional foi e continua a ser um dos principais veículos de intercâmbio cultural. Proporciona experiências profissionais, não só a partir da observação dos vestígios do passado, mas também através do contato com a vida atual de outros grupos humanos. É, pois, cada vez mais reconhecido como uma força positiva que favorece a conservação do património natural e cultural. O turismo pode aproveitar as vantagens económicas do património e utilizá-las para a conservação deste, criando recursos, desenvolvendo a educação e reorientando as políticas” (Lopes & Correia, 2014). Representa um desafio económico essencial para numerosos países e regiões, e pode constituir um fator importante de desenvolvimento, se for gerido com sucesso.

O turismo transformou-se num fenómeno complexo em pleno desenvolvimento. Desempenha um papel fundamental nos domínios económico, social, cultural, educativo, científico, ecológico e estético. O conhecimento e os conflitos de valores resultante de interação entre as expectativas e aspirações dos visitantes e as das comunidades de acolhimento abrem a porta a novos desafios e oportunidades, afirmado na Carta Internacional Sobre o Turismo Cultural.

O património natural e cultural, tal como a diversidade das culturas vivas, constitui atração turística de importância capital.

Por outro lado, o turismo é portador de vantagens para as comunidades de acolhimento proporcionando-lhes importantes meios e motivações para cuidarem e manterem o seu património e as suas práticas culturais.

### **3.7 Arquitetura prisional: estudo comparativo de iniciativas de musealização**

As arquiteturas prisionais caracterizam-se por serem centros de confinamento militar ou não, instalados em áreas de terrenos livres e cercados por arame-farpado ou outro tipo de barreira. O seu perímetro é constantemente vigiado e pode abrigar prisioneiros de delito comum e prisioneiros políticos. Existiram campos de concentração em vários países, mas os mais famosos são os criados pelo regime nazi, por onde passaram milhões de prisioneiros. De entre eles podemos citar Dachau, Auschwitz, Buchenwald, Bergen-Belsen e Treblinka.

Atualmente as prisões passaram a ser ambientes destinados a punir, servir de exemplo para a sociedade em geral, recuperar e re-socializar os indivíduos criminosos. Entretanto, os crimes não diminuíram, pelo contrário, só aumentaram com o tempo, e as prisões tornaram-se locais cheio de pessoas desocupados, sem os direitos civis, sociais, culturais e políticos. (Lopes Trindade, L, p. 13)

#### *3.7.1 Forte de Peniche – Portugal*

Peniche é uma cidade portuguesa do distrito de Leiria, região Centro e sub-região do Oeste, com 8 749 habitantes (2016). É sede de um pequeno município com 77,55 km<sup>2</sup> de área e 27753 habitantes (2011). Está limitado a leste pelo Óbidos, a sul perto da Lourinhã e a oeste e norte pelo Oceano Atlântico.

No início do século XIX Peniche era uma Vila e o seu porto era defendido por uma linha de fortificações encabeçada pela Cidadela e constituída por vários fortes, baluartes e baterias.

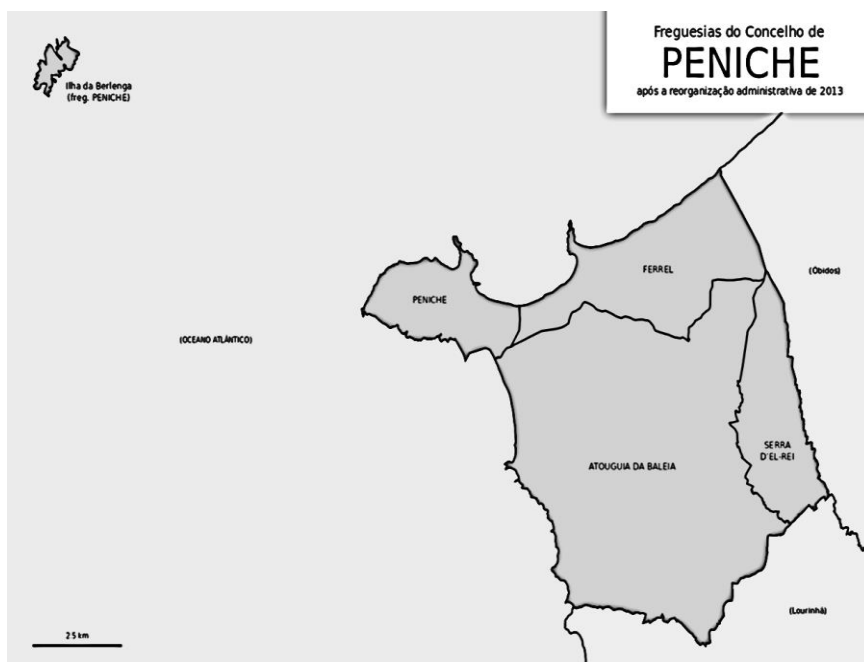


Figura 69. Freguesias do concelho de Peniche, posterior a reorganização administrativa de 2013. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Peniche> - acesso em 07-05-2018.

O Forte de Peniche, segundo Carlos Brito, começou a ser construído no século XVI, no reinado de D. João III, mas só viria a ser concluído durante a Restauração, no século XVII.

Foi uma componente importante da fortificação da costa portuguesa empreendida nessa conjuntura de guerra e tensão bélica com a Espanha.

Tem uma configuração de uma fortaleza de planta estrelada irregular e duas cortinas de muralhas.

Assinalam-se os principais acontecimentos que moldaram a atual situação da Fortaleza de Peniche:

**1828-1834** – Durante a Guerra civil, foi utilizada como presídio;

Até finais de século XIX, funcionou como centro de instrução militar;

**1934** – a fortaleza passa a funcionar como prisão política do Estado Novo até abril de 1974.

**1938** - A Fortaleza de Peniche é classificada como Monumento Nacional (Decreto n.º 28 536, DG, I Série, n.º 66, de 22-03-1938); neste mesmo ano, três presos fogem do Fortim Redondo, conhecido como o segredo, por ser uma zona de isolamento;



---

**1966** - É definida uma Zona Especial de Proteção ao Monumento Nacional (Portaria de 30- 12-1966, publicada no DG, II Série, n.º 71, de 24-03-1967);

**2017** - Albergou o Museu Municipal, possuindo dez mil peças, sendo que a maior parte delas se encontram em exposição permanente. Este museu apresenta as coleções referentes à: pré-história; arqueologia subaquática; pesca e construção naval; arquiteto Paulino Montês, memórias de Peniche; rendas de Bilros e peças da Resistência Antifascista.

O Ministro da Cultura criou, em janeiro, um Grupo Consultivo para a Fortaleza de Peniche com o objetivo de definir propostas para a futura utilização do monumento (relatório final do início de abril de 2017); a Assembleia da República aprovou uma Resolução que recomenda ao Governo a recuperação, requalificação e valorização do Forte de Peniche e a preservação da sua história (7 de abril); o Governo aprovou a Resolução do Conselho de Ministros de 73/2017 de 27 de abril que determinou a elaboração de um plano de recuperação da Fortaleza de Peniche para instalação de um museu nacional dedicado à luta pela liberdade e pela democracia; para a concretização deste projeto os Gabinetes dos Ministros das Finanças e da Cultura, pela Portaria n.º 260/2017, publicada no dia 7 de setembro, determinaram afetar a Fortaleza de Peniche à Direcção-Geral do Património Cultural.

**2018** – A fortaleza encontra-se encerrada tendo em vista a preparação do “Museu Nacional de Resistência”. De referir que a decisão de ali instalar esse museu se deveu a um movimento de opinião que defendeu a preservação da memória coletiva da resistência e da luta pela liberdade.

O Ministro da Cultura, pelo despacho n.º 990/2018 de 12 de janeiro, cria a Comissão de Instalação dos Conteúdos e de Apresentação Museológica do futuro Museu da Resistência e da Liberdade, a instalar na Fortaleza de Peniche.

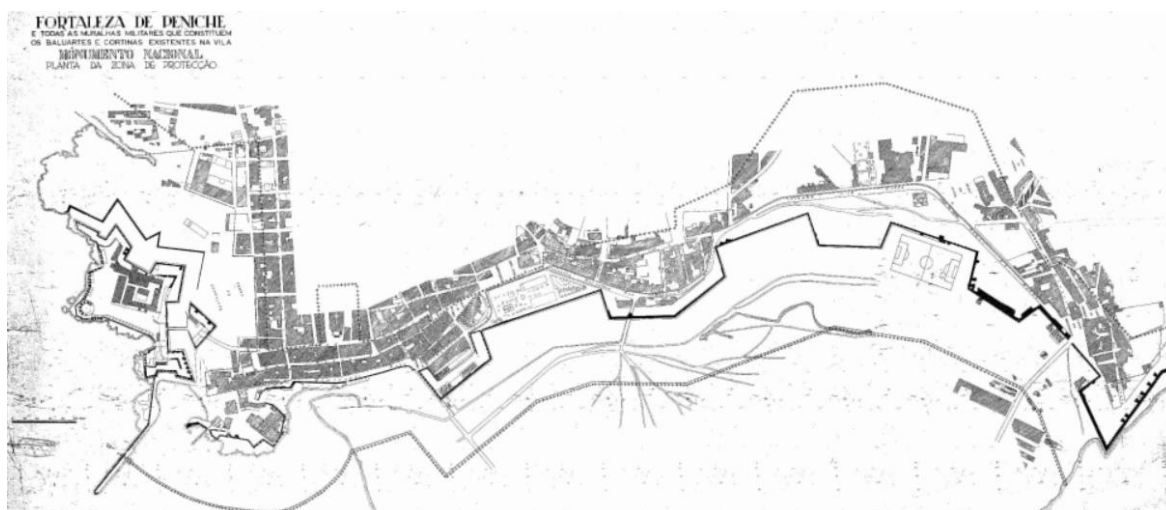


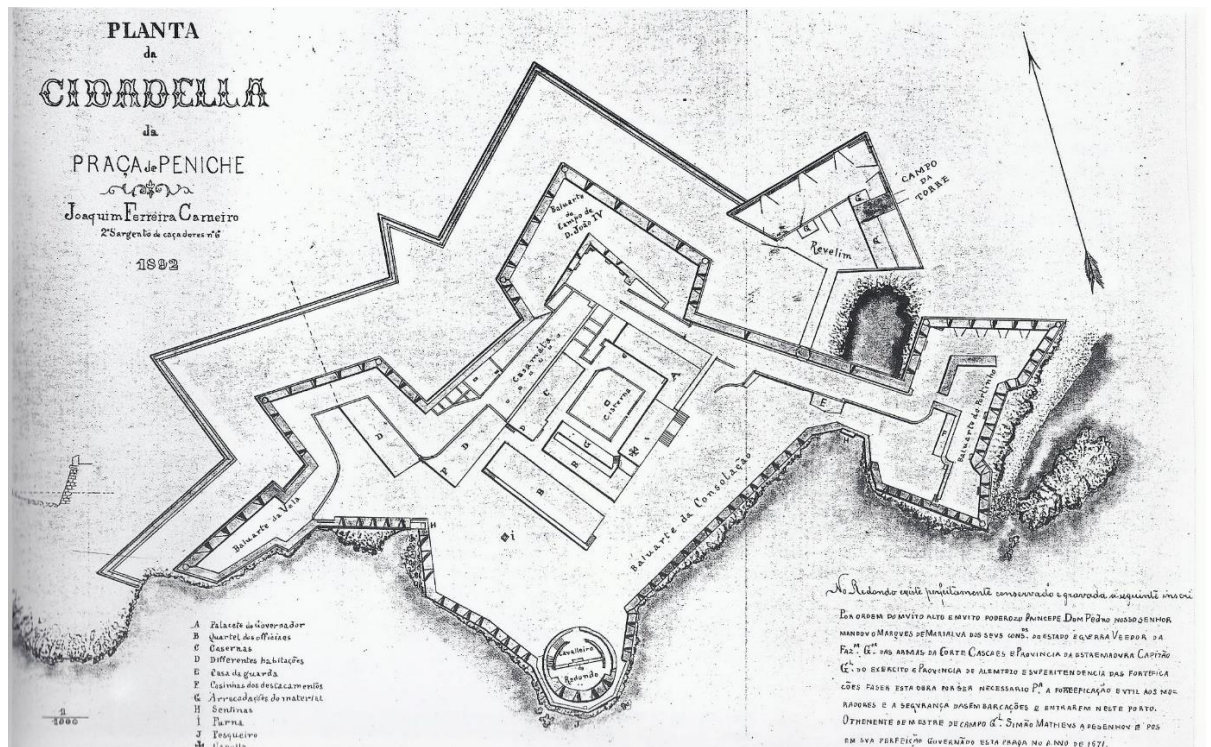
Figura 70. Peniche 1939, com destacando forte e muralhas. Fonte: apresentação do grupo consultivo – DAF-cultural.

De acordo com a descrição de Carlos Brito, “a escolha deste Forte não foi certamente alheia à sua localização, na península de Peniche, que se liga a terra por um estreito istmo e uma única estrada, que era controlada à saída de vila por um posto de polícia, bem como as características da própria fortaleza, com duplas grossas muralhas, rodeadas por um fosso”. (Brito, 2016)

A cadeia de Peniche era um local muito isolado. Situada numa pequena península, com um único acesso e rodeada por um mar muito perigoso. Uma Fortaleza com as suas características e fortes muralhas e vigiada por guarda exterior e interiormente.



Figura 71. Peniche 1940, com um troço oeste já construído. Fonte: Peniche 100 anos através de fotografia, pag. 141





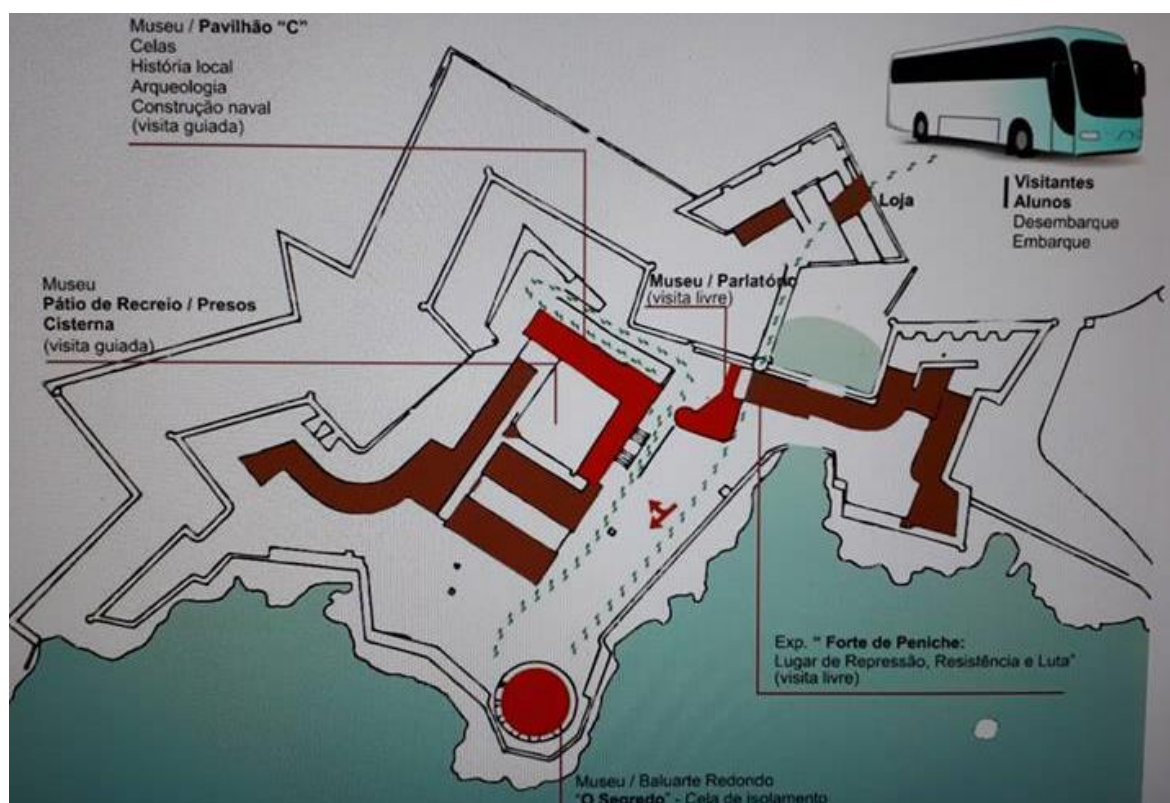


Figura 73. Fortaleza até 2017: Polo Museológico. Fonte: apresentação do grupo consultivo – DAF- cultural.

A Fortaleza de Peniche e o Campo Concentração de Tarrafal de Santiago têm em comum o facto de terem servido de presídio a vários presos políticos portugueses. Muitos foram deportados do Forte de Peniche para o Campo do Tarrafal. Segundo Cândido de Oliveira, em Portugal, havia já quatro horríveis masmorras para clausura dos presos políticos antifascistas: a cadeia de Aljube, e os fortes de Caxias, de Peniche e de Angra de Heroísmo.

### 3.7.2 *Campo de Concentração e Exterminação Nazi de Auschwitz, na Polónia*

A abordagem da atual situação do antigo Campo de Concentração de Auschwitz justifica-se neste trabalho para perceber o sistema de musealização aí implantado, posto que em termos históricos seria exagerada a comparação com o Campo do Tarrafal.

Segundo Esther Mucznik, os primeiros campos de concentração foram criados logo após o estabelecimento do regime nazi em 1933. Nesta primeira fase, destinavam-se sobretudo aos presos políticos alemães. Nessa data já estavam presas cerca de 27 mil pessoas em cerca de setenta campos. O objetivo desses campos era liquidar a oposição política, isolando-a e quebrando a sua resistência. Isso aconteceu por toda a Alemanha

quase espontaneamente nos locais mais diversos: cave, estádios, fábricas abandonadas. (Mucznik, 2015)

À semelhança do Seminário-Liceu de São Nicolau, do Campo de Concentração do Tarrafal de São Nicolau e mais tarde do Campo de Concentração do Tarrafal de Santiago, muitos foram utilizados como estabelecimentos prisionais temporários, aguardando a construção de instalações definitivas.

Lichtenburg (1933-1937), foi um campo de concentração dentro de um castelo, utilizada pelos nazis enquanto aguardavam a construção de Sachsenhausen (1936) e de Buchenwald (1937).



Figura 74. Sachsenhausen 2005. Fonte: Luana Alves



Figura 75. Buchenwald 1999. Fonte: Buchenwald memorial

O campo de concentração de Auschwitz começou a ser instalado em 1940, a três quilómetros da cidade polaca de Oswiecim, no sul da Polónia, aproveitando instalações militares pré-existentes. Esta primeira parte do campo é conhecida como Auschwitz I.

Em 1941, o comandante do campo, Rudolf Hoess, recebeu instruções para ampliar Auschwitz, com o objetivo de ali receber os judeus destinados à “solução final” nazi.

Começava, por isso, a nascer Birkenau (ou Auschwitz II), instalado a poucos quilómetros do primeiro campo e cuja construção obrigou à evacuação e destruição de aldeias polacas. Birkenau estava subdividido em diversos campos e a linha ferroviária terminava no seu interior, o que permitia fazer uma seleção dos prisioneiros que seriam enviados para as câmaras de gás, mal estes chegavam.

Em outubro de 1942 entrou em funcionamento a Auschwitz III, construída nos arredores da cidade polaca de Monowitz. Era composta por um campo de trabalho escravo e tinha mais de 45 campos anexos de trabalho igualmente forçado.

Mas foi em 1943 que Auschwitz tomou a sua dimensão como centro principal da destruição dos Judeus. Nesse espaço funcionavam quatro imensas câmaras de gás, com os seus crematórios adjacentes.



Figura 76. Buna-Monowitz (Auschwitz III) – 1945. Vista geral do campo de trabalho escravo denominado de Buna-Monowitz (Auschwitz III)

Em janeiro de 1945, com a aproximação dos russos, os alemães procuraram apagar as provas dos crimes cometidos em Auschwitz, queimando documentos, fazendo explodir os



crematórios e pegando fogo ao bloco onde eram guardados os bens dos prisioneiros, conhecido como Canadá. Isso à semelhança do o que aconteceu com a “frigideira” do Campo de Tarrafal de Santiago, em que devido à pressão da Cruz Vermelha, eles destruíram a referida construção e não restaram os vestígios.

Havia um total de 48 campos no complexo. Os maiores eram Auschwitz I, Auschwitz II–Birkenau e Auschwitz III–Monowitz ou Buna, um campo de trabalhos forçados. O centro administrativo do complexo ficava em Auschwitz I, onde cerca de 70 mil pessoas morreram, a maioria delas polacos étnicos e prisioneiros soviéticos. Auschwitz II era o campo de extermínio, onde pelo menos 960 mil judeus, 75 mil polacos e 19 mil ciganos foram mortos. Auschwitz III-Monowitz servia como campo de trabalho para a fábrica Buna-Werke<sup>2</sup>, do conglomerado industrial IG Farben<sup>3</sup>. (Mucznik, 2015)



Figura 77. Um dos primeiros planos do campo principal de Auschwitz em meados dos anos 1940. Fonte: site oficial Auschwitz – acesso 14-05-2018

<sup>2</sup> Fabrica de produção de borracha sintética desenvolvido na Alemanha

<sup>3</sup> Era um conglomerado alemão da indústria química e farmacêutica

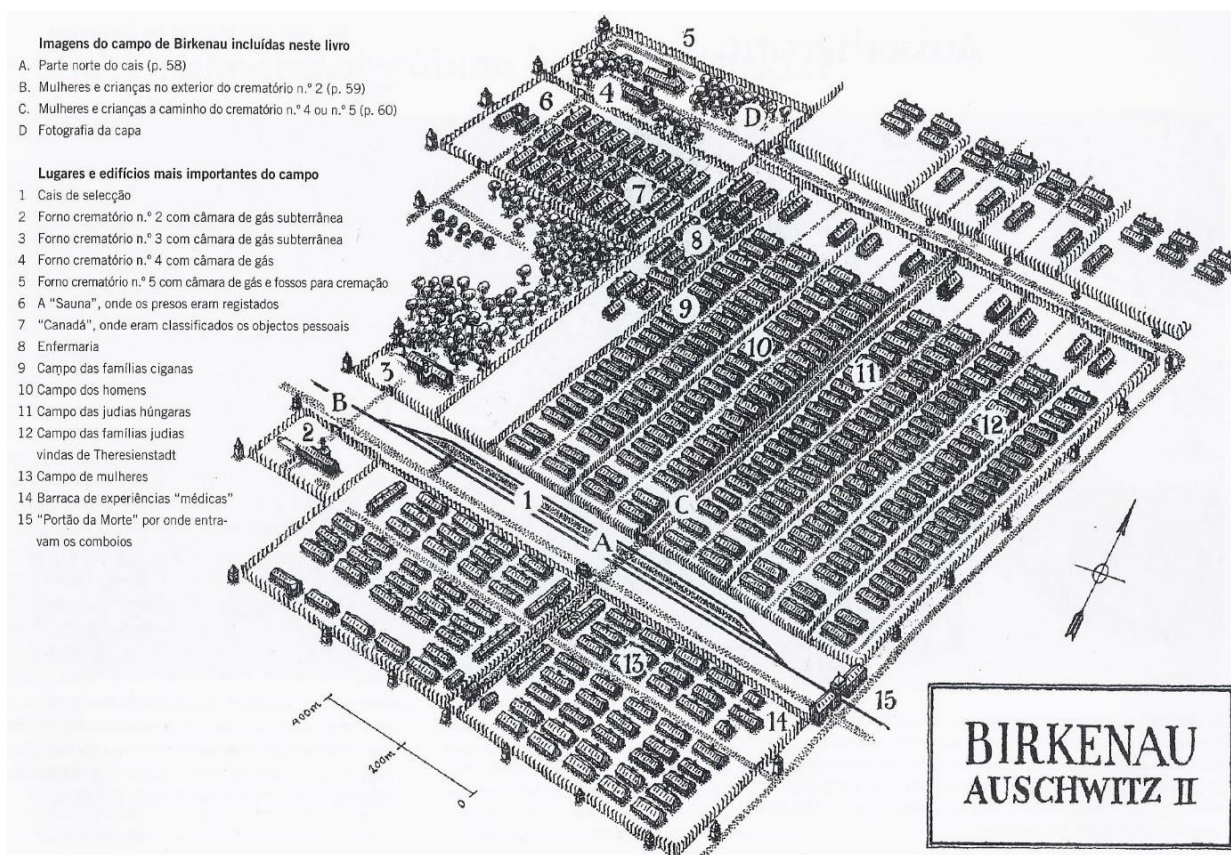


Figura 78. Lugares e edifícios mais importante do campo de Auschwitz II. Fonte: "Contai aos vossos filhos" – Um livro sobre o Holocausto na Europa, 1933-1945.

Para realizar os projetos de renovação, conservação e novos investimentos existe na Polónia um Serviço especializado que supervisiona os 155 prédios (incluindo blocos de acampamento, quartéis e dependências originais), cerca de 300 ruínas e outros vestígios do campo - incluindo as ruínas das quatro câmaras de gás e crematórios no local de Auschwitz II-Birkenau que são de significado histórico particular com mais de 13 km. de cercas, 3.600 postes de concreto e muitas outras instalações. Há quilómetros de estradas, valas de drenagem, trilhos de trem, incluindo uma plataforma de drenagem e descarga, duas estações de tratamento de esgoto originais e reservatórios de prevenção contra incêndios em áreas que cobrem quase 200 hectares. A vegetação de baixo crescimento e as árvores históricas e do pós-guerra (incluindo cerca de 20 hectares de floresta) também requerem conservação contínua.

O Serviço de Conservação deste vasto património dedica uma grande parte de seus esforços à conservação de objetos móveis das coleções do Museu. Estes incluem cerca de 110 mil sapatos, cerca de 3.800 malas, 12 mil panelas e frigideiras, 40 kg. de óculos, 470 próteses, 570 itens de roupas de acampamento, além de 4,5 mil obras de arte. Os Arquivos do Museu

contêm documentos que enchem quase 250 metros de prateleiras, incluindo 48 volumes das chamadas cartilhas de óbitos de campo, 248 volumes de registos da Waffen-SS<sup>4</sup> e do Conselho Central de Construção da Polícia em Auschwitz, 64 volumes de registos do SS-Higiene Institut<sup>5</sup>, 16 volumes de arquivos pessoais em prisioneiros, e cerca de 8 mil cartas de acampamento.

Registos detalhados cobrem todo o trabalho de conservação, em itens individuais ou edifícios inteiros. Pastas especiais contêm não apenas um registo fotográfico preciso de cada etapa do trabalho de conservação, mas também uma análise abrangente realizada antes do início de cada projeto, uma descrição exata das técnicas de conservação aplicadas e a documentação do objeto após a conclusão da conservação.

### **3.8 Conclusões: Valores a proteger**

Podemos afirmar que o Campo de Concentração do Tarrafal é um conjunto de edifícios exemplificativo de determinadas funções, de acordo com as orientações internacionais, nomeadamente do Conselho da Europa e do ICOMOS. Destacamos como critério de ponderação do valor cultural a sua importância histórica pois o Campo possui um importante significado histórico e tem uma especial simbologia para o País e para as respetivas populações.

Acresce que, apesar de naturais transformações da envolvente e da relativa falta de conservação dos edifícios o Campo ainda é compreendido através das suas estruturas principais.

No que diz respeito à autenticidade verificamos a permanência das construções cuja configuração original é confirmada por documentos escritos e desenhados mantendo a sua materialidade.

---

<sup>4</sup> Eram os braços armados da chamada Schutzstaffel (SS), no início do Partido Nazista, como forma de proteção a Adolf Hitler em período conturbado politicamente (as décadas de 20 e 30 do século XX)

<sup>5</sup> Instituto, onde era organizado experimentos envolvendo a interação de diferentes tipos de sangue humano em pacientes prisioneiros indispostos.

## Capítulo 4 ESTRATÉGIA DE CONSERVAÇÃO / IDENTIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS

### 4.1 Conservação física

Intervir em património construído implica utilizar uma metodologia específica que difere em muitos aspetos da que usualmente se aplica à construção nova. O arquiteto como profissional apto a coordenar um projeto deste tipo, pode e deve informar-se sobre estas metodologias. Paralelamente, para poder ser coordenador de um projeto de reabilitação, deverá ser detentor de determinadas competências-chave: o profundo conhecimento das metodologias adequadas ao desenvolvimento de intervenções e projetos de conservação, restauro e reabilitação patrimonial; e a capacidade teórica e crítica para a análise e coordenação de projetos de intervenção em edifícios e conjuntos urbanos com valor histórico ou patrimonial.

O arquiteto especializado em projetos de reabilitação deve ter uma sensibilidade aguçada e uma curiosidade sobre património construído. Ter interesse por todas as disciplinas que orbitam em torno da intervenção sobre o património construído, tendo sobre estas um olhar crítico que o ajuda a dialogar com todos os agentes envolvidos, a propor soluções e compreender propostas, a ligar técnicos e coordenar especialidades. Um conhecimento profundo dos materiais e sistemas de construção que são usados nos edifícios em que intervém, sem perder de vista o controlo tecnológico dos sistemas de construção modernos que possam vir a solucionar desafios postos por cada projeto. Por fim, exerce um controlo orçamental atento desde a fase de levantamento, como processo de viabilização da intervenção. O objetivo do arquiteto num projeto de reabilitação é introduzir mais-valias ao conjunto, estudadas caso a caso, sem onerar a intervenção.

Cada projeto de reabilitação é um caso único, com valor distinto, sujeito a processos distintos. Não existe, nem é possível produzir uma cartilha da reabilitação. Nesta dissertação propomos algumas recomendações e precauções gerais que deverão ser justapostas aos

desafios encontrados no Campo. A máxima atenção deve ser dada à integração entre os vários projetos da intervenção. Na reabilitação, mais do que em qualquer outro tipo de projeto, é fundamental entender-se a intervenção de um modo global, não apenas como um conjunto de projetos individualizados, compatibilizados entre si.

## **4.2 Patologias das estruturas edificadas**

### *4.2.1 Estruturas*

A maioria dos edifícios foi sendo alvo, ao longo dos anos, de intervenções que contribuíram para o aumento da sua vulnerabilidade estrutural, devido a:

- Eliminação de paredes e fragilização de paredes (abertura de roços de grande profundidade para instalação de infraestruturas);
- Fragilização das ligações dos pavimentos e coberturas às paredes;
- Introdução de materiais incompatíveis com materiais antigos pré-existentes;
- Introdução de elementos dissonantes da tipologia construtiva pré-existente;
- Insuficiência de fundações, na relação destas com o terreno de fundação, correspondendo a largura e a profundidade inferior às necessidades, consequentemente, movimentos de assentamento e fendilharão das paredes.

### *4.2.2 Fachadas e interiores*

Nas fachadas verificam-se:

- Fissuras nas paredes e rebocos, causadas por assentamento e abertura de grande roso;
- Ausência de alvenarias;
- Degradação de reboco, causado por perda de material;
- Destacamento das tintas;
- Humidade;

### 4.2.3 Coberturas

A entrada de humidade na construção é a principal ameaça à saúde do edifício. Os elementos mais sujeitos a esta ameaça são a cobertura e as fundações. Apesar disso, a ação da água nas fachadas não é de menosprezar. Nas coberturas dos edifícios do Campo de Concentração do Tarrafal encontramos as seguintes patologias frequentes:

- - Telha de fibrocimento, constituído por amiantos;
- - Edifícios sem coberturas;
- - Telhado sem calha de recolha de águas pluviais;
- - Rufos partidos;
- - Estrutura partido, gasto e com corrosão no caso do metal;
- - Telha partido devido ao desgaste natural e vandalismo.

## 4.3 Ações de manutenção necessárias

### 4.3.1 Estruturas

De um modo geral será necessário realizar as seguintes ações:

- - Reposição dos materiais em falta nas paredes devido à abertura de roços;
- - Substituição dos elementos em madeira degradados, total ou parcialmente com recurso a empalmes e reforço com elementos metálicos;
- - Reforço das paredes com lâmina de argamassa armada com rede metálica;
- - Reforço da ligação entre os elementos da construção com tirantes e elementos metálicos;
- - Reforço na ligação dos componentes das alvenarias com injeção de material de preenchimento compatível com o material existente;
- - Reforço das fundações com injeção de caldas de estabilização apropriadas no terreno;
- - Reforço de fundações por alargamento e aumento de espessura com enchimento de betão armado.



#### 4.3.2 Coberturas

Medidas de combate e prevenção às principais patologias e danos causados pela água nas construções:

- - Substituição ou proteção dos telhados de fibrocimento, de modo a evitar a contaminação dos visitantes, devido a composição do mesmo que é amianto;
- - Introdução de uma nova cobertura, nos edifícios sem coberturas;
- - Introdução, reforço ou correção dos elementos que garantem a impermeabilização na cobertura – telhados e subtelhas, telas, beirados, caleiras e rufos;
- - Colocação de uma nova estrutura, nos edifícios sem cobertura e para os que se encontra em mau estado de conservação;
- - Substituição ou reparação das peças de estrutura, nos edifícios de razoável estado de conservação;
- - Limpeza periódica.

#### 4.3.3 Fachadas e interiores

Ações preconizadas:

- Introdução de novas alvenarias;
- - Reparação dos rebocos fissurados, (depois de resolver o problema de assentamento);
- - Substituição dos rebocos no caso das perdas do material do mesmo;
- - Aplicação de ceras líquidas e tintas hidrófugas de forma a cobrir a humidade;
- - Uma nova pintura quase em todos os edifícios;
- - Criação de sistemas de evacuação imediata de qualquer fonte de humidade interior, através da ventilação cruzada ou por meio de ventilação forçada principalmente nas instalações sanitárias e cozinhas.

#### 4.3.4 Condições de uso (rede de instalação técnica)

Geralmente, numa intervenção num edifício com mais de 30 anos, como é o caso de Campo Concentração de Tarrafal de Santiago, as instalações técnicas devem ser substituídas, ou no mínimo, inspecionadas e corrigidas. O tempo de vida útil das redes e instalações

---

técnicas é muito inferior ao tempo de vida útil da construção. Nesse caso em concreto a recomendação passa pela criação de uma nova instalação, devido ao tempo e falta de manutenção.

Recomendamos que no projeto de reabilitação se preveja que as infraestruturas sejam de fácil adaptação e substituição futura porque:

- - Algumas instalações tornam-se obsoletas passados poucos anos;
- - Sofrem de um envelhecimento mais acelerado que o edifício;
- - Têm que ser ajustáveis aos vários usos que o edifício poderá vir a ter no futuro.

Deve evitar-se fazer negativos nas paredes, principalmente a abertura de roços de grande profundidade na instalação das infraestruturas, que vão fragilizar as paredes. Serão também de evitar o corte dos elementos de madeira que conferem resistência às paredes e aos pavimentos e que participam da estrutura do edifício.

De uma forma geral, sobre as instalações técnicas, deve ter-se em conta que:

- As redes de águas não devem ficar embutidas nas paredes e pavimentos porque podem vir a sofrer de ruturas pontuais com infiltração de humidade nas alvenarias, vigas em madeira e/ou nas lajes;
- Os tubos de queda da rede de drenagem das águas pluviais não devem ser deixados ou ser instalados no interior das paredes e a manutenção é mais fácil se estiverem fora das paredes, nas fachadas, pelo interior dos espaços ou em espaço técnico próprio;
- As redes de distribuição de drenagem das águas residuais e de abastecimento de águas de consumo devem ser instaladas de forma acessível, de preferência a vista, em parede dupla de gesso cartonado e em courette própria;
- As instalações de telecomunicações são aquelas que, devido ao acelerado desenvolvimento tecnológico na área das telecomunicações, mais rapidamente ficam obsoletas e que, portanto, deverão também ser instaladas de forma mais acessível e substituível possível;
- Não é recomendável, nas instalações elétricas, reutilizar a tubagem e condutores existente, devido ao estado avançado de degradação, e devemos recorrer a rodapés ou sancas, para uma nova instalação;
- As instalações da segurança contra incêndios devem seguir os mesmos princípios enunciados para as outras redes e instalações, sendo que não se devem abrir nega-

tivos nas paredes para instalação de extintores e de armários para mangueiras de incêndio.

#### **4.4 Relação com a envolvente: necessidade de um regulamento**

##### *4.4.1 Modificação da envolvente*

É inevitável a fusão da Cidade de Tarrafal à Vila Chão Bom. Mantendo-se o atual ritmo de crescimento do espaço a área edificada em 2020 poderá chegar aos 456ha.

De acordo com o P.D.M.T.S.<sup>6</sup>, até 1970, a localidade de Lém Mendes encontrava-se já definida. O Campo de Concentração localizava-se bastante afastado do núcleo de então, a área edificada era de cerca de 34 hectares. Em 1990 além da densificação dos bairros existentes, Estrada, Lém Tavares<sup>7</sup>, Rua d'Horta, Lém de Tchada, Perdigoto, Monte Mosca e Cabeça Carreira são uma realidade, com uma área edificada de 100 hectares, 3 vezes maior que a área de 1970.

Em 2010 a área edificada, incluindo o loteamento por construir de Lém Ferreira, é de 135 hectares, 1,35 vezes superior a 1990. Nota-se um claro abrandamento no crescimento do espaço urbano em relação aos anteriores 20 anos (1970-1990), resultante em parte pelas barreiras físicas, do lado interior, o declive mais acentuado das encostas em direção de Achada Grande<sup>8</sup> e do lado litoral, a massa verde (campo de acácias) junto a baía de Chão Bom.

A partir de 2010, é possível verificar o aceleração do crescimento da construção em direção ao Campo de Concentração do lado nascente e do lado norte.

Se se mantiver este ritmo de crescimento do espaço a área edificada em 2020, sem um instrumento legal de proteção do Campo, poderá chegar a comprometer o limite de proteção do Campo, que nesse momento não tem um documento bem estruturado desse limite, com exceção de um apontamento não minucioso da parte do P.D.M.T.S.

---

<sup>6</sup> Plano Diretor Municipal de Tarrafal de Santiago

<sup>7</sup> Aglomerado invasora a Campo de Concentração do lado nascente

<sup>8</sup> Plano invasora a Campo de Concentração do lado norte

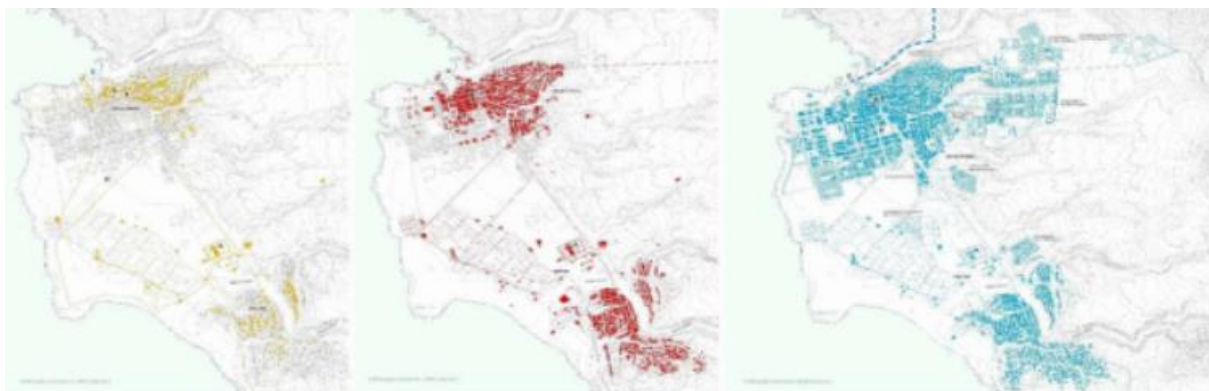


Figura 79. Planta de expansão sucessiva de Tarrafal e Chão bom. Fonte: P.D.M.T.S.

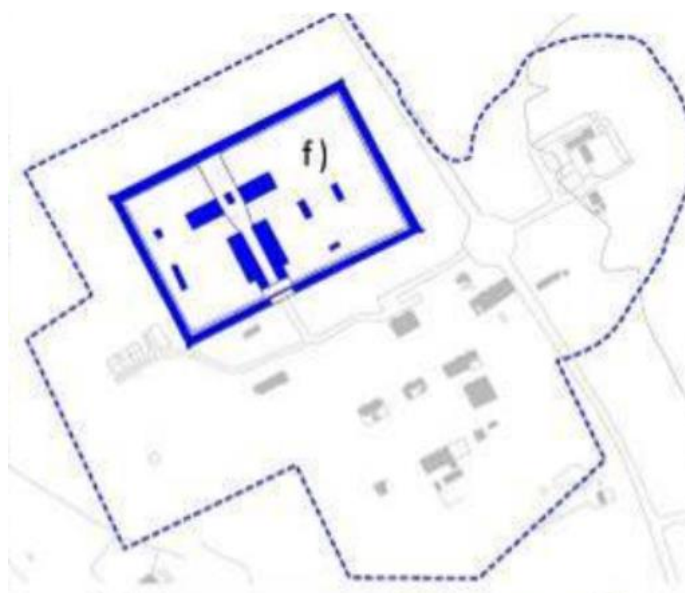


Figura 80. Apontamento de delimitação da área de proteção do Campo. Fonte: P.D.M.T.S.

É de extrema importância e urgente a elaboração de um plano de pormenor de salvaguarda do Campo de Concentração do Tarrafal que estabeleça as áreas onde não se deverá construir e as regras de construção e ocupação do solo nas áreas onde a construção será permitida.

Cabe à Câmara Municipal definir, no seu Plano Diretor Municipal, os edifícios de interesse a classificar. O Plano de Pormenor de Salvaguarda deverá ser elaborado em parceria com o Instituto do Património Cultural e o Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas.

O Município, em parceria com os serviços da administração central ou regional autónoma responsáveis pelo património cultural, deverá ter por termo de referência o estabelecimento da área a proteger, no sentido de evitar o fenómeno de descaracterização da

envolvente do Campo. Nesse plano é de extrema importância definir a escala, a volumetria, a cor, balanços, métrica do vãos e tipologia das construções permitidas na envolvente.

Para valorização e acautelamento da unidade que o Campo constitui com a paisagem, deve ser definida uma área de servidão de vistas. Nesta área as construções terão de ter uma dimensão e altura que sejam consentâneas com a escala do Campo, por forma a não prejudicar os pontos de vista consolidados na memória coletiva e as panorâmicas notáveis.

Devemos definir uma área “non aedificandi” com o objetivo de preservar a envolvente do Campo. Nesse espaço não deve ser permitida nenhuma construção que comprometa a coerência do local.

As construções novas, fora da área “non aedificandi” deverão harmonizar-se com as existentes quanto à escala, volumetria, inclinações e remates da cobertura, tipo de vãos e materiais a utilizar.

As zonas verdes a preservar integram os conjuntos de árvores que, embora exteriores ao campo, pelo seu porte, desenvolvimento e beleza constituem património natural.

Nesta zona devemos interditar o abate das árvores e maciços de arbustos, senão quando devidamente justificados. Em casos de destruição da vegetação, devem ser feitas novas plantações.

Nos espaços públicos, existentes ou a criar, só poderão ser autorizadas construções que completem a utilização do espaço.

Em novas plantações deverão ser escolhidas espécies de comprovada adaptação local.

Em espaços de reduzida dimensão ou deficientemente ensolarados deverão ser escolhidas espécies de folha caduca.

Deverão ser mantidas as volumetrias existentes, não sendo permitido o aumento das cérceas, salvo os casos excecionais em que não fique comprometida a qualidade do edifício ou do conjunto urbano em que se inserem.

Não devemos permitir a construção de corpos balançados aos edifícios envolventes. Poderão os mesmos ser admitidos em logradouros em situações devidamente justificadas.



## **4.5 Relação com a comunidade – congregação dos valores**

### *4.5.1 Relação com a população*

A população da Cidade do Tarrafal de Santiago, trata o espaço do antigo Campo de Concentração como se fosse um corpo estranho. Isto deve-se à falta de uma política de divulgação, de educação e de comunicação, relacionado o antigo presídio com a história do País.

A situação aconselha a uma cooperação mais estreita entre os organismos representativos do turismo, por um lado, e os da proteção do património, por outro, no sentido de se obter uma integração dos valores culturais nos objetivos sociais e económicos incluindo no planeamento dos recursos dos Estados, das regiões e das comunidades locais.

Para que uma localidade possua atratividade turística é importante que seja interessante para a população que ali vive, sendo assim o turismo como uma consequência. Se um monumento é identificado pela população como símbolo da sua identidade, o turista terá interesse em conhecê-la, pois o visitante procura no lugar uma relação de identidade, que é realizada através do contacto com o património da localidade.

### *4.5.2 Relação com as escolas*

Atualmente o Ministério da Educação não tem um programa obrigatório de visita dos alunos ao antigo Campo de Concentração do Tarrafal. As visitas são esporádicas e dependem da iniciativa individual por parte de alguns professores. Parece-nos de extrema importância o desenvolvimento de uma política educativa tendo sempre como objetivo fulcral manter vivas as memórias da nossa história e valorizar a liberdade e a cidadania, ou seja, deve desenvolver-se um programa educativo, tendo como base a educação patrimonial.

Desde a idade escolar, as crianças e os jovens devem ser educados para compreenderem e respeitar os monumentos e os sítios, como forma de favorecer atitudes positivas da população face ao seu património.

Uma outra medida passa pela utilização de um dos edifícios externos do campo como escola pré-primária, serviços educativos nas questões do património tanto para as crianças, como para os alunos das escolas básicas e dos liceus locais e nacionais. Com os serviços educativos podem ser desenvolvidos e discutidos temas de carácter pertinente, exposições dos

trabalhos feitos pelas crianças e alunos baseados na história e nas histórias do espaço, da comunidade, da cidade e do país. A criação de espaços de debate, para a realização de seminários e workshops e projeção de filmes também parece um caminho a seguir. Para ativação dos serviços educativos neste espaço de memória, devemos manter os técnicos da museologia e contratar, pelo menos, três professores para trabalhar nesta área.

#### 4.5.3 *Visitas*

Em termos de atividade para o público, o Museu da Resistência tem estado aberto para visitas às instalações e às galerias de exposições. Na pessoa do seu antigo coordenador, João da Mata, o Museu tem promovido visitas de estudo com as escolas do Ensino Básico Integrado (EBI) de vários concelhos da ilha. Tendo em conta o considerável interesse manifestado por muitas escolas que desejam conhecer o Museu é urgente promover programas de ação educativa de forma organizada e alargada aos públicos escolares de todo o país e não só. As visitas guiadas às oficinas pedagógicas temáticas, tirando naturalmente partido do ineditismo do espaço, para a exploração dos valores sociais e dos Direitos Humanos, serão uma das componentes fundamentais do projeto educativo.



Figura 81. Alunos das escolas locais visitando uma exposição no Campo do Tarrafal. 2009.

#### 4.5.4 *Acontecimentos*

Já se tornou habitual a realização dos Simpósios Internacionais sobre o Campo de Concentração do Tarrafal, como por exemplo o que ocorreu no ano de 2009, altura em que a Fundação Mário Soares, em colaboração com a Fundação Amílcar Cabral, instalou no campo

uma exposição de documentos e textos e foram realizadas algumas reuniões de caráter comemorativo da Assembleia Municipal que acontecem.



Figura 82. Imagem da assistência no Simpósio Internacional sobre o Campo de Concentração do Tarrafal, em 2009.

Também mais recentemente, em 2018, o ex-Campo de Concentração do Tarrafal abriu as suas portas para acolher a Sessão Solene da Assembleia Municipal em comemoração aos 101 anos da criação do Município.



Figura 83. Sessão Solene da Assembleia Municipal em comemoração aos 101 anos da criação do Município, em 2018. Fonte: Site oficial Câmara Municipal Tarrafal de Santiago.

---

## Capítulo 5 Estratégias de conservação a longo prazo

### 5.1 Inventariação e investigação

Existe ainda muito material disperso sobre o antigo Campo de Concentração do Tarrafal que, no futuro será necessário inventariar, sistematizar e colocar à disposição do público interessado.

Registamos que na última década tem sido feito algum esforço, mas a passagem do tempo poderá levar à perda de muito material.

Para podermos ter uma ideia relativamente ao material iconográfico e documental disponível apresentaremos uma breve síntese dos aspetos retratados na exposição realizada em 2009, por ocasião do Simpósio Internacional sobre o Campo de Concentração do Tarrafal.

O Museu da Resistência funcionava, no seu início, numa pequena galeria de madeira situada na parte exterior do Campo. A instalação interior do presídio servia somente para as visitas e romarias. Os acervos da galeria da exposição eram constituídos por fotografias em grande formato que representavam os antigos presos políticos portugueses, os vestuários dos reclusos e os capacetes dos guardas e alguns documentos que faziam parte dos processos dos reclusos. Era notória nesta exposição a grande predominância de informação e referências ao primeiro período de funcionamento do Campo (1936 a 1954). Em termos do processo de montagem da exposição, notava-se maior ênfase nos conteúdos, isto é, mais informações escritas do que objetos.

Na antiga cela dos presos angolanos eram expostos 40 painéis distribuídos ao longo das paredes da sala. Estes painéis retratavam:

- O **enquadramento** onde se podia ver: a ordem de Salazar para a criação do Campo em 1936; o decreto-lei n.º 26 539 que criou a Colónia Penal; a primeira leva dos presos de 29 de outubro de 1939; o encerramento do Campo, em 1954; a 2ª fase do Campo com reabertura a 17 de junho de 1961 com o nome de Campo de Trabalho Forçado de Chão Bom (Portaria nº 18 539). Em seguida os painéis com informações mais significativas.

- Os **primeiros momentos** da vida no Campo, nomeadamente a construção: concentração de tendas cercadas por arrame farpado, as primeiras instalações para a administração do Campo e a paisagem da baía do Tarrafal.
- A **vida quotidiana** no Campo, representada através de fotografias dos reclusos; as imagens das cela; a «frigideira»; a lista dos 307 nomes dos presos portugueses que passaram pelo Campo do Tarrafal. Os painéis com elementos iconográficos, legendas e textos informativos representavam as soluções expositivas encontradas para retratar a história do Campo.



Figura 84. Exposição na cela dos presos políticos angolanos

- A **segunda fase do Campo**, encontram-se representados os processos sociopolíticos que envolveram a luta armada, as fotografias dos presos, o momento da libertação dos presos políticos, as listas seriadas dos nomes dos antigos presos políticos que estiveram presos no Campo. Recorreu-se ao mesmo suporte cénico para “contar” a História do Campo. Na mesma sala estavam expostos os artefactos que marcaram a vida no Campo. Numa vitrina de vidro eram apresentados três capacetes dos guardas do Campo e um bandolim que pertencia a um dos presos do Campo. Era ainda apresentada uma réplica da «frigideira».





Figura 85. Exposição na cela dos presos políticos guineense

- Os **presos políticos guineenses, angolanos e cabo-verdianos**, apresentados em painéis que estavam dispostos ao longo das paredes. Nos painéis de cor verde-escura eram representadas as personalidades sobreviventes de Angola. Eram oito painéis de fotografias cruzados com os testemunhos sobre a sua experiência no Campo. A cor verde-alface pertencia à nacionalidade guineense. Eram visíveis do lado direito cinco painéis. E, finalmente, a cor vermelha servia de suporte às personalidades cabo-verdianas. Na parede da esquerda encontravam-se dispostas alternadamente com as janelas os restantes dois painéis de Angola, da Guiné e de Cabo Verde. Ao longo da sala, disposta as mesas/vitrinas que mostravam os processos dos reclusos, as listas das doenças, listas dos presos e os tempos de prisão, uma réplica da «holandinha», e ao fundo da sala duas vitrinas que mostravam os vestuários dos presos e os capacetes dos guardas.
- Os **médicos** que passaram pelo Campo. Era apresentada uma fotografia de Esmeraldo Pais de Prata, o famoso médico e informações sobre outros médicos que passaram pelo Campo.



Figura 86. Exposição na enfermaria



Apesar deste pequeno ganho, o Museu da Resistência ainda não tem um corpo de coleções estruturadas e sistematizadas. Carece até de recursos humanos que se possam ocupar dos Serviços Educativos, das reservas técnicas, do Serviço de Documentação, etc.

## **5.2 Plano de gestão**

### *5.2.1 Plano de obras de conservação e restauro*

“A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua afetação a uma função útil à sociedade: tal afetação é, pois, desejável, mas não deve alterar a disposição ou a decoração dos edifícios. É dentro destes limites que se devem conceber e que se pode autorizar as adaptações exigidas pela evolução dos usos e dos costumes.”<sup>9</sup>

Todos os trabalhos de restauro, substituição de elementos, reconstrução, recuperação, ampliação, novas construções e demolições de edifícios dentro do perímetro do Campo terão de merecer parecer do Instituto do Património Cultural, para além dos demais legalmente exigíveis.

Os edifícios do Campo deverão conservar a qualidade estética e construtiva que os caracterizam, pelo que só poderão ser autorizadas obras de conservação, restauro, beneficiação, modificação, ampliação, demolição, reconstrução e renovação sempre que delas não resultarem alterações significativas do conjunto.

A demolição total de qualquer edifício só deve ser permitida desde que seja considerada ruína eminente pela Câmara Municipal, sob parecer técnico da comissão paritária especificamente nomeada para o efeito.

Antes da demolição do imóvel, este será fotografado e as pedras das estruturas de portas, janelas e cunhais serão numeradas para que se possa reconstruir o edifício.

A colocação ou remoção de rebocos com a finalidade de revestir ou tornar aparentes a alvenaria de pedra só é permitida quando se comprovar ser essa a forma original de acabamento do edifício ou, não o sendo, se reconhecer que essa solução assegura um bom enquadramento do edifício na envolvente.

---

<sup>9</sup> Cit. artigo 5.º da Carta de Veneza

As substituições dos telhados devem ser feitas mantendo a forma, o declive, o volume e aparência do telhado primitivo quando não permitido o aumento da cércea.

Só poderá ser aplicada telha que imita a existente, mas devemos proibir a aplicação de fibrocimento, chapas onduladas ou telhas de cor diferente da usual (telha marselha) ou vidradas.

Deve prever-se o correto escoamento das águas pluviais, de modo a evitar infiltrações nas empenas dos edifícios contíguos.

No revestimento exterior das fachadas dos edifícios devemos evitar a aplicação de:

- Rebocos e tintas texturadas;
- Materiais cerâmicos ou azulejos;
- Marmorites e imitações de pedra;
- Aglomerados e outros materiais sintéticos;
- Rebocos de cimento à vista;
- Rebocos a imitar a textura da contaria ou a de outros materiais de construção.

Em relação aos vãos devemos:

- Evitar a alteração dos vãos existentes, quer no número quer no seu formato, sem prévia autorização da equipa destacado para o efeito;
- Não devem ser rebocadas ou pintadas as vergas, ombreiras, peitoris e soleiras dos vãos quando forem constituídas por peças únicas de pedra;
- A substituição de portas e janelas deve ser feita por outras de idêntico material, forma e cor sempre que apresentem características tradicionais;
- Nos restauros devemos recuperar os pormenores notáveis deteriorados.

### *5.2.2 Plano de obra de reabilitação funcional*

No que se refere à equipa e fases de preparação da obra podemos seguir o seguinte:

- Criação de uma equipa pluridisciplinar, onde podemos ter, arquiteto, engenheiro civil, historiador, topógrafo, geógrafo e museólogo, consoante a complexidade do projeto e a necessidade técnica destes especialistas;
- Inventariação/levantamento – Este processo encontra-se incompleto em algumas áreas, como o desenho antigo e atuais, no entanto ainda há muito trabalho a fazer

---

nesse sentido;

- Estudo dos edifício – Neste ponto deverá ser realizada uma recolha de informação referente à história do edifício e suas transformações ao longo do tempo. Posteriormente, deve ser efetuada uma caracterização do seu estado atual, em termo de materiais, espaços, problemas de conservação, riscos, recursos, acessibilidades, etc. Para se alcançarem estes objetivos deverá ser implementada a monitorização das condições ambientais dos diferentes espaços, incluindo as reservas;
- Determinação dos principais fatores de risco – Depois de estudados todos estes aspetos, estaremos preparados para a apresentação dos principais fatores de risco e sua esquematização;
- Elaboração dos projetos, de arquitetura e todas as especialidades, incluindo a de execução;
- Elaboração do orçamento, envolvendo as reparações e conservação preventiva de manutenção a longo prazo;
- Elaboração de um caderno de encargo, que defina quais são as cláusulas técnicas e jurídicas que se vão incluir no contrato a celebrar, estabelecendo as obrigações e deveres entre o adjudicatário e o adjudicante;
- Preparação e aprovação do concurso;
- Publicação do concursos / envio de convites, caso o procedimento ocorra por realização de concursos públicos, limitados, por diálogo concorrencial e por negociação;
- Esclarecimentos e retificação das Peças do Procedimento, nomeadamente erros e omissões;
- Recepção das propostas e habilitação dos concorrentes, após terem sido ultrapassados todos os obstáculos relativos a retificações do programa de procedimentos, os concorrentes entregam as respetivas propostas, com todos os seus documentos constituintes;
- Avaliação e negociação das propostas. Nesta fase são avaliadas as propostas no sentido de se estabelecer quais aquelas que são excluídas pelo não cumprimento da totalidade dos requisitos e quais as que são aceites a concurso, por forma a estabelecer a sua ordenação;
- Abertura e Consulta de propostas e candidaturas;

- 
- Escolha da proposta para Adjudicação da obra. A adjudicação é realizada com base num dos seguintes critérios: A proposta economicamente mais vantajosa para a entidade adjudicante e o preço mais baixo;
  - Criação de um Plano de gestão, manutenção e conservação preventiva, isso deve ser através de criação de um conjunto de normas e procedimentos, com o objetivo de preservar e divulgar este museu.

### 5.2.3 *Criação de condições para a visita e para usos específicos*

Ao pretender-se um museu como espaço valorização da memória, de educação, e de transmissão de valores e de conhecimento, teremos que apresentar o Campo na sua globalidade e autenticidade. Consequentemente devemos abordar e levar em consideração, a questão dos moradores das antigas moradias e não só do espaço murado do Campo. Esta questão deve ser motivo de muitos debates, programação e planeamento e uma boa aplicação por parte da entidade que tutela o espaço, envolvendo o Instituto e Património Cultural, a Câmara Municipal do Tarrafal, a população local e os vários agentes sociais. Deve ter-se em conta que a maioria dos ocupantes das antigas moradias não têm condições financeiras para autoconstrução de moradia própria.

- Consideramos importante elencar as principais tarefas a realizar:
- Criação de uma entidade gestora da Museu, definindo-se o respetivo modelo e mandato legal, com participação da administração central, local e outras entidades;
- Designação, no âmbito da entidade gestora, de uma comissão específica para a instalação do núcleo museológico;
- Constituição de um Conselho Consultivo;
- Montar vedação de forma a evitar a entrada dos animais;
- Condicionar a entrada de viatura na avenida do campo;
- Contratar um guia turística erudito na questão do campo;
- Usar a casa de guarda a frente do central elétrica, como recepção e bilheteria;
- Criar um sistema de pagamento mais transparente;
- Criar percurso de visita, devidamente marcado e delimitada;
- Introdução das placas informativas em cada edifício;

#### 5.2.4 *Espaço de venda*

Tendo presente as potencialidades turísticas do local, deverá ponderar-se:

- Criar um espaço de venda de livros destinados a vários níveis etários e a todos os graus de erudição: Livraria de arte com bibliografia nacional e estrangeira e livraria de história, arte e etnografia local e nacional;
- Organizar um espólio de peças de coleção a partir da reprodução fiel de objetos concretos ou representados na pintura do museu: reprodução de gravuras a partir de matrizes pertencentes ao museu;
- Utilizar elementos decorativos de algumas peças para ornamentação de objetos de produção em série: postais, cartazes, blocos, cadernos, baralhos de carta, ou caixas de fósforos, coleções de selos;
- Criar linhas especiais de objetos para o escritório, a casa ou a escola e de vestuário utilizando elementos ornamentais dos objetos da coleção, aliados a um estilo de fundo discreto e simples, mas atual, as quais teriam um lançamento sazonal sujeito a propaganda específica;
- Vender videogramas de divulgação e complemento às coleções do museu;
- Criar jogos didáticos: puzzles; reconstrução de quadros; jogos de diferenças; jogos competitivos de questões relacionadas com o campo; reprodução do Jogo da Glória adaptado à história do campo; livros para colorir e figuras para recortar; casas e monumentos de cartão para recortar e armar, permitindo assim reproduzir zonas urbanas mais características de Tarrafal;
- Utilizar o logótipo do museu ou o símbolo da cidade na personalização de objetos miúdos: porta-chaves, canetas, isqueiros, lenços, camisolas, carteiras e outros.

#### 5.2.5 *Restaurante*

Julgamos haver condições para:

- Criar um restaurante/salão de chá no exterior do campo, pode ser de iniciativa privado;
- Apresentar, na ementa, pratos e doçarias típicos cabo-verdianos;
- Otimizar os espaços existentes e melhorar os serviços prestados.

---

### 5.2.6 *Rentabilização de serviços*

- Disponibilizar determinadas áreas, esporadicamente, para a realização de recepções oficiais ou particulares, como lançamentos editoriais, comemorações, ou outras, cujo carácter elitista seja compensado pelos proventos que traga ao museu;
- Aproveitar os cenários da exposição para a realização de serões de poesia e música que, de alguma forma, se conecte com o Campo ou museu;
- Criar um espaço intimista propício à realização de pequenos concertos para instrumentos solistas;
- Aproveitar os espaços vazios para dinamizar o campo através da realização de jogos tradicionais;
- Criação de medalhas relativas ao Museu, a efemérides relacionadas com as Artes Plásticas ou com as suas Exposições Temporárias ou com a comemoração de datas históricas relacionadas com Cabo verde.

## 5.3 **Estratégica de divulgação**

A política de comunicação é importante, podendo: desenvolver e melhorar a imagem do museu aumentando a sua notoriedade; informar potenciais visitantes sobre o espaço e os seus atributos mais importantes; desenvolver e manter uma relação constante com os visitantes, informando-os sobre as atividades do museu e obter subsídio para melhoria dos serviços.

### 5.3.1 *Orçamento para a comunicação e canais de comunicação a ser escolhido*

O orçamento para a comunicação deve ser previsto juntamente com os orçamentos para as obras de restauro ou manutenção. A comunicação pode ser gerido pelo próprio museu para obter coerência.

Indicam-se seguidamente algumas ações que poderão ser debatidas com os responsáveis e financiadores, para dinamização do museu.

- Criação de uma identidade corporativa/imagem corporativa,
- Criar mais iniciativas de mercado nos museus Cabo-Verdianos, no que se refere aos espaços onde a loja tem alguma representatividade e cujo restaurante tem ca-



---

pacidade para o serviço de almoços;

- Criar um espaço de vendas, onde podemos dispor de catálogos e publicações relativas ao espólio do Museu. Deve haver, também, outros objetos afins: postais avulsos ou em coleções temáticas, gravuras, cartazes, calendários, blocos, cadernos, canetas, porta chave, livros para receitas, marcadores de livros, videogramas e discos; reproduções de objetos de cerâmica;
- Criação de bar, o qual devia oferecer os seus serviços inclusivamente à hora do almoço, altura em que os espaços expositivos se encontram encerrados;
- Criação de um site oficial do museu, ligado a serviços de rede sociais, visto que são meios de comunicação mais eficiente do momento;
- Divulgar as iniciativas do museu através da imprensa escrita, falada e televisiva;
- Distribuir folhetos atualizados, pelos serviços públicos, de turismo, hotéis, etc., nos quais se apresente o museu, as suas atividades e serviços;
- Utilizar os suportes de publicidade de rua para a divulgação dos aspetos mais sugestivos do museu em termos gráficos;
- Criar uma publicação periódica com boa qualidade científica, artística e de impressão que publique os trabalhos de pesquisa realizados pelos conservadores e outros investigadores que se relacionem com o espólio do museu ou com temática afim;
- Realizar emissões televisivas de filmes de pequena e média duração que apresentem as peças mais significativas do museu de forma clara, correta e atraente;
- Usar transportes públicos como forma de transportar a imagem do museu;
- Realização de workshop relacionado com o museu, a história e a arquitetura do campo;
- Criação de peças de teatro, relacionado com o museu, a história e a arquitetura do campo;
- Utilizar associações cabo-verdianas nacional e nas diásporas para o efeito;
- Introdução de uma gravura nas moedas e notas cabo-verdianas;
- Criar cooperação com agências de viagens e agentes das hotelarias, no sentido de incluir no pacote de viagem, visita ao campo.

---

## Bibliografia

- Abranches-Ferrão, F. de, Salgado Zenha, F., Baptista, L., & Da Palma Carlos, M. J. (1974). *Angolanos no Tarrafal. Alguns casos de habeas corpus*. Porto: Afrontamento.
- Andringa, D. (2013). *Tarrafal. Memórias do Campo da Morte Lente* [Digital].
- Appleton, J. (2011). *Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e Tecnologias de Intervenção*(2ª). Lisboa-Portugal: Edições Orion.
- Assmann, J. (2008). *Communicative and Cultural Memory*. New York.
- Barros, V. (2009). *Campos de Concentração em Cabo Verde*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bergson, H. (2006). *Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Brazil: Martins Fontes.
- Brito, C. (2016). *Cadeia do Forte de Peniche. Como foi vivida*. Lisboa-Portugal: Alêtheia Editores.
- Bruchfeld, S., & A. Levine, P. (2000). *Contai aos vossos filhos.../Um livro sobre o Holocausto na Europa, 1933-1945*. Lisboa: Gótica.
- Correia Peixoto, L. (1993). *Peniche. 100 anos através da fotografia* (1ª). Rio Maior: Grafiartes.
- Dossier Tarrafal*. (2006). Lisboa.
- Eco, U. (2011). *Como se faz uma Tese. Em Ciências Humanas* (17ª). Lisboa-Portugal: Editorial Presença.
- Gallinaro, D. (2010). *O Papel do Museu da Resistência de Chão Bom no Desenvolvimento Turístico da Vila do Tarrafal – Cabo Verde* (Vol. 3). Porto: Universidade do Porto / Faculdade de Letras / Departamento de Ciências e Técnicas do Património.
- Loid Engenharia. (2011). *Relatório do Plano Diretor Municipal* (No. I). Tarrafal: Câmara Municipal Tarrafal de Santiago.
- Lopes, A. (2017). *Estratégias de Intervenção em Reabilitação Urbana: Centro Histórico da Cidade da Praia*. ULHT, ECATI, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Lisboa.
- Lopes Cardoso, I. (2013). *Paisagem Património* (1ª). Porto: Dafne Editora/CHAIA.

- 
- Lopes, F., & Correia, M. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Lopes Trindade, L. (2009). *Biblioterapia e as Bibliotecas de Estabelecimentos Prisionais: Conceitos, objectivos e Atribuições*. Universidade de Brasília, Brasília.
- Mota Alves, F., Soares, L., & Rodrigues, C. (2016). *Estudos de Memória. Teoria e Análise Cultural*(1ª). Portugal: Edições Húmus.
- Mucznik, E. (2015). *Auschwitz. Um dia de Cada vez* (3ª). Lisboa-Portugal: a esfera dos livros.
- Oliveira, C. de (1974). *Tarrafal. O Pântano da Morte*. Lisboa-Portugal: Editorial “República.”
- Oliveira, G. de (1987). *Memória viva do Tarrafal*. Lisboa: Editorial Avante.
- Perreira Bastos, J. (2013). *Os Últimos Presos do estado Novo-Tortura e Desespero em Vésperas do 25 de Abril*(1ª). Alfragide-Lisboa: Oficina do Livro.
- Pires, C. (1975). *Memórias de um prisioneiro do Tarrafal*. Lisboa-Portugal: edições Déagá.
- Silva, J. H. da (2012). *Perfil Urbano da Cidade do Tarrafal Ilha de Santiago República de Cabo Verde*(No. I). Cabo Verde: Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.
- Sousa, F. de (1978). *Tarrafal. Testemunhos*. Lisboa: Editorial Caminho, SARL.
- Nogueira, G. (2016). *Cabo Verde e a Música. Dicionário de Personagens*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Rodrigues, M. F. (1974). *Tarrafal. Aldeia da morte*(104th ed.). Portugal: Brasília Editora.
- Santiago Baptista, L. (2007). *Memórias Difusas*, 9.
- Soares Neves, B. (2017). *O Seminário. Liceu de S. Nicolau* (2ª). Praia: Fundação João Lopes.
- Soares, P. (1975). *Tarrafal. Campo da Morte Lenta*(2ª). Lisboa: Avante.
- Sousa Brito, J. (2011). *Ciência Regional em Cabo Verde-Desenvolvimento e Planeamento* (1ª). Cascais-Portugal: Principia Editora.
- Tavares Gomes, J. (1989). *Tarrafal. A História. A Terra. As Gentes*. Amadora-Portugal: Secretário Administrativo do Tarrafal.
-

Tomás de Aquino, A. (1978). *O segredo das prisões atlânticas*. Rio de Janeiro - Brasil: A Regra do Jogo, Edições.

Wünschmann, K. (2016). *Antes de Auschwitz Os Judeus nos Campos de Concentração Antes da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa-Portugal: Edições 70, LDA.



## **APÊNDICE - Fichas de resumo do estado de conservação do edificado**



### ***CENTRAL ELÉTRICA***

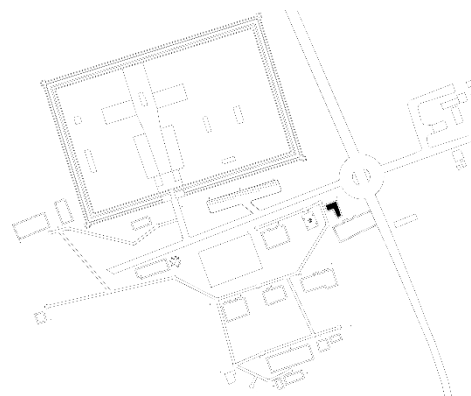
Código: 256-N-

Área: 40.80m<sup>2</sup>

Cércea: 5.37m

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação:



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Falta de manutenção	Razoável
Parede Interior	Estrutura	-----	--	-----	-----
	Revestimento	-----	-	-----	-----
	Pintura	---		-----	-----
Teto	Estrutura	Madeira	Queimadura	Combustão dos motores	Mau
	Revestimento	Fibrocimento 2 águas	Partida	Vandalismo	Mau
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Vãos	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Pavimento	Revestimento	Argamassa	-----	-----	Bom



*Ficha 1 Central elétrica*

**MORADIA DE ENCARREGADO DE CENTRAL  
ELÉTRICA, MORADIA DE UM GUARDA DA  
PSP DE ANGOLA E MORADIA DO SUBCHEFE  
DA PSP DE ANGOLA**

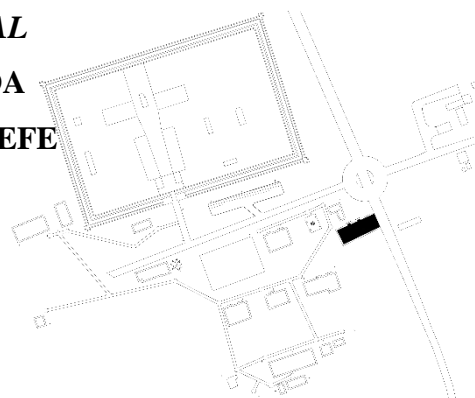
Código: 256-V-, 256-X- e 256-Y-

Área: 477.12m<sup>2</sup>

Cércea: 3.88m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema Construtivo	Patol ogias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Falta de manutenção	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 águas	Partida/poeira	Falta de conservação	Mau
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	Partido	Uso inadequado	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 2 Moradia de encarregado de central elétrica, moradia de um guarda da PSP de angola e moradia do subchefe da PSP de angola

### MORADIAS DOS ENFERMEIROS

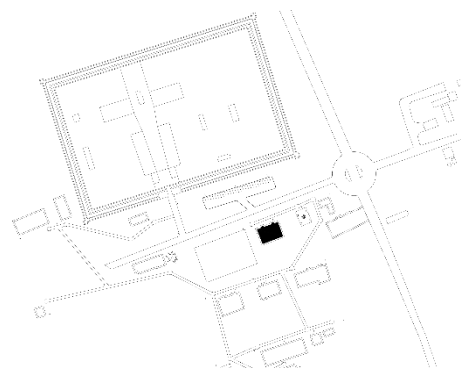
Código: 256-Z-

Área: 298.91m<sup>2</sup>

Cércea: 3.90m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema	Patol	Causa	Estado
		Construtivo	ogias	provável	Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Falta de manutenção	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 águas	Partida/poeira	Falta de conservação	Mau
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	Partido	Uso inadequado	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 3 Moradias dos enfermeiros



**MORADIA DE TRÊS GUARDAS DE PSP DE CABO VERDE**

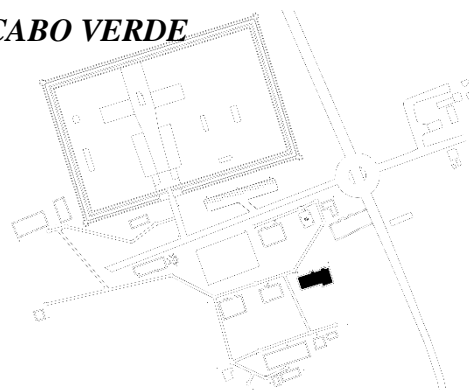
Código: 256-Z`´´´´´-

Área: 416.88m<sup>2</sup>

Cércea: 3.93m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema	Patol	Causa	Estado
		Construtivo	ogias	provável	Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Fungos	Humidade	Razoável
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Falta de manutenção	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 águas	Partida/poeira	Falta de conservação	Razoável
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	Partido	Uso inadequado	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Figura 87. Ficha 4 Moradia de três guardas de PSP de Cabo Verde

### MORADIAS DOS MOTORISTAS

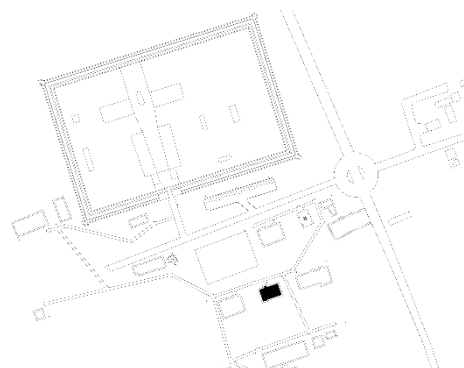
Código: 256-Z<sup>^^</sup>-

Área: 216.18m<sup>2</sup>

Cércea: 4.40m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema	Patol	Causa	Estado
		Construtivo	ogias	provável	Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Queda	Perda de material	Razoável
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Falta de manutenção	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 águas	Partida/poeira	Falta de conservação	Razoável
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	Partido	Uso inadequado	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 5 Moradias dos motoristas

**MORADIAS DE TRÊS GUARDA DA PSP DE ANGOLA**

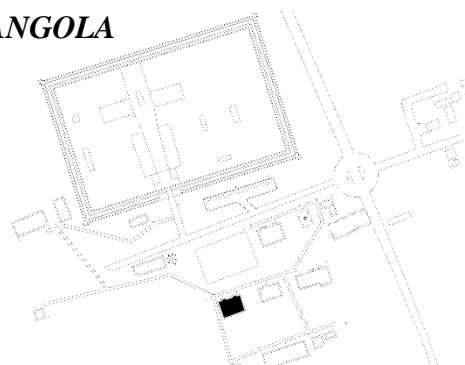
Código: 256-Z`-

Área: 304.88m<sup>2</sup>

Cércea: 3.62m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Mau



Elementos		Sistema	Patol	Causa	Estado
		Construtivo	ogias	provável	Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	Fissuras	Assentamento de piso	Razoável
	Revestimento	Reboco	Fissuras	Assentamento de piso	Razoável
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Humidade	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 águas	Partida/poeira	Falta de conservação	Razoável
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	Partido	Uso inadequado	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			

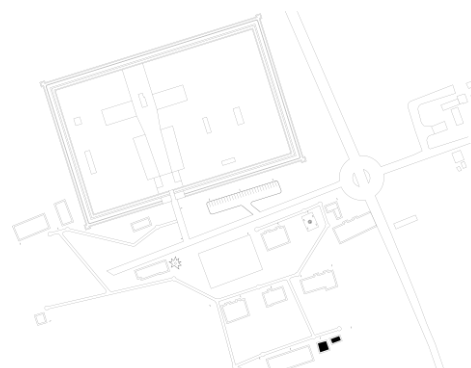


Ficha 6 moradias de três guarda da PSP de Angola



## DUAS ARRECADAÇÕES DOS DIVERSOS

Código: 256-P-  
 Área: 117.00m<sup>2</sup>  
 Cércea: 4.40m  
 Uso atual: Moradia  
 Estado de conservação: Mau



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Queda	Perda de material	Razoável
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Humidade	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Ferro e madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento/telha marselha 2 águas	Partida/poeira	Falta de conservação	Mau
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Ferro/madeira	Partido	Uso inadequado	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Falta de proteção	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 7 Duas arrecadações dos diversos

### CASERNA DOS SOLDADOS

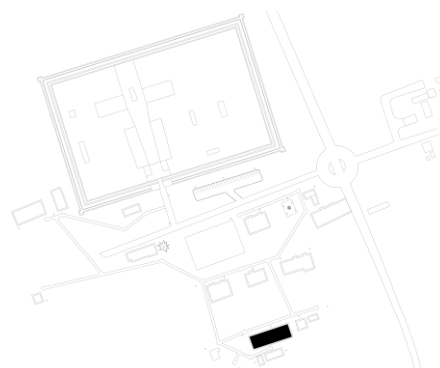
Código: 256-K-

Área: 497.88m<sup>2</sup>

Cércea: 6.41m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Humidade	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Ferro e madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento/telha marselha 2 águas	Partida/poeira	Falta de conservação	Mau
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Ferro/madeira	Partido	Uso inadequado	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Falta de proteção	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 8 Caserna dos soldados

**REFEITÓRIO E SALAS DOS SOLDADOS**

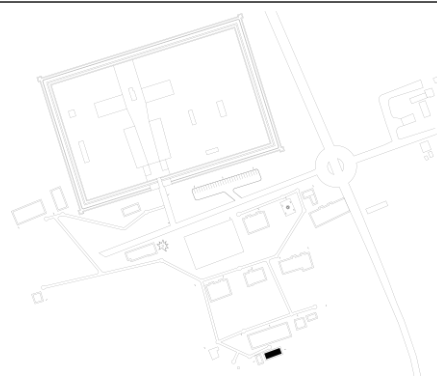
Código: 256-L

Área: 101.12m<sup>2</sup>

Cércea: 3.70m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Queda	Perda de material	Razoável
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Humidade	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Ferro e madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento / telha marselha 2 águas	Partida/poeira	Falta de conservação	Mau
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	Partido	Uso inadequado	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Falta de proteção	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 9 Refeitório e salas dos soldados



**COZINHA**

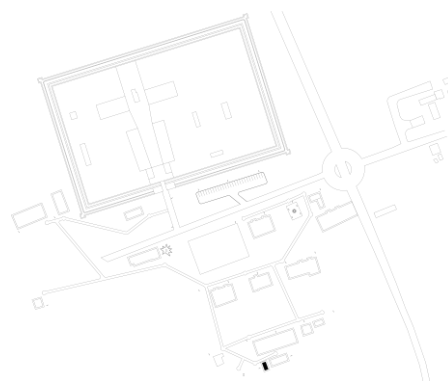
Código: 256-CZ

Área: 34.00m<sup>2</sup>

Cércea: 3.20m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Mau.



Elementos		Sistema	Patol	Causa	Estado
		Construtivo	ogias	provável	Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Queda	Perda de material	Mau
	Pintura	Tinta de água	Fungos	Humidade	Mau
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Ferro e madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento e colmo 2 águas	Partida/poeira	Falta de conservação	Mau
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	Partido	Uso inadequado	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Falta de proteção	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 10 Cozinha

**PARQUE DE VIATURA MILITARES**

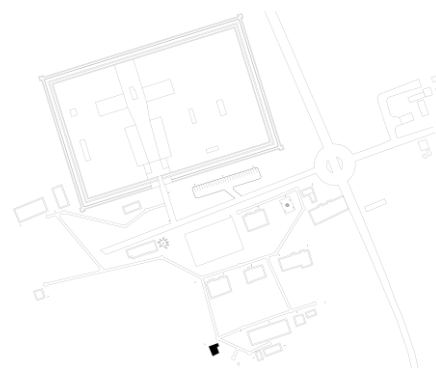
Código: 256-PV

Área: 84.76m<sup>2</sup>

Cércea: 3.20m

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Mau



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Razoável
Teto	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Vãos	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Pavimento	Revestimento	Argamassa	Partido	Queda de material	Razoável

*Ficha 11 Parque de viatura militares*

***CAMARATAS DOS SARGENTOS E GUARDAS DOS OFICIAIS***

Código: 256-O-

Área: 230m<sup>2</sup>

Cércea: -----

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Mau



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Parede Interior	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Teto	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Vãos	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Pavimento	Revestimento	Argamassa	Partido	Queda de material	Mau



*Ficha 12 Camaratas dos sargentos e guardas dos oficiais*



**SECRETARIA**

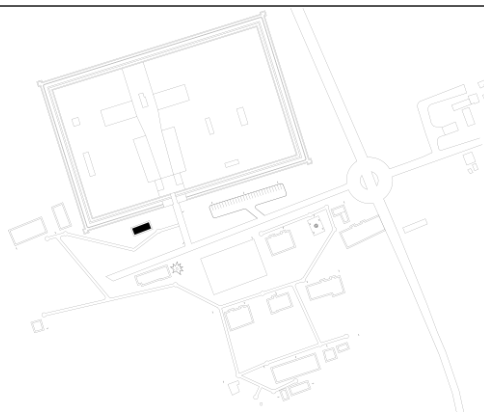
Código: 256-j-

Área: 96m<sup>2</sup>

Cércea: -----

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Mau



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Parede Interior	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Teto	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Vãos	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Pavimento	Revestimento	Madeira	Partido	Uso inadequado	Mau



Ficha 13 Secretaria

**MORADIA DE TRÊS GUARDA DO PSP DE CABO VERDE**

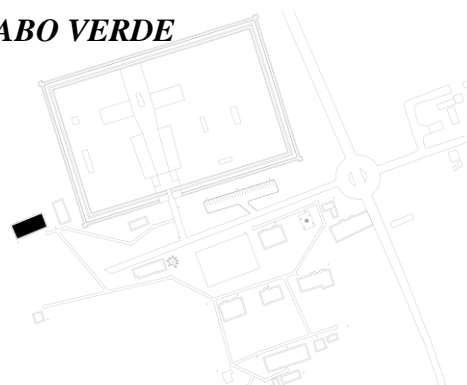
Código: 256-Z`´´´´

Área: 477.11m<sup>2</sup>

Cércea: 3.83m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 águas	-----	-----	Bom
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	Partido	Desgaste natural	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Falta de proteção	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 14 Moradia de três guarda do PSP de Cabo Verde

## AQUARTELAMENTO DOS GUARDAS AUXILIARES

### PADARIA

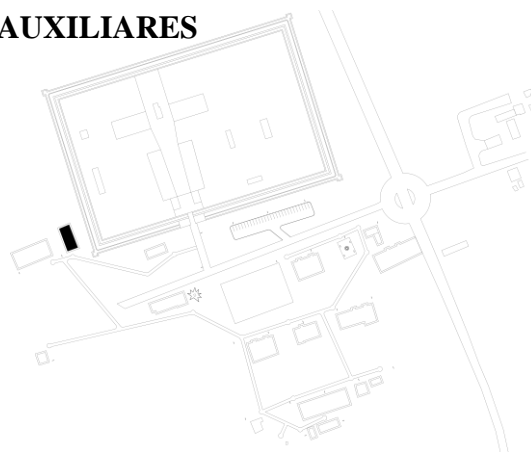
Código: 256-M

Área: 165.24m<sup>2</sup>

Cércea: 6.32m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Mau



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Queda	Perda de material	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 águas	-----	-----	Mau
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	Partido	Desgaste natural	Mau
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Falta de proteção	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 15 Aquartelamento dos guardas auxiliares



**PAIOL**

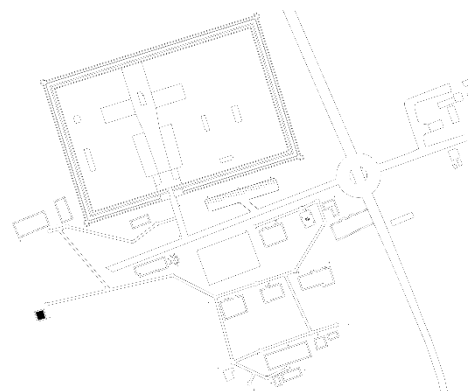
Código: 256-PA

Área: 42.00m<sup>2</sup>

Cércea: 3.85m

Uso atual: Moradia

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Desgaste natural	Razoável
Parede Interior	Estrutura	Sem acesso			
	Revestimento				
	Pintura				
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 4 águas	-----	-----	Mau
	Pintura	Sem acesso			
Vãos	Estrutura	Madeira	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta de água	Escamação	Falta de proteção	Mau
Pavimento	Revestimento	Sem acesso			



Ficha 16 Paioil

### CASAS DE GUARDA

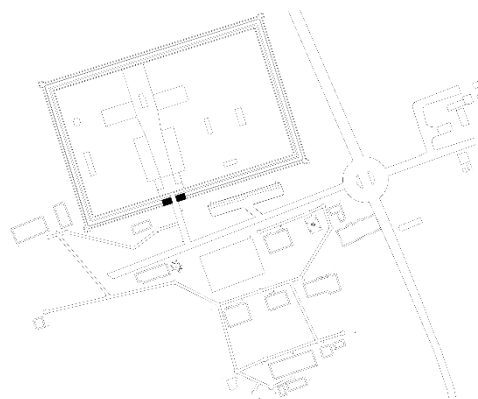
Código: 256-I-

Área: 115m<sup>2</sup>

Cércea: 4.00m

Uso atual: Recepção e museu

Estado de conservação: Bom



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'água	-----	-----	Bom
Parede Interior	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Teto	Estrutura	Betão armado	Corrosão	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'óleo	-----	-----	Bom
Vãos	Estrutura	Madeira	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'óleo	-----	-----	Bom
Pavimento	Revestimento	Argamassa	-----	-----	Bom



Ficha 17 Casas de guarda

## QUARTOS DE VISITA E LOGÍSTICA CELAS NORMAIS E DISCIPLINARES

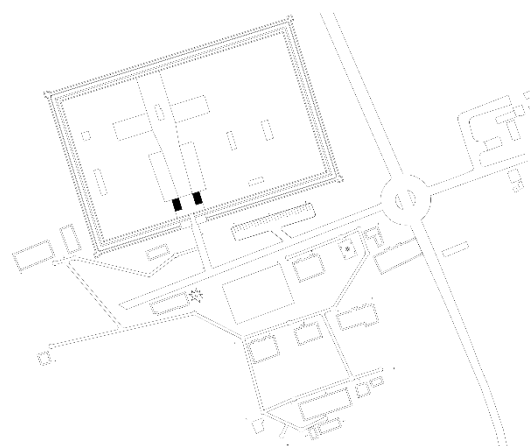
Código: 256 2 e 256 3

Área: 154m<sup>2</sup>

Cércea:

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Razoável.



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Fungos	Chuva	Razoável
	Pintura	Tinta D'água	Escamação e Fungos	Desgaste natural e Chuva	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'água	Escamação	Desgaste natural	Razoável
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 1 água	Poeiras	Falta de limpeza	Razoável
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Vãos	Estrutura	Madeira	Fissuras	Falta de proteção	Razoável
	Pintura	Tinta D'óleo	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Argamassa	-----	-----	Bom



Ficha 18 Quartos de visita e logística celas normais e disciplinares



**CORREDOR CENTRAL**

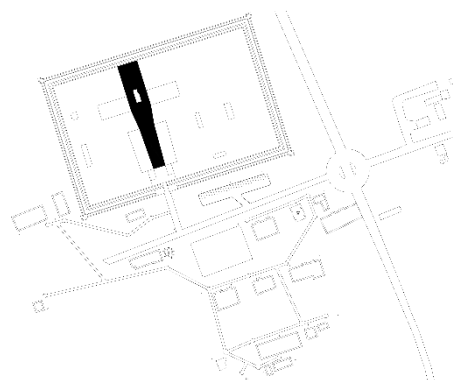
Código: -----

Área: 1795m<sup>2</sup>

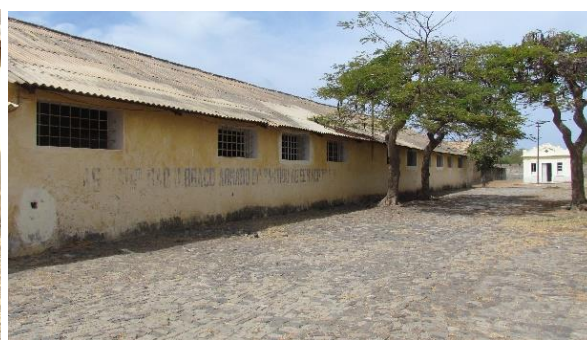
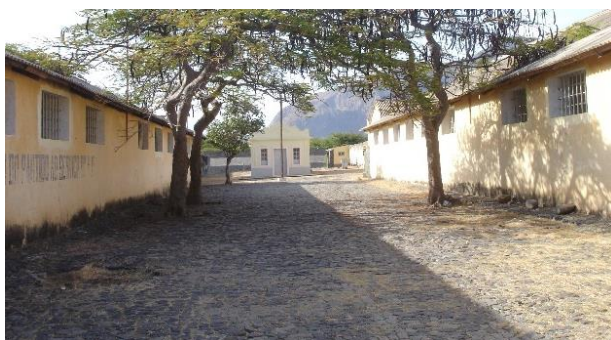
Cércea: -----

Uso atual: Circulação pedonal e viária

Estado de conservação: Bom



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Pavimento	Revestimento	Pedra basáltica	Deformação	Assentamento de piso	Bom

*Ficha 19 Corredor central*

**CELAS DOS PRESOS POLÍTICOS ANGOLANOS**

**E GUINEENSES**

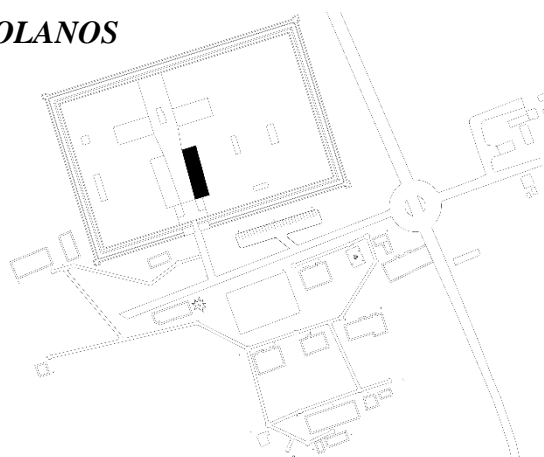
Código: 256-A-

Área: 498m<sup>2</sup>

Cércea: 6.40m

Uso atual: Conferencia/assembleia municipal

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Fungos	Chuva	Razoável
	Pintura	Tinta D'água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'água	Escamação	Desgaste natural	Razoável
Teto	Estrutura	Ferro/madeira	Corrosão	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 água	Poeiras/partido	Falta de limpeza	Mau
	Pintura	Tinta D'água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Vãos	Estrutura	Ferro	Corrosão	Falta de proteção	Razoável
	Pintura	Tinta D'óleo	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Argamassa	-----	-----	Bom



Ficha 20 Celas dos presos políticos angolanos

**CELAS DOS PRESOS DE DELITO COMUM**

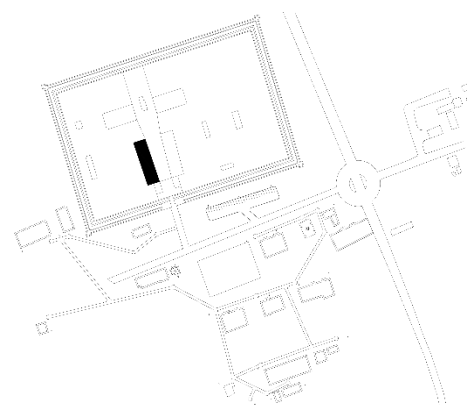
Código: 256-A`-

Área: 498m2

Cércea: 6.40m

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Razoável.



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Fungos	Chuva	Razoável
	Pintura	Tinta D`água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D`água	Escamação	Desgaste natural	Razoável
Teto	Estrutura	Ferro/madeira	Corrosão	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 água	Poeiras/partido	Falta de limpeza	Mau
	Pintura	Tinta D`água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Vãos	Estrutura	Ferro	Corrosão	Falta de proteção	Razoável
	Pintura	Tinta D`óleo	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Argamassa	-----	-----	Bom



Ficha 21 Celas dos presos de delito comum



**ENFERMARIA**

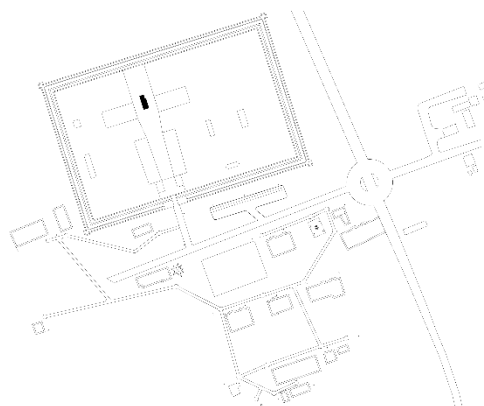
Código: 256-H-

Área: 50.50m<sup>2</sup>

Cércea:

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Bom



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D`água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D`água	-----	-----	Bom
Teto	Estrutura	Madeira	-----	-----	Bom
	Revestimento	Telha marselha 2água	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D`óleo	-----	-----	Bom
Vãos	Estrutura	Madeira	-----	-----	Razoável
	Pintura	Tinta D`óleo	Escamação	Desgaste natural	Razoável
Pavimento	Revestimento	Argamassa	-----	-----	Bom



Ficha 22 Enfermaria

## PAVILHÃO MULTIUSO

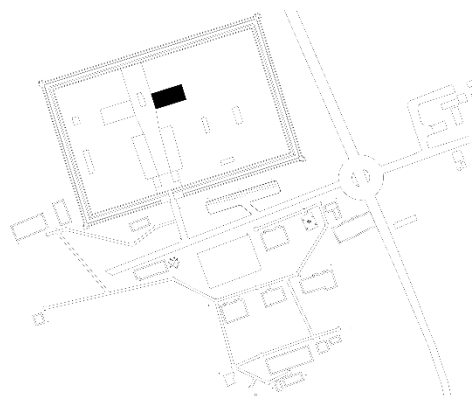
Código: 256-B-

Área: 402.96m<sup>2</sup>

Cércea: 6.10m

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Mau.



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	Fungos	Chuva	Razoável
	Revestimento	Reboco	Fungos	Chuva	Mau
	Pintura	Tinta D'água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Teto	Estrutura	Ferro/Madeira	Corrosão	Falta de proteção	Mau
	Revestimento	Fibrocimento 2 água	Partido	Desgaste natural	Mau
	Pintura	Tinta D'água	Escamação	Uso inadequado	Mau
Vãos	Estrutura	Ferro/madeira	Corrosão	Falta de proteção	Razoável
	Pintura	Tinta D'óleo	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Argamassa	Fissuras	Uso inadequado	Razoável



Ficha 23 Pavilhão multiuso



**SALA DE LEITURA**

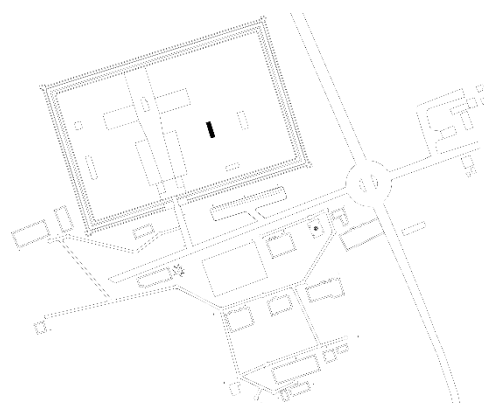
Código: 256A

Área: 81m<sup>2</sup>

Cércea:

Uso atual: Museu

Estado de conservação: Bom



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'água	-----	-----	Bom
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'água	-----	-----	Bom
Teto	Estrutura	Madeira	-----	-----	Bom
	Revestimento	PVC 2 água	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'óleo	-----	-----	Bom
Vãos	Estrutura	Madeira	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'óleo	-----	-----	Bom
Pavimento	Revestimento	Argamassa	-----	-----	Bom



Ficha 24 Sala de leitura

### LAVANDARIA

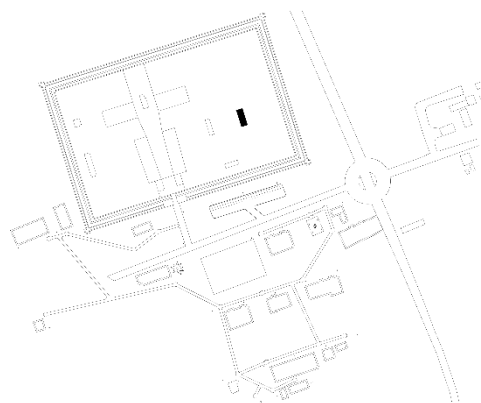
Código: 256-C-

Área: 81m<sup>2</sup>

Cércea:

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Mau



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	Fissuras	Assentamento	Razoável
	Revestimento	Reboco	Putrefação	Humidade	Mau
	Pintura	Tinta D`água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	Fissuras	Assentamento	Mau
	Revestimento	Reboco	Putrefação	Perda de material	Mau
	Pintura	Tinta D`água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Teto	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Vãos	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Pavimento	Revestimento	Argamassa	Fissuras	Assentamento	Razoável



Ficha 25 Lavandaria

### LATRINA

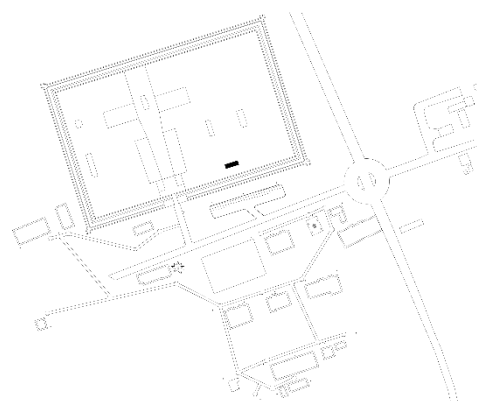
Código: 256-D-

Área: 36.90m<sup>2</sup>

Cércea:

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Mau.



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Putrefação	Humidade	Mau
	Pintura	Tinta D'água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Putrefação	Perda de material	Mau
	Pintura	Tinta D'água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Teto	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Revestimento	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Vãos	Estrutura	-----	-----	-----	-----
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Pavimento	Revestimento	Argamassa	Partido	Queda do objeto	Razoável



Ficha 26 Latrina



## PAVILHÃO MULTIUSO

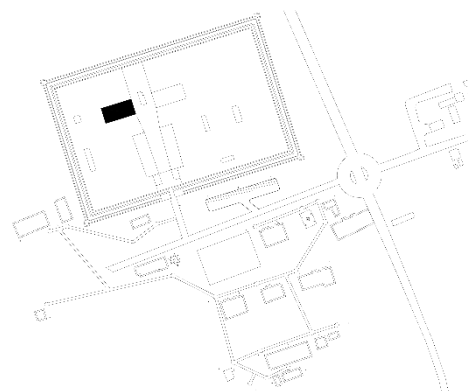
Código: 256-E-

Área: 402.96m<sup>2</sup>

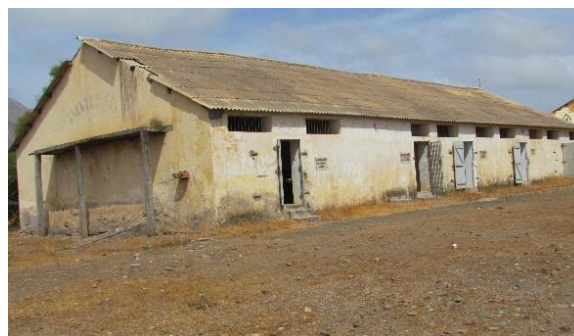
Cércea: 6.10m

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Putrefação	Humidade	Razoável
	Pintura	Tinta D'água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	-----	-----	Bom
	Pintura	Tinta D'água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Teto	Estrutura	Ferro/madeira	Corrosão	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Fibrocimento 2 águas	Partido/poeiras	Falta de conservação	Razoável
	Pintura	Tinta D'água	Destacamento	Desgaste natural	Razoável
Vãos	Estrutura	Ferro/madeira	-----	-----	Razoável
	Pintura	Tinta D'água	-----	-----	Razoável
Pavimento	Revestimento	Argamassa	Partido	Uso inadequado	Razoável



Ficha 27 Pavilhão multiuso

## LATRINA

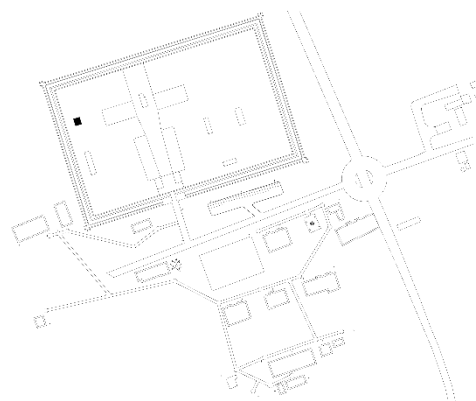
Código: 256-G-

Área: 45.26m<sup>2</sup>

Cércea:

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Razoável



Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Putrefação	Humidade	Razoável
	Pintura	Tinta D'água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	-----	-----	Bom
	Revestimento	Reboco	Putrefação	Perda de material	Mau
	Pintura	Tinta D'água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Teto	Estrutura	Madeira	Fungos	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Telha marselha 1 água	Partido	Falta de conservação	Razoável
	Pintura	-----	-----	-----	-----
Vãos	Estrutura	Madeira	Deformação	Desgaste natural	Mau
	Pintura	Tinta D'água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Argamassa	Partido	Queda do objeto	Razoável



Ficha 28 Latrina



**COZINHA E “HOLANDINHA”**

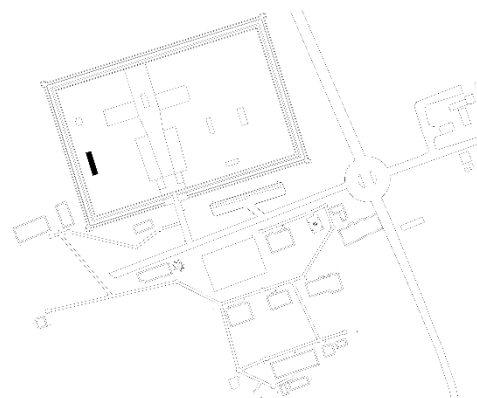
Código: 256-F-

Área: 205.46m<sup>2</sup>

Cércea:

Uso atual: Sem uso

Estado de conservação: Razoável

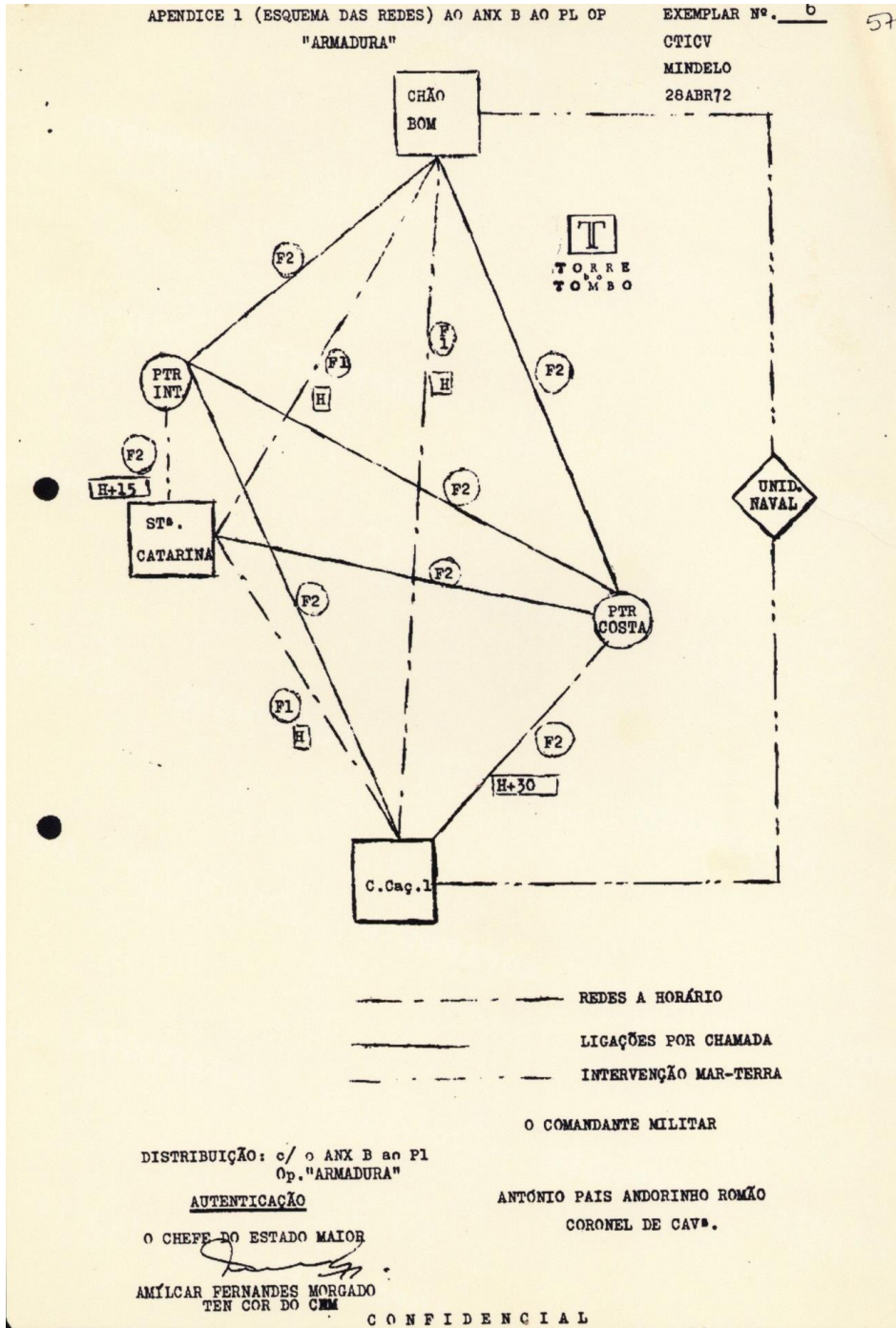


Elementos		Sistema Construtivo	Patologias	Causa provável	Estado Conservação
Fachadas	Estrutura	Pedra basáltica	Fissuras	Assentamento	Razoável
	Revestimento	Reboco	Putrefação	Humidade	Mau
	Pintura	Tinta D`água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Parede Interior	Estrutura	Pedra basáltica	Fissuras	Assentamento	Razoável
	Revestimento	Reboco	Putrefação	Perda de material	Mau
	Pintura	Tinta D`água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Teto	Estrutura	Ferro/madeira	Corrosão/Fungo	Falta de proteção	Razoável
	Revestimento	Telha marselha 1 água	Partido	Falta de conservação	Mau
	Pintura	Tinta D`água	Destacamento	Desgaste natural	Mau
Vãos	Estrutura	Madeira	Deformação	Desgaste natural	Mau
	Pintura	Tinta D`água	Escamação	Desgaste natural	Mau
Pavimento	Revestimento	Argamassa	Fissuras	Assentamento	Razoável



Ficha 29 Cozinha e “holandinha”


# ANEXO



Esquema de comunicação em prol da segurança do presídio. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT



EXEMPLAR Nº. 6 30

  
**INSTRUÇÃO DE TRANSMISSÕES**  
 TORRIL  
 LOMBO

CTICV  
MINDELO  
28ABR72  
TM 1

**ANEXO B (REDES RÁDIO) AO POP " ARMADURA "**

**REDES DE APOIO À OPERAÇÃO \_\_\_\_\_**

**1. GENERALIDADES**  
Serão considerados dois tipos de redes:

REDES A HORÁRIO  
LIGAÇÕES ESTABELECIDAS POR CHAMADA  
REDES DE INTERVENÇÃO MAR-TERRA

Sempre que possível deverá fazer-se uso das redes a horário, reservando-se as estabelecidas por chamada para caso de necessidade.

**2. REDES A HORÁRIO**

**2.1 REDE FIXA**  
A rede será inteiramente análoga à rede do Comando Sul já estabelecida. Trabalhará a horário com explorações intervaladas de 45 minutos com início no dia do começo da operação à hora H determinada pelo Comando Sul.  
O posto da Companhia de Caçadores 1 manterá escuta permanente à rede. A rede estará equipada com E/R AM/GRC-9 e trabalhará na frequência F1 estabelecida na ITM anexa.  
Será portanto interrompida a rede normal do Comando Sul. Os indicativos e grupos de endereço constantes das ITM em vigor serão substituídos durante a operação pelos das ITM anexas. A rede funcionará em grafia.

**2.2 REDE PATRULHA DE COSTA (REDE PTR 1)**  
A rede ligará a sede da Companhia de Caçadores 1 à patrulha desta Unidade destacada na costa. A rede funcionará a horário com explorações intervaladas de 45 minutos com início no dia de começo da operação e à hora H+15 minutos.  
A rede trabalhará na frequência F2 constante da ITM anexa e em fonia.  
Dessa ITM constarão os indicativos e grupos de endereço a utilizar. A rede estará equipada com E/R RACAL TR28B2, devendo o posto da Companhia de Caçadores 1 fazer escuta permanente à frequência F2 (FONIA). O Posto Director da Rede será o da Companhia de Caçadores 1.

**2.3 REDE DE PATRULHA NO INTERIOR (REDE PTR 2)**  
A rede ligará o Pelotão de Santa Catarina à sua patrulha em missão no interior. A rede funcionará a horário com explorações intervaladas de 45 minutos e início no dia do começo da operação e à hora H+30.

C O N F I D E N C I A L

Explicação do esquema de comunicação em prol da segurança do presidio. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT

Pág. 2 de 3 Pág. 3

A rede funcionará na frequência F2 e com os indicativos e grupos de endereços constantes das ITM anexas. A rede estará equipada com ER/ RACAL TR28B2. O Posto Director da Rede será o do Pelotão de Santa Catarina e a rede trabalhará em fonia.

### 3. LIGAÇÕES ESTABELECIDAS POR CHAMADA

A partir da hora H fica aberta a possibilidade a qualquer posto que interessado na operação de estabelecer ligações com os outros postos. Essas ligações serão efectuadas na frequência F2 e devem ser feitas apenas em caso de necessidade para evitar o empastelamento das redes. O Pelotão do Chão Bom manterá escuta permanente à frequência F2 através do E/R RACAL (FONIA). Estas ligações abrem as seguintes possibilidades de contacto:

#### a) À PATRULHA DE COSTA:

Ligação com:

  
 T O R R E  
 T O M B O

C.CAÇ.1 - Dentro do horário previsto (REDE PTR L) ou em qualquer momento se for necessário (FREQ. F2)

PEL.DO CHÃO BOM - Em qualquer momento (FREQ F2)

PEL.STª.CATARINA - Entrando na rede PTR 2 no horário desta rede (FREQ.F2)

PTR INTERIOR - Entrando na rede PTR 2 no horário desta rede (FREQ. F2)

#### b) À PATRULHA NO INTERIOR:

Ligação com:

C.CAÇ.1 - Em qualquer momento (FREQ.2)

PEL.CHÃO BOM - Em qualquer momento (FREQ. 2)

PEL.STª.CATª. - No horário normal da rede (FREQ.2)

PTR COSTA - Entrando na rede PTR 1 no horário desta rede (FREQ. F2)

#### c) AO PEL:CHÃO BOM:

Ligação com:

C.CAÇ.1 - Dentro do horário normal da rede fixa (FREQ.F1) ou em qualquer momento se for necessário (FREQ.F1).

PEL.STª.CATª. - Dentro do horário normal da rede fixa (FREQ F1) ou entrando na rede PTR2 (FREQ.F2) no horário

PTR COSTA - Entrando no horário da rede PTR 1 no seu horário normal. (FREQ. F2)

PTR INTERIOR - Entrando na rede PTR 2 no horário normal desta (FREQ. F2).

C O N F I D E N C I A L

Explicação do esquema de comunicação em prol da segurança do presidio. Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT



d) AO PEL.ST\*.CATARINA:

Ligação com:

C.CAÇ.1 - Dentro do horário normal da rede fixa (FREQ. F1) ou a qualquer momento se for necessário (FREQ.F1)

PEL.CHÃO BOM - Dentro do horário normal da rede fixa (FREQ.F1) ou em qualquer momento se for necessário (FREQ.F1).



T O R R E  
T O M B O

PTR COSTA - Entrando na rede PTR 1 (FREQ.F2) dentro do horário desta.

PTR INTERIOR - No horário da rede PTR2 (FREQ. F2)

e) A C.CAÇ.1:

Ligação com:

PEL.CHÃO BOM - No horário normal da rede fixa (FREQ. F1) ou se for necessário em qualquer momento (FREQ. F2)

PEL.ST\*.CAT\*.- No horário normal da rede fixa (FREQ. F1) ou entrando na rede PTR 2 (FREQ.F2)

PTR COSTA - No horário normal da rede PTR 1 (FREQ.F2)

PTR INTERIOR - Entrando na rede PTR 2 no horário normal desta (FREQ.F2)

4. REDE INTERVENÇÃO MAR-TERRA

Uma Unidade Naval que colabore na operação poderá entrar na rede na frequência F2 com a C.CAÇ.1 ou com o PEL.CHÃO BOM, unidades que mantêm escuta permanente a essa frequência. A Unidade Naval fará dentro do possível escuta permanente à frequência F2.

5. CONTACTOS COM O EXTERIOR

Todos os contactos com postos que servem Unidades estranhas ao Comando Sul serão feitos através do STM como habitualmente.

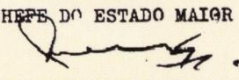
Embora nestas operações se usem indicativos e grupos de endereço diferentes dos constantes das ITM em vigor, nas ligações com o exterior deverão ser usados os indicativos e grupos de endereços normais, pelo que o Centro de Mensagens da Praia deverá fazer as necessárias alterações nas mensagens que tenha de expedir para o exterior provenientes destas redes.

APENDICES:

- 1 - Esquema das redes  
2 - Indicativos e frequências  
DISTRIBUIÇÃO: c/ o POP "ARMADURA"

AUTENTICAÇÃO

O CHEFE DO ESTADO MAIOR

  
AMÍLCAR FERNANDES MORGADO  
TEN COR DO CEM

O COMANDANTE MILITAR

ANTÓNIO PAIS ANDORINHO  
CORONEL DE CAV\*.

C O N F I D E N C I A L

Explicação do esquema de comunicação em prol da segurança do presídio

Fonte: Arquivo Nacional de Cabo Verde/MIT